

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SAULO NEVES DE OLIVEIRA

**LAZER SÉRIO E ENVELHECIMENTO:
EXPLORANDO A CARREIRA DE CORREDORES DE LONGA DISTÂNCIA EM UM GRUPO DE
CORRIDAS DE RUA NO SUL DO BRASIL**

Porto Alegre

2016

SAULO NEVES DE OLIVEIRA

**LAZER SÉRIO E ENVELHECIMENTO:
EXPLORANDO A CARREIRA DE CORREDORES DE LONGA DISTÂNCIA EM UM GRUPO DE
CORRIDAS DE RUA NO SUL DO BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Co-orientador: Robert A. Stebbins

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e
Educação

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Saulo Neves

Lazer Sério e Envelhecimento: explorando a
carreira de corredores de longa distância em um grupo
de corridas de rua no sul do Brasil / Saulo Neves
Oliveira. -- 2016.
178 f.

Orientador: Johannes Doll.

Coorientador: Robert A. Stebbins.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. lazer sério. 2. envelhecimento. 3. carreira.
4. grupo de corrida. 5. corrida. I. Doll, Johannes,
orient. II. Stebbins, Robert A., coorient. III.
Título.



ATA PARA ASSINATURA Nº _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação
EDUCAÇÃO - Doutorado
Ata de defesa de Tese

Aluno: Saulo Neves de Oliveira, com ingresso em 01/08/2012
Título: **LAZER SÉRIO E ENVELHECIMENTO: EXPLORANDO A CARREIRA DE CORREDORES DE LONGA DISTÂNCIA EM UM GRUPO DE CORRIDAS DE RUA NO SUL DO BRASIL**
Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Data: 17/06/2016
Horário: 14:00
Local: FAcEd

Banca Examinadora	Origem
Marco Paulo Stigger	UFRGS
Simone Valdete Dos Santos	UFRGS
Robert A. Stebbins	UCalgary
Marco Aurelio de Figueiredo Acosta	UFSM

Porto Alegre, 17 de junho de 2016.

Membros	Assinatura	Avaliação
Marco Paulo Stigger		Aprovado
Simone Valdete Dos Santos		Aprovado
Robert A. Stebbins	(Participação por teleconferência)	
Marco Aurelio de Figueiredo Acosta		APROVADO

Conceito Geral da Banca: (Aprovado) Correções solicitadas: () Sim () Não

Observação: Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.

Aluno

Orientador

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Às Instituições que me auxiliaram promovendo condições favoráveis ao desenvolvimento desta tese: CNPq, CAPES, SMED, UFRGS, University of Calgary

Aos professores Johannes Doll e Robert A. Stebbins, pelo acolhimento, orientação e amizade

Aos professores Leonardo Ribas e Milton Quintana pelas valiosas observações e auxílios ao longo de minha carreira como corredor e de preparação para a carreira de pesquisador

Aos professores: Marco Paulo Stigger, Marco Aurélio de Figueiredo Acosta e Simone Valdete dos Santos, pelas contribuições preciosas na elaboração da tese

Aos colegas e amigos da SOGIPA, UFRGS e Universidade de Calgary, especialmente àqueles que compartilharam comigo de suas idéias e comentários sobre o trabalho que está aqui apresentado

Aos corredores que se dispuseram a falar sobre suas vidas e, de forma generosa, me ajudaram a entender melhor suas carreiras e envelhecimentos

Aos meus familiares no Brasil e em Calgary que, com paciência e cuidado, ofereceram suporte fundamental para que a tese fosse formulada e finalizada

À minha esposa que esteve sempre presente e disposta a auxiliar no que estava ao seu alcance, com carinho e sabedoria. Sem sua colaboração, dificilmente o trabalho teria sido desenvolvido

Àquele que me dá diariamente forças para correr minha carreira e é o motivo de minha existência e fonte de todo o bem

Meu agradecimento à todos, de coração!

Deveras todas estas coisas considerarei no meu coração, para declarar tudo isto: que os justos, e os sábios, e as suas obras, estão nas mãos de Deus, e também o homem não conhece nem o amor nem o ódio; tudo passa perante ele.

Tudo sucede igualmente a todos; o mesmo sucede ao justo e ao ímpio, ao bom e ao puro, como ao impuro; assim ao que sacrifica como ao que não sacrifica; assim ao bom como ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento.

Este é o mal que há entre tudo quanto se faz debaixo do sol; a todos sucede o mesmo; e que também o coração dos filhos dos homens está cheio de maldade, e que há desvarios no seu coração enquanto vivem, e depois se vão aos mortos.

Ora, para aquele que está entre os vivos há esperança (porque melhor é o cão vivo do que o leão morto).

Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, mas a sua memória fica entregue ao esquecimento.

Também o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma para sempre, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol.

Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe com coração contente o teu vinho, pois já Deus se agrada das tuas obras.

Em todo o tempo sejam alvas as tuas roupas, e nunca falte o óleo sobre a tua cabeça.

Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias da tua vida vã, os quais Deus te deu debaixo do sol, todos os dias da tua vaidade; porque esta é a tua porção nesta vida, e no teu trabalho, que tu fizeste debaixo do sol.

Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.

Voltei-me, e vi debaixo do sol que não é dos ligeiros a carreira, nem dos fortes a batalha, nem tampouco dos sábios o pão, nem tampouco dos prudentes as riquezas, nem tampouco dos entendidos o favor, mas que o tempo e a oportunidade ocorrem a todos.

Que também o homem não sabe o seu tempo; assim como os peixes que se pescam com a rede maligna, e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enlaçam também os filhos dos homens no mau tempo, quando cai de repente sobre eles.

Eclesiastes 9:1-12

RESUMO

O problema central desta tese está na carreira de corredores participantes em um grupo de corridas no sul do Brasil o que levou à reflexão sobre como ela se relaciona com seu envelhecimento. Fez-se uma tentativa por explicar esse elemento aproximando-o da proposta conceitual de lazer de Robert A. Stebbins (2008) dentro de um contexto ainda pouco conhecido e explorado. Foram propostos os seguintes objetivos específicos para a exploração: 1. aproximar a perspectiva de lazer de Stebbins (2008) ao contexto estudado, com ênfase no conceito de carreira; 2. identificar as características das práticas de lazer dos corredores do grupo de corridas; 3. analisar as inter-relações entre as práticas de lazer dos corredores e suas carreiras com o seu envelhecimento. Para a compreensão do lazer no grupo de corredores, foram feitas observações diretas e participantes, incluindo conversas informais com os atores do meio social e mantendo-se seus registros em diário de campo. Adicionalmente, foram feitas entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de captar informações que não eram alcançáveis pelas observações. Para a construção dos dados, as entrevistas foram transcritas e codificadas e, cruzadas com as informações obtidas nas observações, sendo possível identificar temas relevantes para os corredores. Com a concatenação de tais temas, foi possível conceber um modelo teórico que explica e evidencia os possíveis delineamentos das carreiras dos corredores dentro de um contexto que engloba seus elementos mais amplos, como os processos que envolvem a constituição de grupos de corridas e configuram o lazer e envelhecimento dos corredores; elementos que se relacionam com a forma de interpretação e interação dos corredores com o contexto em que experimentam o lazer, como a relativização de valores e o humor; e, finalmente, elementos que são parte inerente do lazer que elegeram por realizar, como a aprendizagem das habilidades necessárias ao desenvolvimento das atividades. Como forma de aproximar o modelo à educação, há uma síntese propositiva de elementos educacionais que bem poderiam ser aprofundados por futuras pesquisas e discutidos em relação ao envelhecimento e carreira dos corredores do grupo.

Palavras-chave: lazer sério; carreira; envelhecimento; corrida; grupo.

OLIVEIRA, Saulo Neves. **Lazer Sério e Envelhecimento**: explorando a carreira de corredores de longa distância em um grupo de corridas de rua no sul do Brasil. Porto Alegre, 2016. 178 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ABSTRACT

The core problem in this thesis is on the career of runner who participates in a running group in Southern Brazil which led to reflection about how it relates to their aging. It was done an attempting to explain this element in an unexplored and almost unknown field as part of serious leisure perspective, the theoretical framework proposed by Robert A. Stebbins (2008). As specific objectives it was proposed: 1. to get the group activities close to the serious leisure perspective, emphasizing on career; 2. to identify the features of runners leisure in the running group; 3. to analyze the interrelations among leisure practices of runners, their careers and aging. Aiming to comprehend the leisure of the running group, direct and participant observations were held, including informal talking with social actors, and they were recorded in a field notebook. Additionally, semi structured interviews were held intending to catch information not reachable just through observations. To data construction, the interview were transcribed and coded and crossed with information obtained in observations, being it possible to identify relevant themes on runners' careers. Concatenating these themes, it was possible to develop a theoretical model to explain the runners' career and its possible designs in a context which includes its broader elements, as the processes of constitution of the running group which configures leisure and aging of runners; elements related to the way runners interpret and interact with the context they experience their leisure, as the values relativization and humour; and, finally, elements which are inherent part of the kind of leisure they chose to do, as learning required abilities and skills. As a way of put close the model and education it was done a propositional synthesis of educational issues which could be detailed in future investigations and discussed in their relation to aging and career in the running group.

Keywords: serious leisure; career; aging; running; group.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

FIGURAS

Figura 1 - Locais de Observação.	18
Figura 2- Três caracterizações dos momentos da carreira dos corredores.	138
Figura 3- Elementos que constituem a “lente” para a interpretação da carreira dos corredores.	139

TABELAS

Tabela 1- Artigos brasileiros em que a PLS está presente (elaborado a partir de OLIVEIRA, 2014).	40
Tabela 2- Artigos brasileiros em que a PLS está presente (2010-2015).	41
Tabela 3 - Padrão de distribuição das sessões de treinamento do grupo de corrida.	50
Tabela 4- Atividades de cada tipo de sessão de treino.	51

SUMÁRIO

<u>1</u>	<u>INTRODUÇÃO</u>	12
<u>2</u>	<u>METODOLOGIA E CONSTRUÇÃO DOS DADOS</u>	16
2.1	O CENÁRIO MAIS AMPLO: TRÊS PROCESSOS SOCIAIS E O ENVELHECIMENTO	23
<u>3</u>	<u>PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES: O CONCEITO DE LAZER SÉRIO E A PLS</u>	36
3.1	O GRUPO DE CORREDORES A PARTIR DA PLS	43
3.2	O COTIDIANO DO GRUPO DE CORRIDA	49
<u>4</u>	<u>A CARREIRA NO LAZER: UMA POSSIBILIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DO <i>SERIOUS LEISURE</i></u>	57
4.1	ERVIN GOFFMAN E A CARREIRA	58
4.2	A CARREIRA NO LAZER SÉRIO	61
4.3	A CARREIRA SUBJETIVA	62
4.4	CONTRIBUIÇÕES SOBRE A CARREIRA	69
4.5	O <i>DABBLING</i> E O CONTATO MEMORÁVEL	71
4.6	GRAUS DE ENVOLVIMENTO NO LAZER	72
4.7	ESTÁGIOS DA CARREIRA DE LAZER	73
4.8	HIERARQUIA	77
4.9	CRÍTICAS À PLS E À CARREIRA	79
<u>5</u>	<u>EXPLORANDO A CARREIRA NO GRUPO DE CORRIDAS DE RUA</u>	84
5.1	O <i>DABBLING</i> COMO INÍCIO E DESCOBERTA DA CARREIRA	91
5.2	O ESTRANHAMENTO NOS PRIMEIROS CONTATOS E A RELATIVIZAÇÃO COMO ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DE APRENDIZAGEM E TRANSIÇÃO NA CARREIRA	96
<u>6</u>	<u>HUMOR E IRONIA COMO ELEMENTOS RELEVANTES NO PROCESSO DE RELATIVIZAÇÃO</u>	106
6.1	HUMOR E IRONIA NO MUNDO DOS CORREDORES	108
6.2	ENVELHECIMENTO, LAZER SÉRIO E HUMOR	112
<u>7</u>	<u>HABILIDADES, CONHECIMENTO E EXPERIÊNCIA COMO ELEMENTOS IMPORTANTES PARA OS CORREDORES</u>	115

7.1	A CAPACIDADE DE RESISTÊNCIA E A DE VELOCIDADE	116
7.2	O RITMO	117
7.3	CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS IMPORTANTES AOS CORREDORES	120
8	<u>AS FORMAS DE MANUTENÇÃO DA CARREIRA DOS CORREDORES</u>	125
8.1	MUDANÇA DE PAPEL, PORÉM PERMANECENDO NO MUNDO DAS CORRIDAS	126
8.2	MUDANÇA NA INTENSIDADE DE ENVOLVIMENTO, MANTENDO ELEMENTOS DE SENTIDO E/OU DANDO PRIORIDADE A OUTROS COMPROMISSOS	127
8.3	MUDANÇA DE GRUPO E ESPAÇO DE PRÁTICA, ABRINDO NOVAS POSSIBILIDADES	129
8.4	ALTERNÂNCIA EM MOVIMENTOS DE IDA E VINDA ENTRE A CARREIRA DA CORRIDA E OUTRAS CARREIRAS, MUDANDO DE CARREIRA E, INTERROMPENDO A DA CORRIDA, TOTAL, PERIÓDICA OU PARCIALMENTE	130
9	<u>O LOOPING QUALIFICADO: UMA ALTERNATIVA PARA A VOLTA</u>	134
10	<u>O ENVELHECIMENTO E A CARREIRA DOS CORREDORES: UMA SÍNTESE DO MODELO E POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES COM A EDUCAÇÃO</u>	137
	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	153
	<u>REFERÊNCIAS</u>	158
	<u>APÊNDICES</u>	169
	<u>APÊNDICE I – MODELO DE CARREIRA DOS CORREDORES</u>	170
	<u>ANEXOS</u>	171
	<u>ANEXO A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</u>	172
	<u>ANEXO B – MODELO TERMO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA NA PESQUISA</u>	174
	<u>DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA</u>	174
	<u>ANEXO C – CATEGORIAS E FAIXAS ETÁRIAS NAS CORRIDAS DE RUA</u>	175
	<u>ANEXO D – DIAGRAMA DA PERSPECTIVA DO LAZER SÉRIO (PLS)</u>	176

1 INTRODUÇÃO

Por pelo menos três vezes na semana é possível encontrar um grupo de homens e mulheres de idades variadas que se reúne para treinar nas instalações de um clube esportivo em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Esse grupo tem como atividade principal a corrida, que se baseia principalmente no treinamento diário e na participação em diferentes competições nacionais e internacionais. São pessoas que têm sua vida comum, considerando atividades de trabalho e atividades familiares, e que decidiram, por diferentes razões, participar conjuntamente das atividades em torno da corrida. Basicamente, essas atividades se resumem a correr (continuamente ou em intervalos), fazer exercícios de reforço e manutenção físicos, e, em menor frequência, reunir-se para organizar a participação em eventos de corrida ou para uma confraternização. Para correr, o grupo utiliza a pista e os espaços internos do clube e as ruas e parques da cidade. Os exercícios de reforço e manutenção, em geral, são feitos em diferentes espaços do clube, bem como a organização da participação do grupo em eventos de corrida ou confraternizações. Hoje, isso tudo é muito comum no Brasil, onde os grupos de corrida de mais variados tipos cresceram de forma extraordinária nos últimos 15 anos.

O presente estudo é parte de uma investigação que teve início em 2008 e vem analisando esse grupo de corredores em suas atividades relacionadas à corrida. Este grupo é parte de um cenário de corridas que já foi destacado anteriormente no trabalho de mestrado (OLIVEIRA, 2010). Na dissertação, o estudo com o grupo de corredores foi elaborado a partir da Perspectiva do Lazer Sério (PLS), buscando uma primeira aproximação com essa teoria do lazer pouquíssimo conhecida no Brasil. Com o aperfeiçoamento do olhar durante esses anos de pesquisa, foi possível perceber o peso que a carreira, como uma das dimensões tratadas nessa teoria, tinha na experiência dos corredores do grupo. Além disso, esse refinamento permitiu entender melhor como o processo de envelhecimento se relacionava com essa importante dimensão da experiência dos corredores.

Dessa forma, os estudos utilizando a PLS continuaram e se especializaram na questão da carreira. O questionamento inicial que centrou o presente estudo foi: “Como é a carreira dos corredores e de que forma ela se delinea e se relaciona com o envelhecimento dos corredores do grupo de corrida?”. Esse questionamento foi sendo construído desde as primeiras indagações em torno das atividades dos corredores do grupo de corrida e, dentre outros indícios gerados na cultura envolvendo suas práticas, a epígrafe que foi utilizada na dissertação de mestrado (OLIVEIRA, 2010) era bastante representativa e excitante:

O homem sentado ao meu lado era um corredor que acabava de completar sua primeira maratona.
 “O que eu vou fazer agora?”, perguntou-me ele, ecoando o pensamento que lhe cruzava a mente.
 Sua resposta seria a minha resposta.
 O que eu vou fazer agora?
 A mesma coisa, só que um pouco mais profundamente.
 Se correr de novo, poderei aprender um pouquinho mais sobre mim mesmo, o mundo e Quem me criou.
 Posso correr de novo e mais outra vez.
 Posso me banhar na dor e no cansaço.
 Posso conseguir acesso à energia que ainda disponho.
 Posso correr de novo, e mais outra vez, construindo minha própria verdade a partir dessa experiência, a partir do que acontece.
 O que vou fazer agora?
 Não importa o que já tenha feito, ainda há muito a fazer.
 Não importa quão bem tenha sido feito, ainda pode ser feito melhor.
 Não importa quão rápido tenha corrido, ainda posso ser mais veloz.
 Tudo precisa se orientar nesse sentido, no sentido da perfeição.
 As coisas que escrevi, as provas que participei, cada dia da minha vida. Não há outro jeito. (SHEEHAN, 1996, p.232).

O trecho do livro de Sheehan (1996) trazia consigo os elementos das conversas e entrevistas que chamavam a atenção ao longo do trabalho: a questão de a pessoa realizar uma corrida e se questionar sobre o futuro; a progressiva intensidade no envolvimento com a atividade; o compartilhamento de valores entre os envolvidos na atividade; o vislumbre de possíveis aprendizagens e de seus conteúdos; o sentir-se capaz diante dos desafios relacionados à continuidade na prática da atividade; e, finalmente, o sentido dado à própria vida a partir da atividade. A partir desses elementos, o questionamento central da pesquisa tomou forma e desenvolveu-se ainda mais a exploração, baseada em observações e entrevistas, o que acabou revelando outros elementos relevantes e novos sobre as

experiências dos corredores. Esses elementos foram dispostos de forma a ilustrar um modelo representativo que considera as complexas possibilidades de delineamento das carreiras dos corredores de corridas de longas distâncias, homens, com idades a partir de 45 anos.

O trabalho inicia com a apresentação da metodologia em que foi baseado e a descrição do cenário de estudo de forma mais ampla, considerando o contexto social e parte de suas implicações sobre o estabelecimento das corridas de rua e dos grupos de corrida. A partir daí, passo a uma breve apresentação de como o grupo de corredores poderia ser visto a partir da Perspectiva do Lazer Sérió, utilizando das qualidades do lazer sério para uma aproximação prévia ao fenômeno que pretendo discutir. Esse movimento foi utilizado como um ajuste inicial para aqueles que ainda não estão familiarizados com os conceitos básicos que constituem a PLS. Na sequência, apresento o cotidiano do grupo de corrida que estudei, com detalhes das rotinas do grupo, em um esforço por tornar viva a experiência aos leitores e deixar claros os pontos de vistas aos quais tive acesso. Na seção que segue, dediquei uma boa parte do trabalho à apresentação do conceito de carreira que é o carro-chefe do estudo e constituiu parte de uma exaustiva revisão em torno do tema feita ao longo dos últimos quatro anos.

Apesar de o conceito de carreira direcionar, em geral, nossos pensamentos para áreas profissionais, é possível perceber a importância que se revela ao entendermos como a ela pode ser reconhecida em atividades de lazer. E, mais, como a carreira pode representar uma via de sentido fundamental para o envelhecimento das pessoas. Essa possibilidade é realçada na Perspectiva do Lazer Sérió, considerando a carreira como uma trajetória possível da pessoa que pratica a atividade de lazer de forma sistemática. Essa trajetória surge a partir da descoberta acidental ou contato memorável com a atividade de lazer e se delinea a partir de contingências específicas, *turning points*, níveis de intensidade de envolvimento, estágios de desenvolvimento e, em alguns casos, dentro de hierarquias, originando formas particulares nas práticas de lazer.

Dentre as proposições teóricas que embasam o conceito de carreira de lazer, destacam-se as de Goffman (1974), acrescidas de uma série de estudos de autores que têm contribuído nas últimas décadas com o desenvolvimento do conceito, sem contar com as

produções de Stebbins (1970 – 2014). O que parece haver em comum entre as contribuições é que em todas suas propostas nos colocam diante de possibilidades relacionadas a práticas que fazem sentido à pessoas envolvidas nas atividades (de lazer) a partir dos desdobramentos que apresentam em suas realizações (carreira). Certamente, essa é apenas uma faceta de uma importante dimensão da experiência, capaz de gerar realização pessoal e contribuir de forma potente com o desenvolvimento social, cultural e comunitário.

Ao longo da escrita, procurei inserir breves descrições de situações, trechos de entrevistas e conversas com corredores. Estas inserções foram distribuídas com objetivo de ilustrar e auxiliar, na medida em que mostram a orientação das reflexões construídas. Porém, as mesmas não adquiriram grande peso na apresentação do trabalho final, visando um equilíbrio entre os exemplos e as análises. A partir da seção “Explorando a carreira no grupo de corridas de rua”, o que eu considero o cerne do estudo começa a ser construído, procurando levar o leitor ao entendimento das diferentes facetas que a carreira e seus elementos configuram. É nessa parte que apresento os delineamentos das carreiras dos corredores, descrevendo desde o que chamaram de seu “início na corrida” até os momentos mais próximos do final. Destaco ao longo da exploração os elementos que entrecruzam os delineamentos das carreiras, como o humor e a relativização, e volto à questão básica do lazer dos corredores que é o desenvolvimento de suas carreiras a partir de suas habilidades e capacidades. Após a apresentação das habilidades e capacidades requeridas aos corredores, me pareceu oportuno ilustrar o modelo de carreira no grupo de corrida com a representação gráfica que se encontra em anexo. E, para finalizar, indicar com pequenas observações algumas possíveis articulações entre as atividades do grupo de corrida com a educação que poderiam ser desenvolvidas a partir do modelo de carreira apresentado.

2 METODOLOGIA E CONSTRUÇÃO DOS DADOS

A partir da pergunta inicial, foram traçadas as estratégias mais gerais para o estudo. Visto que a carreira em uma atividade de lazer e sua relação com o envelhecimento são assuntos ainda pouco explorados no Brasil, foram adotados procedimentos já muito bem conhecidos e utilizados no campo das pesquisas em ciências sociais para temas com essa característica.

Esta pesquisa é entendida como exploratória porque “visa padrões, idéias, ou hipóteses, ao invés de tentar testar ou confirmar hipóteses” (VOGT, 1999, p.114-115). De forma mais consistente, a exploração a qual me refiro nas ciências sociais pode ser entendida como:

[...] um empreendimento pré-arranjado, amplo, sistemático e intencional, projetado para maximizar a descoberta de generalizações que conduzem a descrição e entendimento de uma área da vida social ou psicológica. Tal exploração é, dependendo do ponto de vista tomado, uma maneira distintiva de conduzir a ciência – um processo científico -, uma abordagem metodológica especial (contrastando com a confirmatória), e uma orientação pessoal penetrante do explorador. As generalizações emergentes são muitas e variadas; elas incluem os fatos descritivos, conceitos populares, artefatos culturais, arranjos estruturais, processos sociais, e crenças e sistemas de crenças normalmente encontrados. (STEBBINS, 2001, p.05).

A aproximação em relação à carreira dos corredores de longa distância se deu qualitativamente. Assim, recorri inicialmente às observações diretas em um grupo de corredores de corrida de rua feitas entre os anos de 2008 e 2016. Inicialmente, em 2008 e 2009, as observações foram utilizadas para a dissertação de mestrado (OLIVEIRA, 2010). Mais tarde, em 2012, as observações foram retomadas visando o trabalho de doutorado¹.

¹ Todos os procedimentos adotados foram submetidos previamente à análise da Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da UFRGS através de um Projeto de Pesquisa, recebendo parecer favorável desta comissão.

Estas observações foram feitas a partir da participação ativa que tive como corredor do grupo. Porém, antes de tudo, obtive o consentimento esclarecido dos participantes da investigação, bem como dos responsáveis pelo grupo (modelos utilizados estão disponíveis nos ANEXOS A e B). Todas as observações foram registradas em um caderno de campo, como notas que continham as atividades, comportamentos e ações observadas entre os corredores, assim como minhas reflexões e apontamentos em geral.

Como já existia um alto nível de familiaridade de minha parte com o que era observado, com muita frequência recorri às observações de meu orientador que, por ser corredor e participar no mesmo grupo, auxiliou-me oferecendo uma diferente perspectiva de dentro do grupo e também como pesquisador experiente. Além disso, contei com o auxílio de um dos responsáveis pelo grupo que, por suas características de participação e reflexões sobre o grupo, contribuiu bastante no sentido de oferecer outras formas de ver o grupo e ajudar a esclarecer questões que ainda permaneciam obscuras. De acordo com Stebbins (1987, p.103), espera-se que o pesquisador “descubra e traga à luz aspectos do estilo de vida até então desconhecidos ou ocultos”. Com essa troca de informações e o cruzamento dos dados, aos poucos elementos da cultura dos corredores do grupo começaram a ser desvelados.

Além disso, a observação direta, especialmente com a participação do pesquisador, é considerada por diferentes autores uma estratégia imprescindível para um melhor entendimento de um contexto social (ADLER & ADLER, 1994, BECKER, 1952; PATTON, 2002). E, é relativamente importante para acessar as realidades subjetivas do grupo, ao tornar-nos [pesquisadores] parte do próprio fenômeno (STEBBINS, 1987; ADLER & ADLER, 1994). Estas foram realizadas em três locais em que predominavam a realização das atividades envolvidas no lazer dos corredores: o de treinamentos, no qual os sujeitos estavam em atividades de treinamento, utilizando das instalações do grupo, como a pista de treinamento e as ruas da cidade; o de eventos /competições, envolvendo os cenários configurados nas competições de corrida de rua em que os corredores participavam; e, o de reuniões e confraternizações, incluindo os lugares de encontros organizados pelos participantes do grupo com diferentes objetivos, como o de organização ou mobilização para participação em um evento esportivo ou de confraternização. Isso permitiu um enriquecimento do conhecimento sobre o meio social estudado (ADLER & ADLER, 1994; STEBBINS, 2001).



Figura 1 - Locais de Observação.

Entendeu-se que nesses locais propostos poderiam ser compreendidas as relações entre a carreira e o envelhecimento dos corredores, pois, parafraseando Myskiw & Stigger (2014, p.72), nestes locais, estas relações poderiam ser vistas “como uma configuração particular, que incide sobre os modos de correr (e envelhecer), de se comportar dentro e fora das ruas e que imputa critérios de inclusão e exclusão” – sendo, portanto, intimamente vinculadas aos percursos traçados pelos sujeitos a partir de suas práticas de lazer.

Adicionalmente, foram feitas entrevistas semi-estruturadas com os corredores do grupo. Esse tipo de entrevista foi proposta visando manter o nível de consistência na formulação das perguntas e oferecer certa flexibilidade aos corredores ao permitir que respondessem às suas próprias maneiras. E, também foi interessante para compreender a visão do próprio corredor entrevistado, pois a observação não necessariamente traria esse tipo de informação. Todas as entrevistas foram audiogravadas.

Como a carreira e o envelhecimento encontram-se em um campo ainda pouco explorado (OLIVEIRA & DOLL, 2014), as entrevistas semi-estruturadas tornaram-se uma aproximação importante, auxiliando na investigação (CRESWELL & PLANO CLARK, 2011).

Os corredores entrevistados foram selecionados a partir de quatro critérios fundamentais de inclusão: 1) ter participação no grupo; 2) ter idade igual ou superior a 45 anos; 3) ter participação em corridas de longa distância; 4) ser homem. Foram 15 corredores entrevistados, com idades entre 45 e 68 anos. Basicamente, os tópicos abordados nas entrevistas envolviam questões que buscavam obter informações a respeito das características gerais e específicas de suas trajetórias como corredores, os porquês de estarem correndo e suas motivações, as relações entre as práticas envolvidas na corrida e

sua vida cotidiana, as relações no grupo e, finalmente, suas percepções sobre o envelhecimento em geral e seu próprio envelhecimento.

Em suma, as questões gerais que orientavam as entrevistas foram as seguintes:

1. Como te envolveste com a corrida? (O que o levou a se envolver?).
2. Como te vêes em termos competitivos? (É sempre assim? Sempre foi assim? Como?).
3. Houve mudanças na tua atitude com relação à corrida durante o tempo que tu corres? Como isso aconteceu?
4. Quais os momentos mais marcantes durante o tempo que tu corres? (quais as coisas mais legais e não tão legais que aconteceram nesse tempo?)
5. Como é o teu envolvimento (em nível organizacional) com o clube? E com o grupo?
6. Como te relacionas com outros corredores do grupo? E com os de fora?
7. O que te levou a participar desse grupo especificamente? (contingências e características do grupo)
8. O que é preciso para fazer parte do grupo?
9. Existem expectativas entre os participantes? Esperam alguma coisa da tua parte? Existe algum tipo de cobrança?
10. O que te faz continuar a praticar a corrida?
11. Como é o futuro que tu projetas de ti na corrida?
12. O que poderia te levar a parar de correr?
13. Como gostaria de envelhecer?
14. Tu estás perto ou longe disso?
15. Se tu descobrisses que a corrida te afasta desse envelhecimento que tu desejas, tu pararias de correr?

Do total de 15 entrevistados, 10 foram entrevistados no ano de início de 2015 e seguiram o roteiro descrito. As outras cinco entrevistas foram feitas anteriormente, em 2009 e continham as mesmas 4 primeiras questões descritas. O número de 10 corredores entrevistados em 2015 foi atingido utilizando o critério de saturação. De acordo com Glaser & Strauss (2006), a saturação ocorre quando as informações dadas pelos entrevistados não acrescentam mais quaisquer informações novas e tornam-se repetitivas, sem que contribuam para o melhor entendimento do que se quer saber. Identificada a saturação, transcrevi todas as entrevistas que, na sequência, passaram por um processo de codificação no qual organizei e rotulei trechos a partir de pequenas descrições. As informações contidas

nas entrevistas e observações diretas foram cruzadas em um processo conhecido como de “triangulação” (PATTON, 2002, p.306), que envolve olhar para as duas aproximações e utilizá-las de forma complementar. Em síntese, foram realizadas seis etapas na produção de dados para a investigação: (a) a familiarização com os dados, observando quais os assuntos eram destacados pelos corredores. Nessa etapa, revisei os dados, relendo todas as entrevistas transcritas e fazendo anotações, em uma análise temática geral. Depois disso, procedi com a codificação inicial, buscando durante esse processo manter-me atento às seguintes perguntas (CHARMAZ, 2009, p.74):

- Esses dados representam o estudo de quê?
- O que os dados sugerem ou afirmam?
- Do ponto de vista de quem?
- Qual categoria teórica esse dado específico indica?

(b) A geração e códigos, rotulando os trechos de acordo com as ações identificadas. O esforço nesse momento inicial de codificação foi o de identificar as ações e buscar na medida do possível codificar os dados com essas ações (BECKER, 2007; CHARMAZ, 2009; SILVERMAN, 2009; 2010). De acordo com Charmaz (2009, p74), dessa forma é possível refrear “nossas tendências de fazer saltos conceituais e adotar teorias existentes antes que tenhamos realizado o trabalho analítico necessário”. (c) A identificação de temas relevantes, olhando de forma mais geral e para aspectos relacionados ao envelhecimento. Nessa etapa, temas gerais foram identificados e foram tratados em relação ao envelhecimento. Ao mesmo tempo em que muitos dos temas se relacionavam de forma esperada com o envelhecimento, concordando com as formulações gerontológicas já conhecidas, houve descobertas interessantes entre estes. (d) A revisão de temas, buscando avaliar sua consistência. Essa etapa consistiu em avaliar se os temas que surgiram na etapa anterior possuíam consistência do ponto de vista de quantidade e qualidade das informações coletadas. (e) A definição do nome adequado para cada um destes temas. Para essa etapa, foram analisados os nomes dados para cada tema, considerando a proximidade com a cultura dos corredores. Na mesma etapa, procurei garantir que o desenvolvimento do estudo mantivesse dois critérios na condução de uma análise coerente com a perspectiva da teoria fundamentada – “ajuste e relevância” (CHARMAZ, 2009, p.83). “Ajuste”, no sentido de o estudo possuir códigos bem ajustados ao mundo empírico, cristalizando a experiência dos participantes. E, “relevância”, indicando a apresentação de “um esquema analítico incisivo

que interpreta o que acontece e estabelece relações entre os processos implícitos e as estruturas visíveis” (CHARMAZ, 2009, p.83). E, por fim, (f) a escrita do estudo, que envolveu a organização de parte do material construído de forma a tornar o estudo acessível a outros pesquisadores e interessados na temática.

Outro procedimento realizado durante a pesquisa foi o de formular esquemas que pudessem representar a carreira em suas diferentes dimensões. Ao primeiro esquema formulado denominei “mapa da carreira dos corredores”, aproveitando tanto das formulações teóricas a respeito da carreira, quanto de memórias de minhas próprias experiências como corredor, as entrevistas e as observações. Além disso, procurei indicar em que se baseiam os dados apresentados no “mapa”, se tinham origem nos estudos, nos excertos, na experiência e/ou nas observações de campo. Esse procedimento foi inspirado no adotado por McQuarrie & Jackson (1996, p.461) na investigação sobre os patinadores no gelo, ao listarem dificuldades que os restringiam em suas próprias práticas de lazer.

A construção do “mapa”, de forma complementar aos estudos, ajudou nas análises e foi sendo elaborado gradualmente ao longo da investigação. David Silverman (2010), baseado em sua longa trajetória de pesquisa e escrita sobre metodologia de investigação científica, demonstra ao longo de seu livro como a observação de cenários e eventos rotineiros tidos como óbvios pode ser fecunda para a pesquisa qualitativa. Observando suas argumentações, busquei refletir de que forma poderia me aproveitar dos dados do “mapa” para entender melhor a carreira e o envelhecimento dos corredores.

Dentre as ações práticas de pesquisa, Silverman (2010) sugere aos pesquisadores que reconheçam “as capacidades rotineiras” e que tentem “iniciar um diálogo com as pessoas em seu estudo com base no entendimento da maneira pela qual as citadas capacidades funcionam na prática” (SILVERMAN, 2010, p.210). Meu primeiro olhar voltou-se para as capacidades rotineiras que eram necessárias aos corredores. Esse movimento, assim como muitos outros descritos ao longo desse projeto, foi um movimento experimental, na tentativa de testar os potenciais dos procedimentos gerados a partir das leituras. Assim, listei todas as capacidades “rotineiras” dos corredores, tendo em mente sua relação direta com a “carreira” do “lazer sério”, pois esta está “centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência” (STEBBINS, 2008, p.05,

tradução minha). Depois de listá-las, procurei definir o que cada uma dessas habilidades representava, bem como suas inter-relações, unindo a cada definição a descrição de um cenário ou exemplo para elucidar o caso.

As análises das entrevistas e observações levaram à inclusão de conversas com diferentes pessoas que foram identificadas como atuantes no contexto dos corredores e de suas práticas. Conversas com corredores de diferentes grupos foram incluídas, o que tornou possível pensar sobre as relações institucionais envolvidas no desenvolvimento das práticas da corrida de rua e influenciavam no delineamento das carreiras dos corredores do grupo. Stebbins (2008) destacou a importância dessa relação dos amadores com as instituições ou organizações em que o lazer sério é desenvolvido, e também mencionou que há amadores e voluntários que atuam em uma espécie de ponte entre duas ou mais organizações. Essa também foi uma realidade observada nas corridas de rua, dentro das diferentes possibilidades de participação que os corredores dispunham (como as de representar grupos diferentes a cada corrida ou de representar mais de um grupo). “Para esses, a continuidade da carreira se origina do aumento de suas reputações como praticantes habilidosos e experientes, e”, Stebbins (2012, p.82) continua, “baseada nessa imagem, [a continuidade da carreira se origina] do encontro cada vez maior de melhores oportunidades de lazer, disponíveis através de várias alternativas” (STEBBINS, 2012, p.82, tradução minha) – como presente nas movimentações dos sujeitos, praticantes do lazer, entre diferentes times, orquestras, organizações, torneios, conferências, competições, e assim por diante.

Além dos corredores de outros grupos, foram consideradas as observações e conversas com os seguintes atores significativos a partir das entrevistas: (a) os familiares dos corredores, especialmente as esposas ou companheiras; (b) os profissionais envolvidos nas atividades do lazer, dentre eles, fisioterapeutas, nutricionistas, médicos e, com maior destaque os treinadores; (c) os organizadores ou gestores das corridas; (d) os apoiadores ou patrocinadores, que, em alguns casos, representavam as pessoas que mantinham o corredor no lazer; e, (e) o público, que assistia aos corredores em eventos e enquanto treinavam.

O grupo de corrida de rua em questão era considerado um dos maiores do Estado (RS), tendo sido criado oficialmente no ano 2005. Antes disso, havia um pequeno grupo de quatro ou cinco corredores que era orientado pelos mesmos propositores do grupo

investigado atualmente. Esse grupo foi escolhido por uma série de razões. Um dos fatores interessantes à pesquisa foi o fato de o grupo ser formado por um grande número de participantes e possuir uma alta heterogeneidade em um grande leque de categorias pensadas. Essa característica estava representada pela variedade na participação, considerando categorias tradicionais como de homens, mulheres, jovens, velhos e adolescentes, e também o nível de envolvimento e desenvolvimento nas práticas da corrida. Estes são elementos que tornam interessante pensar sobre o envelhecimento e as práticas de lazer que ocorrem dentro do grupo. Além disso, uma das razões para que a pesquisa ocorresse no grupo era o seu acesso facilitado, tanto aos espaços onde as práticas de lazer aconteciam quanto à variedade de sujeitos que atuavam nesses espaços e que poderiam ser observados tranquilamente.

2.1 O CENÁRIO MAIS AMPLO: TRÊS PROCESSOS SOCIAIS E O ENVELHECIMENTO

Atualmente, a prática da corrida é uma atividade bastante evidente, tanto nas ruas e parques da cidade, quanto em diferentes mídias, como a televisão, revistas, rádio, etc. Com um número de pessoas cada vez maior, ela tem sido apontada por seus entusiastas como o segundo esporte mais popular no Brasil (SALGADO & CHACON-MIKAHIL, 2006; PAZIN *et al.*, 2008). Seja isso verdade ou não, é importante considerar que, embora se note um grande número de pessoas envolvidas, existem formas diferentes de praticar a corrida. Nem todos que correm, por exemplo, participam de competições de corridas de rua. Há aqueles que correm casualmente e, nesse contexto, existe uma infinidade de intenções e objetivos entre seus praticantes.

Olhando de forma mais ampla para o contexto social das corridas de rua, três processos importantes foram identificados, por se relacionarem de forma interdependente com o surgimento do grupo de corrida estudado, sua formação, características e desenvolvimento. Esses mesmos processos me ajudam a explicar, mais adiante, como o envelhecimento dos corredores é particularmente associado às suas carreiras.

Araújo (2015a; 2015b) identifica dois momentos em que a corrida atingiu seu pico em relação às participações. O primeiro “boom”, é apontado como iniciando na década de 1970

e declinando no final da década de 1980 (ARAÚJO, 2015a). O segundo, iniciando em meados de 1990 e chegando aos anos 2000 (ARAÚJO, 2015b). Com as observações participantes, ajustadas a partir das informações fornecidas pelas conversas com outros corredores, levam à conclusão de que o início dos anos 2000 é marcado fortemente por três processos, em torno das corridas de rua, que começam a tomar forma no Brasil e em especial na cidade de Porto Alegre. Nessa análise que se segue, retomo os principais pontos já destacados anteriormente na dissertação (OLIVEIRA, 2010).

O primeiro processo social que ocorre dentro do contexto das corridas de rua, e se destaca no cenário, é uma mudança no perfil dos participantes das corridas de rua. Houve uma transição de um perfil anterior predominante e particular na participação para uma ampliação expressa na variedade de perfis (gênero, idade, classe social, performance, etc). Uma marca interessante nesse processo se refere ao aumento na participação de pessoas com idades nas faixas de 40 a 60 anos. Salgado & Chacon-Mikahil (2006), por exemplo, analisam o número de provas e participantes das corridas de rua realizadas entre os anos 1997 e 2005, em São Paulo. No estudo, apresentam dados onde 70% dos participantes das corridas de rua da cidade estão na faixa de pessoas com mais de 40 anos. No mesmo estudo, menos de 1% dos participantes são considerados corredores de elite.

Em outro estudo sobre os perfis dos corredores e de suas participações, o de Pazin et al. (2008), tem-se o dado de que em Santa Catarina, no ano de 2006, 36,8% dos corredores de rua tinham idade superior a 50 anos. Da totalidade dos participantes, 57% contavam com orientação profissional, o que sugere um poder de acesso maior de mais da metade dos corredores a serviços adicionais oferecidos nas competições.

No Rio Grande do Sul, uma análise empreendida por mim, sobre as idades dos participantes das corridas de rua em Porto Alegre, em uma pesquisa feita em 2010², indicava o mesmo sentido de mudanças no perfil dos corredores na cidade. Em Porto Alegre, a

² Os dados apresentados são oriundos de análises feitas sobre as participações em corridas que compunham o "Circuito de Corridos CORPA", em provas ocorridas durante os anos de 2005 a 2009. Tal pesquisa contou com a preciosa colaboração e esforço do professor Átlia Viero de Conti, a quem sinceramente agradeço. Dados referentes aos eventos realizados em Porto Alegre foram obtidos e analisados a partir de informações oferecidas no site do Clube de Corredores de Porto Alegre (CORPA), principal entidade responsável pela organização das corridas de rua no RS. As "faixas etárias" são comumente utilizadas, tanto pelo (CORPA), quanto por outros organizadores de corridas de rua, visando separar corredores em categorias graduais de cinco em cinco anos de idade. Mais informações ver <http://www.corpa.esp.br>.

participação de homens e mulheres com idades superiores a 40 anos nas corridas representava em média 54,78% e 51,45%, respectivamente. A categoria “G” (faixa etária de 45 a 49 anos) foi a que apresentou o maior crescimento percentual nas participações totais masculinas – de 11,43% em 2005 passou para 16% dos participantes em 2009. Outra categoria masculina que sofreu uma grande alteração foi a categoria “A” (de 16 a 19 anos), que de 2,86% em 2005, aumentou para 4,38% em 2008 e decaiu para 0,86% em 2009.

Em uma análise do número de mulheres participando do “Circuito de Corridas de Rua do CORPA”, nos anos de 2005 a 2009, foi possível constatar que a média da participação feminina no seu último ano praticamente dobrou em relação ao primeiro – de 50 mulheres por prova em 2005, passou a uma média de 102 mulheres por prova em 2009. Na população feminina, a categoria que apresentou maior crescimento percentual nas participações foi a “E” (de 35 a 39 anos). A categoria que representava 10% do total das participações femininas aumentou em 2009 para 14%. De forma semelhante ao ocorrido na categoria “A” masculina, o número percentual das participações na categoria “A” feminina representou a categoria com maior decréscimo em suas participações. De 4% em 2005, o número de participações da categoria “A” feminina veio diminuindo nos anos que se seguiram, chegando a 0,98% de participação em 2009. Em Porto Alegre, as participações masculinas nas provas do mesmo circuito, embora não sejam tão acentuadas em crescimento, quanto as femininas, demonstram um aumento maior do que 50%. A média de participações que em 2005 equivalia a 210 corredores passou para 350 corredores por prova em 2009.

Um detalhe em relação ao gênero feminino, é que o movimento de corredoras na cidade de Porto Alegre começou a se fortalecer a ponto de também merecer a atenção de diferentes empresas. Uma delas, por exemplo, promove desde 2009 a edição de uma corrida especialmente para o público feminino, que até então só ocorria no Rio de Janeiro e em São Paulo. Mesmo com poucos dados sobre as participações das mulheres, surgem indicadores interessantes para quem se interessa por investigar essa área de grande potencial para os estudos socioculturais nas corridas.

Embora não tenhamos obtido dados diretos sobre a renda dos corredores participantes na época da pesquisa, fatores indiretos, como o aumento do valor das taxas de inscrição das provas, nos indicavam mudanças na participação. Além disso, nossas

observações atuais nos mostraram que parte dos corredores que estava praticamente sempre nas provas, que continha entre seus corredores aqueles que haviam se tornado figuras folclóricas nas corridas em Porto Alegre, desapareceu. Quando conseguimos encontrar uma ou outra dessas, a razão para a ausência, indicada queixosamente pela maioria, era a do alto custo para participação.

Esses dados geram curiosidade a respeito de como se desenvolveram desde então. Para uma pequena idéia, o site da Corpore Brasil (2014), uma entidade sem fins lucrativos que organiza eventos competitivos em São Paulo, oferece dados estatísticos sobre a participação nas corridas de rua em diferentes estados do Brasil. De acordo com o gráfico que a Corpore Brasil (2014) apresenta, é possível notar que houve um crescimento muito rápido de 1994, com 4,3 mil participantes, até 2004, com 80,3 mil participantes nas corridas de rua realizadas no Estado de São Paulo. A partir de 2004, a ascensão do número de participantes produz uma inclinação mais acentuada, atingindo seu pico em 2008, com 133 mil participantes e vai decrescendo, até chegar a 58,3 mil participantes, em 2014. Esses dados foram coletados a partir das provas que organizaram em São Paulo quase que em sua totalidade, mas apresentam semelhanças com o que foi notado no Rio Grande do Sul nos mesmos anos.

Essas mudanças no perfil dos corredores participantes das corridas de rua se conectam diretamente com o segundo processo que identificamos nas corridas de rua. A dinâmica entre esses processos garante aos eventos de corrida de rua uma forte visibilidade e um grande poder de atração, na medida em que torna o “sonho de ser atleta” possível para pessoas que, antes, estavam no “anonimato”. Esse movimento que vem ocorrendo no contexto das corridas de rua está especialmente vinculado aos modelos de provas que têm sido ofertados. Diferentes do modelo tradicional de corridas que era bastante comum na cidade, começaram a aparecer no mundo social das corridas de rua corridas com características inovadoras, no sentido de adotar estratégias para contemplar demandas sociais contemporâneas, relacionadas com a participação diferenciada nos eventos e pautada basicamente por interesses de mercado.

Em meados da década de 2000 até seu final, ainda parecia possível distinguir com certa precisão o que um dos treinadores entrevistados classificava de “corridas fashion” e

“corridas convencionais”, em relação aos tipos de corridas em que o grupo de corredores em foco participava. As corridas “convencionais” seguiam o que chamamos de “modelos tradicionais de corrida”, e se baseava principalmente em valores de individualidade e competitividade. Nesses modelos, a corrida estava voltada à performance e, assim, a atenção estava sobre os atletas - principalmente vinculados a clubes e entidades de atletismo e com dedicação em torno da prática da corrida.

As corridas dos “modelos tradicionais” eram caracterizadas, em geral, por terem a maior parte dos corredores participantes oriundos de classes sociais mais baixas e uma maior participação de corredores com nível de performance mais alto, ou mesmo “atletas de elite”. Para os corredores do estudo, essas corridas “tradicionais” são para os “corredores de verdade”, “corredores da elite” ou para os “profissionais”. Já os “novos modelos de corrida”, representados pelas “corridas fashion” e de ocorrência mais frequente em relação ao segundo modelo, tanto na cidade de Porto Alegre, quanto em outras capitais do Brasil, se baseiam em valores de coletividade, pertencimento, participação e divertimento, interatividade e relacionamento social. Esses valores não são exclusivos destes modelos, embora se apresentem de forma mais fraca e diferenciada no primeiro modelo. Nas corridas derivadas dos “novos modelos”, a atenção parece diluída entre os participantes, que são sujeitos com variados vínculos, atitudes, intensões. Isso faz com que, dependendo da especificidade do evento, este possa parecer mais um encontro ou desfile do que uma prova de corrida em termos competitivos tradicionais.

Além do alto custo de inscrição, os novos modelos de provas que surgiram estão marcados pela oferta de produtos relacionados à corrida e pela abertura de possibilidades de obtenção de artefatos simbólicos da cultura da corrida, tornando acessíveis valores que antes estavam restritos a uma pequena parte de corredores considerados de performance ou de elite – ao fazer sua inscrição, o sujeito ganha direito a um “kit de corrida”, contendo a medalha, o seu número de identificação, o chip que monitora o corredor durante o percurso, e, a camiseta do evento (em alguns casos, há camisetas em cores diferentes que servem para indicar o “nível do corredor”, classificando a faixa de tempo em que o corredor corre a distância da prova, e servindo como uma marca de expressão importante de sua carreira).

Na visão de parte dos corredores pesquisados “só os que podem” (referindo-se aos sujeitos com elevado nível econômico), alguns “corredores de fim-de-semana” (menosprezando e diferenciando-se dos que correm casualmente), “bombadinhos” (estereótipos de pessoas que malham nas academias), “patricinhas e mauricinhos” (estereótipos de pessoas que dependem dos pais), são o público-alvo das “corridas fashion”, um fato “lamentável”. Ao referirem-se a estes, consideram-nos pessoas que não pertencem ao mundo da corrida e, injusta e deslealmente, apenas se aproveitam do momento como oportunistas que, por terem condições financeiras favoráveis, se vestem, correm, falam e, enfim, se apropriam de seus símbolos e valores de forma artificial. Ainda, alguns corredores de alto nível são convidados a participar, representando e divulgando marcas, e geralmente essa participação é bem mais baixa do que em corridas dentro dos “modelos tradicionais” – uma ocorrência que gera ainda mais tensão entre os que se dizem “de verdade” e os que seriam considerados “os de mentira” na mesma lógica. Um caso curioso que lembra, em muito, as observações de Elias & Scotson (2000), na comunidade de Winston Parva, a respeito das relações entre os estabelecidos e outsiders, um ponto que poderia gerar um debate bastante fecundo em relação ao lazer sério e potente para futuras pesquisas.

Ainda, sobre os dois modelos de corrida, as possibilidades em relação às formas de participação dos corredores parecem ter mudado. Uma das alternativas de participação que, em 2007, estava começando a ser difundida e, atualmente, se estabeleceu como uma proposta comum é a de revezamento, variando em possibilidades de participação por equipes e em duplas, por exemplo. Semelhante às provas de revezamento realizadas em pista, como as de 4x100m e 4x400m do Atletismo, por exemplo, em que as equipes são formadas por quatro corredores que se revezam correndo percursos com distâncias de 100m ou 400m cada, é possível que as corridas de rua também sejam disputadas não apenas individualmente, mas também por equipes, duplas, trios, quartetos, etc., em revezamento.

Em um movimento dialógico entre as configurações dos eventos de corrida e os perfis dos corredores participantes, ocorrem outras mudanças bastante importantes no âmbito das corridas em Porto Alegre nas últimas décadas e surgem nesse contexto os grupos de corrida. Anteriormente, eram conhecidas as equipes de corrida, formadas por atletas que faziam parte da elite da corrida, pessoas que viviam em função do esporte, buscando uma alta performance. Com a transição da predominância de perfil dos participantes

observada nas corridas durante os últimos anos – baseada nos fatores anteriormente expostos: acessibilidade oferecida à diversidade de pessoas que desejam correr, novas formas de participação e os novos modelos de corrida –, começaram a se formar grupos de participantes que reuniam características diferentes das encontradas nas tradicionais equipes de corrida.

Nesse cenário, fora os grupos de corrida que marcaram seu espaço no mundo das corridas por terem se estabelecido como referência entre os grupos maiores (especialmente no início dos anos 2000, em Porto Alegre), há grupos de corrida que se originaram do relacionamento entre amigos que, por motivos diversos acabaram se juntando para participar de um evento, como uma equipe de revezamento. Aos poucos vão se reunindo mais amigos e/ou conhecidos e o grupo vai aumentando. Mas as dinâmicas dos grupos eram e ainda são bastante variadas e complexas, por isso, não poderiam ser determinadas de forma simples assim. Alguns grupos seguem depois da primeira experiência, participando com regularidades dos eventos que vão sendo oferecidos. Outros seguem apenas participando de eventos determinados, mantendo certa tradição de participação.

Hoje, o número de grupos de corrida de rua na cidade de Porto Alegre chega a ser de difícil contagem, pois existem vínculos diferentes, grupos que surgem e desaparecem, mudam de nome e assim por diante. Essa nova organização dos participantes em grupos de corrida também gerou espaços diferenciados para atletas e ex-atletas, tanto corredores de Porto Alegre, quanto de outras cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul. Dentre as modificações apresentadas, essa última se vincula diretamente aos percursos de vida daqueles que antes faziam parte do, até então, seleto grupo de corredores que encontrou como possibilidade profissional a atuação nos grupos de corrida – como treinadores, como assessores ou auxiliares nesses grupos de corrida. Muitos dos atletas que participavam das corridas de rua foram sendo convidados por lideranças de dentro dos grupos de corrida que emergiam para serem seus treinadores ou assessores nas atividades desenvolvidas. Alguns destes corredores convidados deixaram de competir, outros ainda mantinham de forma menos rigorosa o treinamento, competindo com menos frequência. Além disso, muitos atletas, ex-atletas e corredores aproveitaram de suas inserções no cenário social e formaram seus próprios grupos.

Esses três processos que se articulam geram uma série de questionamentos. Quais seriam as razões de existência desse aumento da participação de pessoas nessas faixas etárias destacadas nos eventos? Seria apenas uma questão relacionada aos interesses de mercado, aliada ao envelhecimento populacional atual? Ainda, fazem pensar sobre os porquês de haver o que poderia ser superficialmente visto como uma espécie de generosidade por parte dos organizadores, quando promovem a participação dessas idades e perfis identitários. “Por que promover estas faixas de idades específicas?”, por exemplo. Rojek (2013) realça aspectos relacionados ao poder e à política em grandes eventos globais que podem auxiliar no olhar crítico para os eventos em níveis menores como os de corrida. Mesmo sendo eventos que não poderiam ser considerados de níveis globais, eles apresentam aspectos comunicativos e emocionais poderosos, como a questão do pertencimento grupal e do ideal de busca por algo grandioso como inerentes aos indivíduos.

Segundo Rojek (2013), esses aspectos desviam a atenção da população dos aspectos políticos reais. E, os eventos de corrida apresentam características interessantes nesse ponto. Se, por um lado, os eventos globais visam os aspectos emocionais destacados, por outro, eventos como os de corrida, têm comparativamente uma participação maior dos sujeitos em papéis centrais, como protagonistas da atividade em que o evento se foca. Os sujeitos são “os corredores” e suas atuações realizam majoritariamente a existência do evento. Embora essa participação seja um bom elemento a ser questionado, esta não representaria apenas um momento em que há intervalo na rotina diária dos cidadãos, fornecendo uma ilusão de intimidade e de inserção social, ao mesmo tempo em que criam um senso de auto-validação e satisfação pessoal, como notado por Rojek (2013), servindo como forma de manutenção da desigualdade global e da injustiça social, bem como a obtenção de lucro, como enfatizado por Castilho (2016). Ela representaria, de forma mais ampla e complexa, a participação em um espaço que pode se configurar como de lazer onde a pessoa tem possibilidades de se desenvolver de forma completa, em experiências políticas e de aprendizagem, como percebido e frequentemente destacado nos estudos de Stigger (1997; 2002; 2009).

No estudo do grupo de corrida, isso apareceu em diferentes falas dos corredores. Como destaque, apresento a fala de Tadeu (54 anos) que ilustra muito bem parte do que foi

observado, em um pequeno trecho da entrevista do corredor, ao falar sobre os grupos de corrida e sua relação com os envolvidos com a promoção de eventos de corrida:

Nisso aí nós temos que evoluir. Nós temos que evoluir, tipo assim, os grupos, os treinadores, tem que chamar as empresas, tipo assim, Nike, e com isso fazer uma associação dos treinadores e exigir das empresas que fazem tênis de vender mais barato, tudo isso tem acesso cara. Você tem no grupo do Miguel [treinador], tem jovens aí que não tem a opção de ter um tênis, falo em tênis de 300 reais, o cara, o garoto não tem. Aí ele fica na dependência do tênis velho dos outros, é humilhante poxa. Aí, acho que é mais dos treinadores, não dos atletas, tem que chamar o gerente de marketing. Parece que já começou, já tá começando a acordar para algumas coisas. Nós temos que ter aqui preços acessíveis de material de esporte. Ou eles [organizadores das corridas] estão querendo selecionar demais, e eu acho que está errado. Eu acho que corrida é uma coisa que, ela é para todo mundo. Sabe, tem que oferecer um preço acessível para que todos tivessem a condição [de participar] e treinar. Não pode ser uma coisa elitizada. A corrida não, a corrida é uma coisa popular. O cara está correndo do seu lado, você não sabe se o cara é forte, se é rico, se é preto, o cara correndo você não está nem aí, é o senso de liberdade que a corrida dá. Estamos ali juntos cara, iguaizinhos. Estamos ali juntos, cara, vai e ninguém nota se você é isso, se você é aquilo. O doutor vai correr? Ele vai correr junto com o João, com o Manuel. Isso eu acho muito legal. Passa régua e igualar a todos, eu não sou melhor que você, melhor do que aquele, entende? Só que quando tem corrida do tipo aquela, running não sei o quê lá, dessas camisetas boas. Puxa! Então, vou falar: quando eu cheguei aqui em 2006, tinha uma barraquinha, a barraquinha de treino aqui, a barraquinha do treinador [entre os grupos de corrida]. Tinha uma barraquinha aqui, agora não bicho. Vamos colocar um preço mais justo nisso aí. Vamos tentar fazer alguma coisa para ajudar quem está precisando. Tem que fazer. Eu ainda posso, mas e aquele que quer e não pode? Como é que faz? É isso aí. Mas [correr] é muito legal.

Embora a fala acima seja atravessada por diversos elementos discutíveis do ponto de vista dos movimentos sociais, essa fala também permite uma ligação com outro elemento importante que atravessa a articulação dos três processos que ponho em destaque. Um movimento expresso na fala anterior, que pode ser observado, em muito se aproxima ao que foi identificado por Rojek (2013), ao discutir o Carnaval, no Rio de Janeiro. De acordo com Rojek (2013), o evento foi se afastando de seus elementos de igualitarismo e de acesso comum a todos, a partir de influências da televisão, patrocinadores e turismo, sendo submetido a forças da gestão econômica e do comércio. Esse fenômeno de afastamento do “espírito fundador” poderia ser comparado ao surgimento dos novos modelos de corrida

que, na perspectiva dos corredores entrevistados aparece e revela suas diferentes atitudes em relação a isso.

Entretanto, é importante retomar a afirmação de que existe uma grande heterogeneidade na experiência, sendo expressa e observada no grupo de corrida – e, dentro dessas variações, nem todos apresentavam engajamento político, crítico ou não, em torno das questões da corrida e/ou mesmo da vida em geral. Havia os corredores que faziam questão de discutir sobre suas realidades (o preço das inscrições, a relação com os mais novos, as relações entre os treinadores, os próprios treinamentos, etc.) e, em alguns momentos, desconfio que alguns acreditavam que, ao falarem poderiam gerar benefícios para si, para o grupo e para outros corredores. E, também havia os que não entravam em qualquer discussão, sendo parte dos que pareciam considerar que aquele momento de entrevista ou de conversas informais não eram momentos para demonstrar empenho político em torno da corrida ou do envelhecimento. Ainda, havia aqueles para quem estas questões não pareciam merecer atenção ou importância. Obviamente, dados os limites de investigação propostos, esses questionamentos e outros que surgiram não são respondidos aqui, porém estiveram presentes ao longo das análises e foram entendidos como importantes elementos na relação construída entre a carreira e o envelhecimento dos corredores do grupo.

É nesse processo histórico mais amplo que se insere a formação e estabelecimento do grupo de corrida que investiguei. O grupo iniciou suas atividades em 2005, dentro de um clube de esporte e lazer que mantém uma equipe de atletismo desde 1918 até os dias atuais, dentre outras modalidades esportivas. A referência esportiva internacional, com o preparo de atletas de nível olímpico, inclusive no atletismo, e a presença em competições de diferentes níveis, por exemplo, marcam o espaço em que nasceu o grupo de corrida em análise e em que se desenvolvem as carreiras dos corredores.

De acordo com um dos sócios-fundadores do grupo, a proposta inicial era a de oferecer uma alternativa aos sócios do clube, para que pudessem praticar a corrida com a supervisão e orientação dos mesmos profissionais que atuavam como treinadores da equipe de atletismo, mais particularmente nas provas de corridas de longa e média distância. Assim, dois treinadores iniciaram as atividades, e com o aumento da participação das mulheres,

uma ex-atleta do clube passou a dar atenção especial ao público feminino e, atualmente há outros dois profissionais de educação física, também atletas do atletismo, diretamente vinculados com o desenvolvimento das atividades do grupo de corrida.

É importante ressaltar que, dentro dos principais espaços ocupados pelo grupo para treinos, competições, e confraternizações, participavam tanto os corredores sócios do grupo de corrida, quanto os corredores da equipe de atletismo principal do clube. Em outras palavras, embora houvesse uma diferença de vínculo institucional entre os corredores, eles compartilhavam dos mesmos espaços e isso acabava por tornar invisíveis essas diferenças no grupo a um observador de fora. Em pontos específicos havia diferenciações que poderiam ser observadas mais de perto, especialmente quanto à cobrança de resultados direcionada aos corredores da equipe de atletismo e a realização de treinos em intensidades diferentes. Além disso, havia pontos de tensão, especialmente relacionados à questão da performance entre os corredores associados e os corredores atletas.

Outro ponto que merece destaque é a heterogeneidade de intenções e sentimentos que os corredores sócios do grupo expressavam – dentre os corredores sócios, se ouvia, por exemplo, “eu vim aqui me divertir um pouco”, “hoje eu vou fazer meu melhor”, compondo uma variedade de atitudes –, diferente da textura predominante na composição das falas dos corredores da equipe de atletismo, como “eu estou meio nervoso”, e, “eu estou confiante que vou baixar o tempo hoje” – relacionadas diretamente ao resultado que esperavam obter ao final das provas ou treinos. Em relação ao gênero e a idade, também havia características importantes no grupo de corrida. Em 2014, o grupo contava com aproximadamente 130 corredores, sendo que pouco mais da metade era de homens (52%), muito próximo ao número de mulheres (48%). A faixa etária predominante no grupo estava entre 38 e 54 anos (78%), embora a participação contasse com corredores em idades entre 16 e 85 anos.

Estes três processos destacados – sejam eles: a mudança de perfil dos corredores, as novas formas de eventos de corrida, e, o surgimento de grupos de corrida no Brasil – e as características específicas do grupo de corrida compõem parte de um cenário em que mais um elemento está adicionado aqui: o envelhecimento populacional. Não é um dado novo no campo da gerontologia o aumento da expectativa de vida e do crescimento da população

idosa, um fenômeno marcado pela diminuição da fecundidade e da mortalidade (CAMARANO, 2014). Esse fenômeno, que em parte é representado pela “transição demográfica”, amplamente discutida na gerontologia, interage “com as dinâmicas social e econômica, incluindo temas como crescimento econômico, desigualdade de renda, mercado de trabalho e políticas de educação, saúde e previdência social” (TURRA, 2014, p.s/n).

De forma adicional, une-se a esse envelhecimento populacional, a idéia de que a atividade é essencial para que se alcance um envelhecimento saudável e satisfatório (DOLL, 2009), sendo observadas diversas iniciativas no sentido de promover esse tipo de envelhecimento. Assim, um aspecto que acaba tendo forte influência sobre o modo de envelhecer é a busca pela participação em alguma atividade e, portanto, faz parte do cenário mais amplo no qual se desenvolve a carreira dos corredores.

A glamourização do envelhecimento saudável, engajado e ativo, a nosso entender acaba por camuflar as injustiças que são cometidas a uma significativa parcela da população brasileira. Nesta forma de raciocínio, acaba-se por condenar ao declínio aqueles que não optarem por uma vida de engajamento associativo, incluindo as atividades físicas e de lazer. (ALVES JUNIOR, 2004, p.59).

Pensando nas contradições, em “uma sociedade que privilegia o jovem, o poderoso e o considerado esteticamente dentro dos padrões contemporâneos”, foi que Alves Júnior (2004) investigou a formação e o desenvolvimento do que chamou de uma “pastoral do envelhecimento ativo” (ALVES JUNIOR, 2004, p.59), que pode ser vista aqui como parte de um movimento contraditório de promoção do envelhecimento saudável a partir da prescrição restrita da atividade. Envolvidos nessa promoção de tal envelhecimento, destacam-se as políticas públicas propostas a partir de documentos como a Carta de Otawa (1986) e o documento “Envelhecimento Ativo: uma política de saúde” (OMS, 2005), formulado a partir da Segunda Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre Envelhecimento, realizada em abril de 2002, em Madri, Espanha. Essas formulações acabaram refletindo na presença do envelhecimento nas mídias e na proposição de eventos esportivos, inclusive de corrida, promovendo o envelhecimento ativo como sua temática específica.

As configurações apresentadas aqui, entre o envelhecimento, lazer, esporte, educação e carreira, são consideradas como uma forma peculiar encontrada em um grupo específico

de corrida. Essas configurações podem se assemelhar entre os tantos grupos de corrida que existem, porém, foi possível perceber relações entre essas configurações sociais que são tratadas de formas bastante particulares no grupo específico. Essas formas não são vistas nem totalmente positivas, nem totalmente negativas, embora apresentem características consideradas, no final das contas, realizadoras e satisfatórias pelos corredores. A partir disso, passo às primeiras aproximações entre a exploração e a fundamentação teórica que utilizei em minhas descrições e interpretações.

3 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES: O CONCEITO DE LAZER SÉRIO E A PLS

Tendo como ponto de partida o cenário apresentado anteriormente, é possível perceber, mesmo que ainda de forma bastante ampla, a complexidade desse universo social no qual o envelhecimento e o lazer dos corredores se cruzam. Além disso, é possível ver que, seja de forma geral ou mesmo em um grupo específico de corredores, existe uma variedade de maneiras de as pessoas se relacionarem com a corrida. E, aqui, a ênfase é dada às relações que se estabelecem em torno de sua prática de forma sistemática.

Como mencionado, as análises foram construídas a partir de uma perspectiva participante no grupo de corredores. Antes de iniciar a pesquisa, eu já tinha feito parte da equipe de atletismo do clube nas categorias juvenil e adulta. Além disso, eu havia acompanhado e me envolvido com as atividades iniciais do grupo em seu surgimento. Destaco também que meu orientador do presente trabalho, embora corresse há mais tempo, começou a participar do grupo de corrida quando ainda estava em seus primeiros meses de criação. Assim, foi possível pensar também o estabelecimento do grupo de corridas dentro do clube. Reconheço que as análises passaram por discussões que só foram possíveis porque, primeiro, possuíamos essa inserção no grupo e, segundo, ocupávamos posições de participação diferentes no grupo, o que nos permitia observações de ângulos distintos. Nesse sentido, as análises se tornaram mais completas e abrangentes, considerando aspectos que não eram tão claramente observáveis a partir de um só lugar. Certamente essa foi uma vantagem analítica importante para o trabalho de exploração.

Uma das características do grupo que chamava a atenção desde o seu início era a valorização do compromisso com a realização das atividades em torno da corrida, tanto por parte dos corredores da equipe, quanto por parte dos corredores associados. Essa valorização do compromisso aparecia nas conversas dos corredores e dos diferentes atores mencionados, quando se referiam aos corredores. Mais do que isso, essa valorização era vista nas práticas relacionadas à corrida – como o estar presente regularmente nos dias e horários marcados, desenvolver as atividades de treino e competição enfrentando as variações climáticas (sol, chuva, frio, etc.), e assim por diante.

Nem todos tinham a mesma intensidade em relação ao compromisso assumido, alguns “sumiam” nos dias de chuva, outros tinham que “trabalhar até mais tarde” em dias que sabiam que o treino seria mais forte, sendo que essa intensidade era reconhecida entre os colegas: “O João está sempre aí, ele não perde um treino”, foi uma fala que representou as “direções” de outras falas entre os corredores e levou a identificar essas diferentes formas de “encarar a corrida”. Também ficou aparente o quanto as atividades em torno da corrida (treinos, competições, reuniões e confraternizações) influenciavam na organização da vida cotidiana desses sujeitos e, muitas vezes, de suas famílias. Ou seja, a corrida era um dos elementos centrais de suas vidas. Isso levava ao questionamento de como essa centralidade da atividade, desenvolvida com esse compromisso assumido, se relacionava com o envelhecimento dos corredores.

Essa forma de levar as atividades não seria de todo inesperada. Pois por um lado, pode-se imaginar que, pelo fato de haver uma proposta de grupo de corrida em um clube conhecido exatamente por formar atletas de corrida de alto nível, este grupo e suas práticas estejam implicitamente relacionados ao rendimento esportivo. Essa percepção, por parte dos que buscavam integrar-se ao grupo, era inegável desde o início e se reforçava com a observação das práticas dos corredores. Por outro lado, ainda, esperando ou não uma ligação com o rendimento, os treinadores do grupo, além de estarem diretamente ligados com a formação dos atletas do clube, apresentavam aspectos do rendimento em suas atuações, através das falas, comportamentos e reações.

O primeiro movimento na busca por entender melhor essa relação entre as atividades dos corredores e seu envelhecimento foi o de entender a relação dos sujeitos com a atividade. Esse tipo de relação entre o sujeito e uma atividade tomada com compromisso já vem sendo destacada por Stigger (1997; 2002) e seus colegas (PACHECO & STIGGER, 2016; MYSKIW, MARIANTE NETO & STIGGER, 2010). As atividades são entendidas como atividades de lazer. Em seu estudo inicial, Stigger (1997) analisa o lazer de jogadores de futebol de várzea. O estudo mostra como os jogadores se organizavam em torno de suas atividades, destacando o compromisso que mantinham com a atividade. Outros estudos ainda foram desenvolvidos com a participação do mesmo autor em torno de lazeres praticados com base na competitividade (STIGGER, 1997).

Considerando a existência de atividades pautadas na competitividade e destacando a existência de uma pluralidade de formas de envolvimento e intenções nas práticas de lazer, Stebbins (2008) propõe uma forma de olhar para as atividades – a Perspectiva do Lazer Sérico (PLS) é o enquadramento teórico proposto pelo sociólogo (ANEXO D). Nessa perspectiva, o lazer é definido como “o engajamento sem coersão em uma atividade, durante o tempo livre, sendo contextualizada, e que as pessoas querem fazer usando de suas habilidades e recursos, fazendo-a como forma de realização ou satisfação pessoal (ou ambas)” (STEBBINS, 2008, p.4). Stebbins (2008), classifica o lazer em três grandes categorias: lazer casual, lazer sério e lazer baseado em projeto³. O lazer sério é, sem dúvida, o que mais recebeu atenção, tanto em seu desenvolvimento conceitual, quanto em suas características que se destacam e é o conceito mais próximo do tipo de lazer identificado no grupo de corrida que estudei.

A presença da seriedade é uma das características que chamam a atenção, exatamente por fundamentar uma atividade de lazer (STEBBINS, 1982). Se, por um lado há autores que compreendem o lazer como vinculado ao prazer e divertimento, e o trabalho ligado ao compromisso e sofrimento, por outro lado, Stebbins (2012) remarca as fronteiras do lazer e trabalho considerando, inclusive, que um trabalho, diferente da concepção tradicional, poderia ser lazer. Isso gera uma tensão diante do senso comum e, especialmente, diante proposições de autores em que se baseiam a maior parte dos estudos do lazer no Brasil. Representa, portanto, uma via de contradição e uma provocação às vias mais consensuais ou clássicas que temos tomado em relação à produção e conhecimento na área do lazer (OLIVEIRA & DOLL, 2014).

Stebbins (2008, p.5) define o “lazer sério” como:

[...] a prática sistemática de uma atividade central por amadores, praticantes de hobby ou voluntários, considerada substancial, interessante e realizadora e que, em casos típicos, lança-lhes numa carreira (de lazer) centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades, conhecimento e experiência específicos . (modificado de STEBBINS, 1992, p.3, *apud* STEBBINS, 2008, p.5, tradução minha).

³ *Casual leisure, serious leisure e project-based leisure*, respectivamente. Stebbins (2014) apresenta um novo diagrama em que o lazer sério (*serious leisure*) passa para um nível inferior, posicionado ao lado do que ele chamou de *devotee work* e, assim, os dois passam a formar uma nova categoria chamada de *serious pursuits* (ver diagrama no anexo D).

Ao lado do lazer sério se encontram o lazer casual e o lazer baseado em projeto. O lazer casual é caracterizado fundamentalmente pelo hedonismo, a fruição: "Lazer casual é uma atividade imediata, de valor intrínseco, com satisfação relativamente curta, que requer pouca ou nenhuma habilidade especial para ser aproveitada" (STEBBINS, 2008, p.38, tradução minha). E por último, mas não menos importante, o lazer baseado em projeto, que é definido como:

[...] a tarefa criativa, excepcional ou ocasional, pouco freqüente, no tempo livre, que requer planejamento e esforço consideráveis e algumas vezes, habilidades e conhecimento, mas em que, diferente do "lazer sério", não há intenção pelos participantes em se desenvolver nisso [ou seja, nessas qualidades presentes]. (STEBBINS, 2008, p.43, tradução minha).

Com esses três tipos de lazer em mente, é possível pensar em características que distinguem cada um deles entre si. Stebbins (2008, p.11-13) propõe seis características que servem para auxiliar na distinção do lazer sério: o "esforço", representando o empenho que os envolvidos nesse tipo de lazer precisam para adquirir as habilidades, conhecimento ou experiência para a realização da atividade escolhida; a "carreira", que representa a continuidade da pessoa na atividade; a "perseverança", compreendendo a necessidade de a pessoa lidar com a variabilidade de momentos agradáveis e desagradáveis enquanto envolvida no lazer; os "benefícios duráveis", que envolvem uma série de benefícios psicológicos e sociais originados a partir da prática do lazer; o "etos único", que representa o mundo social que se desenvolve em torno das práticas do lazer; e, a "identificação", que se refere à forte atração entre os participantes do lazer gerada pelo compartilhamento de valores, comportamentos, atitudes e gostos⁴.

No contexto acadêmico internacional, a PLS já tem ocupado um espaço significativo. Isso pode ser visto a partir de estudos presentes em diferentes revistas relacionadas aos estudos sobre atividades de lazer. Pode-se destacar, por exemplo, a frequente publicação de estudos sobre diversos temas, à luz da PLS, em revistas como *Leisure Sciences*, *Leisure Studies* e a *World Leisure Journal*. Trata-se de três exemplares de revistas científicas consideradas relevantes e de ampla circulação acadêmica internacional. Só para se ter uma noção, na *Leisure Sciences*, o artigo de Heo, Stebbins, Kim, Lee (2013), sobre lazer sério,

⁴ Para maiores detalhes, em português, ver Oliveira & Doll (2014) e, em inglês, Stebbins (2012).

satisfação e saúde de idosos está entre os 20 artigos mais lidos da revista. Da mesma forma, é possível encontrar o artigo de Patterson & Pegg (2009), tratando da relação entre práticas de lazer sério e pessoas com deficiências intelectuais, na lista dos 20 artigos mais lidos da *Leisure Studies*. Na mesma revista, outros dois artigos são apontados entre os 20 artigos mais citados, sendo eles o de Stebbins (1997), no qual o autor apresenta o conceito de “lazer casual”; e, o de Dilley & Scraton (2010), analisando o lazer sério de mulheres praticantes de escalada. Na *World Leisure Journal*, a incidência de artigos que tratam da PLS entre os mais lidos e citados é ainda maior. São dois artigos (KLEIBER, 2012; CAISSIE & HALPENNY, 2003) entre os mais lidos e quatro artigos entre os mais citados (SIEGENTHALER & O'DELL, 2003; MAJOR, 2001; BARTRAM, 2001; HUTCHINSON & KLEIBER, 2005).

No contexto acadêmico brasileiro, como notamos anteriormente, as produções científicas que se baseavam na proposta da PLS ou que, pelo menos, consideravam sua existência, eram raras, embora houvesse estudos que tratavam de temas presentes na perspectiva. Temas que vêm sendo discutidos, desde o final da década de 1970, como os das formas de envolvimento em atividades de lazer, e de atividades que poderiam ser consideradas como amadoras, de hobby e de voluntariado (OLIVEIRA & DOLL, 2014). Em estudo anterior (OLIVEIRA & DOLL, 2014) foram encontrados quatro artigos publicados em revistas científicas brasileiras, como pode ser observado na tabela a seguir⁵:

Ano	Nome do Artigo	Autor(es)
1999	O lazer levado a sério	Bramante
2005	Jogos com Limites e Incertezas: a aventura e o risco de esportistas na montanha	Costa
2008	Museu e Marketing: elementos para a formação/atuação dos profissionais do lazer?	Lacerda & Veiga
2012	Serious Leisure	Oliveira & Doll

Tabela 1- Artigos brasileiros em que a PLS está presente (elaborado a partir de OLIVEIRA, 2014).

Ainda, na época, foi observado que havia o projeto de pesquisa “Envelhecimento e Educação ao Longo da Vida na Perspectiva do Lazer Sério”, que estava sendo desenvolvido por um grupo de pesquisa formado na parceria entre as faculdades de educação e educação

⁵ Constam no quadro apenas as referências de artigos que foram publicados em revistas científicas (excluindo-se livros, teses, dissertações e anais de eventos científicos identificados).

física da UFRGS (OLIVEIRA & DOLL, 2014). Em 2016, os dados dessa pesquisa foram atualizados e, assim, foram adicionados outros estudos, que podem ser observados na tabela seguinte:

Ano	Nome do Artigo	Autor(es)
2010	Marketing de serviços de lazer: estudo de caso do museu de artes e ofícios de Belo Horizonte	Lacerda & Isayama
2010	Praticantes de arte: amadores da arte em cursos livres de pintura	Arslan
2012	O lazer, o erotismo e a sociedade contemporânea	Nadais & Santos
2012	A Gestão das Bacias Hidrográficas e a Valorização Turística dos Ambientes Fluviais: o Rio Mondego	Pinto dos Santos
2013	Projeto “Quem Luta Não Briga”: impressões de responsáveis e professores quanto aos efeitos da prática do taekwondo em variáveis comportamentais	Diniz & Del Vecchio
2014	A natação máster no debate acadêmico	Zambelli & Mariante Neto
2014	O Serious Leisure de Robert A. Stebbins	Oliveira & Doll
2014c	Lazer e Felicidade	Stebbins
2014d	Quando o Trabalho é Essencialmente Lazer	Stebbins
2014	A Corrida de Rua Como Experiência de Lazer Para Pessoas de Mais Idade: um estudo qualitativo no Rio de Janeiro	Nogueira & Motta
2015	Educação para a Autorrealização: processo e contexto	Stebbins
2015	Competências em informação e lazer levado a sério: um novo espaço de interlocução	Serafim & De Araújo Freire
2015	Parkouritiba: Conexão entre Corpo, Cidade e Espaço	Chagas, Rechia, & Da Silva
2015	Rede Inclusiva Multifacetada: Organização Mundial de lazer – Grupo de Pesquisa Hong Kong	Sivan

Tabela 2- Artigos brasileiros em que a PLS está presente (2010-2015).

Contabilizando todos os artigos, temos 18 artigos, sendo que: no período de 1999 a 2010, foram 5 artigos e, após um interstício de dois anos sem qualquer publicação sobre a PLS, no período de 2012 a 2015 se localizam os outros 13 artigos relacionados. Uma observação interessante que pode ser feita a partir da leitura dos artigos é a de que dois destes (DINIZ & DEL VECCHIO, 2013; NOGUEIRA & MOTTA, 2014) utilizam o termo “lazer sério”, porém não apontam qualquer referência aos trabalhos de autores associados aos estudos da PLS, e nem mesmo citam qualquer referência de sua utilização. De forma curiosa, Sivan (2015) apresenta uma análise das atividades do Grupo de Pesquisa Hong Kong da Organização Mundial de Lazer (WLOHK). No artigo, Sivan (2015) atribui o sucesso das atividades “à intensa dedicação de seu comitê executivo e de membros voluntários que se engajam no interesse comum pelo desenvolvimento do lazer em Hong Kong enquanto um lazer sério” (p.23). Sivan (2015) se refere ao “lazer sério” como se fosse um conceito que faz parte do universo dos estudos do lazer e, portanto, conhecido pelos pesquisadores envolvidos.

No Brasil, Robert Stebbins esteve presente no I Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (CBEL), que ocorreu em 2014, juntamente com o já bem estabelecido Seminário Lazer em Debate, em sua 15ª edição. O evento foi promovido pela Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL) e Stebbins foi convidado para participar como um de seus conferencistas. Na ocasião, a PLS e especialmente o “lazer sério” chamaram a atenção e, inclusive, foi motivo de animada discussão em um dos grupos de trabalho (GT 08 – História e Teoria do Lazer), no qual apresentamos um recorte de nosso trabalho dentro do projeto “Envelhecimento e Educação ao Longo da Vida na Perspectiva do Lazer Sério”, especialmente em relação ao “Serious Leisure Inventory and Measure (SLIM)” (MACHADO et al., 2014).

Antes da participação no I CBEL, Stebbins participou da banca de avaliação do projeto de pesquisa que resultou na presente tese e, durante o mesmo período em que esteve no Brasil, foi o convidado principal do evento “Lazer Sério: Seminário internacional com Robert Stebbins”, organizado por um grupo de pesquisas sobre o lazer liderado pelo professor Marco P. Stigger. Esses eventos podem ser considerados marcas importantes na inserção e visibilidade da PLS no meio acadêmico brasileiro. E, é logo depois dessa participação de Stebbins no Brasil que são publicados seus primeiros três artigos em português, sendo dois deles somente no ano de 2014.

Nas oportunidades que tive de falar sobre meus estudos, desde a dissertação até o projeto de pesquisa da tese, não conheci qualquer pesquisador que soubesse da existência da PLS previamente. Com exceção do professor Ricardo R. Uvinha que, embora não o tivesse conhecido durante esse tempo, encontrei a referência de um trabalho de iniciação científica sob sua orientação quando estava trabalhando no projeto, e o professor Bramante, a quem eu já havia referido como primeira pessoa a utilizar o conceito em um artigo. Tive oportunidade de conhecer a ambos os professores no mesmo congresso em que Stebbins.

Por esse “desconhecimento”, as primeiras aproximações propostas em relação à exploração do lazer dos corredores eram mais amplas em 2008, observando os elementos gerais da teoria, com maior ênfase nas “qualidades distintivas do lazer sério”, procurando uma aproximação inicial. Na próxima seção é possível ver como estes elementos gerais e distintivos do lazer sério foram inicialmente relacionados e utilizados de forma a auxiliar na

construção das análises que constituem o trabalho investigativo. Ainda, ao longo da apresentação do trabalho, pretendo ir esclarecendo aos poucos como o elemento “carreira” foi tomando consistência e relevância para a exploração.

3.1 O GRUPO DE CORREDORES A PARTIR DA PLS

As primeiras aproximações entre a PLS e o grupo de corredores foram esboçadas levando-se em conta as formas variadas de envolvimento dos corredores com as atividades de lazer. Assim, em um olhar ainda geral sobre o grupo, era possível perceber que as classificações da PLS, embora ajudassem a perceber e valorizar os elementos já considerados centrais a partir da exploração – como o de haver um mundo social específico (cultura), atividades envolvidas na prática do lazer (a *core activity*) e a carreira – apresentavam certas limitações que precisavam ser consideradas.

Olhando para o grupo de corredores, era notável, por exemplo, que havia corredores que participavam de duas formas, em relação à continuidade nas atividades. Havia os corredores que estavam continuamente nas sessões de treino e havia os corredores que participavam do grupo em períodos determinados. Estes que participavam por períodos determinados, em geral, estavam em duas situações bem definidas. Ou eram pessoas que tinham um período do ano em que dispunham de tempo para correr, ou eram pessoas que participavam do grupo pelo fato de estarem se preparando para a maratona – ao longo dos anos de existência, o grupo e, especialmente seu treinador principal, se tornaram uma referência para os corredores na preparação para maratonas. Então, muitos corredores participavam do grupo apenas em poucos meses que antecedia a Maratona de Porto Alegre, o que aumentava consideravelmente o número de corredores participantes sazonais.

Esse tipo de participação dos corredores, por um lado, poderia ser bem explicado pela PLS, considerando em alguns casos como de “lazer baseado em projeto” – se, por exemplo, observasse os corredores que queriam participar de uma maratona, treinavam para isso e encerravam suas atividades. Por outro lado, existiam participações que se configuravam de forma mais complexa, com corredores que participavam intensamente durante o período que antecedia a maratona e, logo após o evento, mantinham suas

capacidades relativas à corrida no resto do ano. Nesse sentido, foram observadas diversas situações em que a classificação entre os três tipos de lazer pareciam ser melhor ajustadas ao contexto do grupo de corrida como constituintes de um mesmo lazer que teria como centralidade os elementos do lazer sério. Isso ficava evidente com o caso dos lazeres casuais observados nas atividades dos corredores quando estavam realizando as atividades da corrida (lazer sério) e quando se pensava sobre os projetos que tinham em vista em períodos relativamente curtos e determinados (lazer baseado em projeto).

Outro limite estava relacionado à questão da participação de “atletas” e “corredores associados”, como destacado anteriormente, e que foram fazendo parte das análises posteriores. Na concepção da PLS, primeiro, a corrida seria considerada uma atividade de hobby, por não haver, correlatos profissionais na atividade, segundo Stebbins (2008). Assim, um segundo problema conceitual seria gerado, já que a relação entre os amadores e praticantes de *hobby* com suas atividades de lazer apresentam suas peculiaridades. Essa discussão mereceria um futuro tratamento especial, visando um ajustamento da PLS ao contexto brasileiro – e, inclusive, acrescentando outros estudos sobre o tema.

Aos poucos, o olhar para essas configurações foi sendo ajustado, de acordo com os limites de tempo e de capacidade que estavam se estabelecendo para o trabalho. Um desafio inicial estava na possibilidade de definir quem poderia ser considerado praticante de um “lazer sério”, ao mesmo tempo em que parecia que, ao fazer essa definição, estaria limitando as possibilidades de análises. Revendo as formulações de Stebbins (2008) e a definição que propõe, foi possível chegar à conclusão de que poderiam ser considerados praticantes do “lazer sério” aqueles que praticavam as atividades de forma “sistemática”, de forma que viabilizassem a “aquisição e expressão de uma combinação de habilidades, conhecimento e experiência específicos” (STEBBINS, 2008, p.43).

Um olhar, ainda preconceituoso, me levava inicialmente a pensar que o “lazer sério” representava o lazer praticado apenas por aquelas pessoas que “levavam muito a sério as coisas”, como diziam os corredores sobre parte de seus colegas de grupo. Isso me conduzia a pressupor que essa teoria acabava restringindo as possibilidades de análise restringindo-se às práticas de apenas uma pequena parte do grupo, considerada sua heterogeneidade. Se fosse assim, ainda teria outro desafio, o de identificar essa parte, já que eu estava cada vez

mais ciente e convicto de que eram muito variadas as formas de envolvimento com as atividades envolvidas na corrida e, de forma especial no grupo de corrida envolvido.

Diante dos desafios de entendimento, encontrei o conceito de “práticas corporais” que, no campo da Educação Física, expressa um olhar para as atividades em suas relações histórico-sociais, que buscam superar a visão paradigmática da aptidão física, e em que a cultura não é vista como idealizada (CASTELLANI FILHO, 2005), porém, sem desprezar seus aspectos biológicos, considerados como fundamentais na constituição humana (SILVA & DAMIANI, 2005). O conceito de “lazer sério” parecia ir, em parte, nessa mesma direção, embora as “práticas corporais” apresentem instabilidades em sua produção acadêmica e exista uma necessidade de estabelecimento de consensos básicos em suas proposições teóricas (LAZZAROTTI FILHO *et al.*, 2010).

As concepções de “exercício físico”, “atividade física” e de “aptidão física”, apresentadas como recursos importantes para um envelhecimento considerado saudável (OKUMA, 2009), por exemplo, não abrangiam as outras dimensões constituintes e valorizadas na de “lazer sério”. E, as de “práticas corporais”, davam conta do aspecto sócio-cultural, porém, embora se mostrassem abertas para a inclusão e diferentes atividades, não traziam em sua centralidade a questão do desenvolvimento de uma espécie de “histórico do sujeito” na realização continuada de uma prática da atividade de lazer, como pode ser visto no conceito de carreira de lazer – e que, para mim, é um elemento de altíssima relevância para os corredores com que tive oportunidade de conversar e entrevistar. Foi na observação dessa necessidade de entender tais conceitos que percebi de forma mais clara o quanto o conceito de “carreira” era interessante ao estudo.

Isso não queria dizer que deveriam ser levadas em conta somente as pessoas que “levavam mais a sério” a corrida, como preconceituosamente insistiam meus pensamentos ao som do termo “lazer sério”. Assim, de forma mais específica, nos primeiros estudos desenvolvidos, o conceito de “lazer sério” pôde ser relacionado com a experiência de envelhecimento dos corredores do grupo, homens, que estavam em faixas etárias iguais ou superiores à de 45 anos e que davam sentido às suas vidas a partir das práticas de “lazer sério”. Estes corredores foram chamados de “corredores associados”, para distingui-los de outros corredores, os “atletas do clube”, que também ocupavam os mesmos espaços

observados, porém possuíam um vínculo diferente com o clube. Para aproximar a PLS ao estudo, o primeiro movimento analítico foi o de associar os dados de observações participantes no grupo de corrida com diferentes características do “lazer sério” (STEBBINS, 2008, p.5). Essas características, que Stebbins (2008, p.11-13) chamou de “qualidades distintivas do lazer sério”, eram consideradas elementos básicos do “lazer sério” e, com essa aproximação, seria possível avaliar melhor a adequação do conceito.

Retomando, as seis “qualidades distintivas do lazer sério”, de acordo com Stebbins (2008, p.11-13) são: a perseverança, o esforço substancial, a carreira, os benefícios duráveis, o mundo social específico e a identificação. Essas qualidades me indicavam seis dimensões importantes do lazer dos corredores e ajudariam a explicar as práticas que observei. A questão era se as “qualidades” formuladas poderiam realmente representar as observações do grupo de corrida.

Segundo Stebbins (2008), a perseverança é vista como uma necessidade ocasional que surge e se apresenta aos praticantes do “lazer sério” em casos em que enfrentam situações adversas decorrentes de suas práticas. Assim, a perseverança foi entendida como evidente quando corredores enfrentavam situações temporariamente limitantes em que precisavam parar de correr por alguma lesão, por exemplo. Por isso, precisavam fazer um treino adaptado que promovesse a recuperação rápida para que pudessem logo voltar às atividades. Essa urgência, muitas vezes, se dava por conta do tempo de treinamento necessário para que atingissem as “marcas” (tempos ou resultados) que desejavam. Além disso, a perseverança representa os “altos e baixos” na performance dos corredores. Os corredores reconheciam que havia momentos em que estavam se sentindo bem, e tudo ocorria de acordo com o esperado, e momentos em que, contrariamente, as coisas não iam bem.

É essa perseverança, necessária aos praticantes do lazer sério que, segundo Stebbins (2008, p.11), funciona como o motor que impulsiona sua segunda qualidade distintiva, a carreira. Como será tratada a seguir, a carreira é um aspecto altamente significativo e estruturador das relações entre os corredores integrantes do grupo de corrida. A carreira está ligada a continuidade na atividade, tanto em períodos de aumento de prestígio e benefícios, quanto na diminuição destes. Por ser o elemento central, tanto no “lazer sério”,

quanto no presente estudo, ela será tratada em detalhes em uma seção especial mais adiante.

O esforço substancial representou o empenho dos corredores na direção de desenvolverem seu conhecimento, experiência ou habilidades baseados em suas práticas de lazer. Em nossas análises, esse esforço poderia representar o conjunto de ações que os corredores praticavam em torno do próprio desenvolvimento na corrida. Entretanto, para o grupo em que observamos, é um esforço particular, o esforço “nas pistas”, o tipo de esforço que parece melhor representar essa qualidade para os corredores. Esse esforço se expressa na busca por correr a prova com o máximo empenho ou realizar o treino “certinho”, dentro do solicitado pelo treinador. Além disso, como poderá ser visto ao longo do trabalho, embora o esforço se volte com frequência ao desenvolvimento das habilidades ou capacidades necessárias aos corredores, existem formas de esforço que se relacionam às adequações especiais relativas à inserção cultural inicial requerida aos corredores.

A presença de benefícios duráveis, que reúnem benefícios de ordem emocional e social, e foram identificados em maior parte entre os amadores, constitui outra qualidade distintiva do lazer sério. “Os benefícios duráveis desse tipo de lazer surgem da recusa por permanecer um mero praticante, calouro ou novato” (STEBBINS, 1982, p.258, tradução e grifo meu). Nessa quarta qualidade encontram-se benefícios como o reconhecimento e a integração social, a melhoria da auto-imagem, entre outros (STEBBINS, 2012). Esses benefícios apareciam nas falas dos corredores, mostrando esses aspectos psicológicos e aspectos sociais em realizações coletivas do grupo de corrida. Além disso, podiam ser observadas mudanças de comportamentos e atitudes dos corredores ao longo dos seus anos de prática. Um aspecto que aparece em nosso estudo como significativo na experiência dos corredores é a existência das premiações objetivas às quais concorrem (medalha, troféu, certificado, e assim por diante). Esse tipo de recompensa que faz parte de sua cultura é entendido como uma marca importante, como será tratada adiante, na carreira dos corredores.

Essa cultura específica que valoriza a medalha⁶ e o correr, dentre tantos outros elementos, é representada pelo “mundo social específico” ou “etos único” que se desenvolve em torno do lazer sério. Essa qualidade é evidente na comunidade de praticantes de lazer sério em seu “compartilhar de atitudes, práticas, valores, crenças, objetivos, e assim por diante” (STEBBINS, 2008, p.12, tradução minha). Stebbins (2008) baseia sua proposta de “mundo social” nas concepções desenvolvidas por Unruh (1979; 1980), para quem:

A noção de mundos sociais é utilizada para referir uma forma de organização social que não pode ser precisamente demarcada por fronteiras espaciais, territoriais, formais, ou de membresia. Antes, as fronteiras dos mundos sociais devem ser determinadas pela interação e comunicação que transcendem e atravessam os mais formais e tradicionais delineadores de organização (UNRUH, 1980, p.271, tradução minha).

De acordo com Unruh (1980, p.277, tradução minha), o mundo social “deve ser visto como uma constelação reconhecível de atores, organizações, eventos e práticas que se aderem à esfera de interesse e envolvimento dos participantes”. No estudo, ficou evidente a existência de um mundo social específico, estruturado fortemente pela performance, embora essa estrutura apresentasse configurações peculiares nas experiências dos corredores do grupo de corrida. Além disso, esse mundo estava marcado pela presença de elementos relacionados à linguagem dos corredores, servindo de estratégias para lidarem com diferentes desafios na busca de darem sentido às suas práticas. A forma que os corredores se comunicavam, verbal ou não verbalmente, a utilização de um vocabulário especializado (voltado a questões mais técnicas da corrida, como “rodagem”, “tiros”, “trote”) e cotidiano dos corredores (“correr na pipoca”, “endurecer”), além de uma atitude predominantemente de bom humor nas conversas entre eles.

De acordo com Stebbins (2008), é ao compartilharem desse mundo social que os participantes do “lazer sério” tendem a identificarem-se fortemente uns com os outros, caracterizando assim a última qualidade distintiva do lazer sério: a identificação (STEBBINS, 2008, p.12-13). Essa qualidade do “lazer sério” emerge das outras cinco qualidades a partir das realizações no lazer sério, que podem ter um apelo identificador maior que um papel

⁶ Aqui, não me refiro à medalha como a única forma de premiação, mas como um emblema, representando a materialização, ou realização, das potencialidades dos corredores na corrida.

profissional de uma pessoa. Essa qualidade de identificação no lazer sério se tornou evidente no grupo de corredores através das formas como se vinculavam uns aos outros a partir de elementos que eram comuns a maior parte do grupo. Um desses elementos e, segundo as análises, o elemento basilar do grupo de corredores nas atividades em torno das corridas de rua era a carreira.

A aproximação apresentada não visa um aprofundamento analítico, mas sim uma forma de mostrar de que maneira as observações foram feitas e também promover um ajuste inicial aos olhares menos familiarizado com a PLS. A seguir, procuro relatar como era o cotidiano observado, tentando gerar uma ilustração do cenário que observei que demonstre os elementos que faziam parte da vida diária do grupo investigado. Logo após, o entendimento sobre a carreira e a forma como integra a PLS é apresentado, pois é nessa qualidade do “lazer sério” que o estudo tem sua ênfase. Com uma breve explanação sobre a estrutura teórica na qual ele se insere, é possível passar ao exame mais aprofundado das características da carreira, os principais pesquisadores envolvidos no seu desenvolvimento teórico nos últimos anos e as possibilidades que essa formulação aplicada sugere.

3.2 O COTIDIANO DO GRUPO DE CORRIDA

Para elucidar as relações que foram sendo construídas sobre a carreira e o envelhecimento dos corredores é necessário ter uma idéia mais do que superficial das atividades que foram observadas. Isso porque, sem o entendimento de como essas atividades acontecem, mesmo que de forma geral, é pouco provável que um leitor que desconheça suas rotinas consiga vislumbrar precisamente as formulações propostas. Além disso, é no cotidiano que aparecem parte dos conceitos e do vocabulário utilizados pelos corredores e que também são mencionados no trabalho. Por isso, pretendo apresentar aqui as rotinas, os padrões que se repetiam dentro do grupo na realização de suas atividades, identificando-os e situando-os na medida do possível, tanto na perspectiva teórica, quanto na dos corredores e na minha própria.

O entendimento desse padrão de rotinas e de comportamentos do grupo ajudou a ver com mais clareza o que saía dessa lógica. Isso foi importante porque, embora muito do

que foi observado fosse familiar, a presença desses acontecimentos que se afastavam do padrão, levavam a questionamentos sobre os porquês de muitas coisas que estavam sendo observadas.

A organização das atividades do grupo era baseada, em grande parte, na formulação básica de treinamento que os corredores recebiam. Em geral, os participantes do grupo que já tinham um tempo de acompanhamento, passavam a receber uma planilha individual de treino que continha a descrição prévia dos treinos (sessões) das próximas três ou quatro semanas. Em cada dia, havia um tipo de sessão de treino definido, sendo que estes estavam dispostos dentro de um mesmo padrão semanal. Dessa forma, cada dia da semana tinha um mesmo tipo de sessão a cada semana, como poderá ser visto na tabela (Tabela 1) abaixo:

	<i>Segunda</i>	<i>Terça</i>	<i>Quarta</i>	<i>Quinta</i>	<i>Sexta</i>	<i>Sábado</i>	<i>Domingo</i>
<i>1ª semana</i>	B	A	B ou C	A	B ou C	A	B
<i>2ª semana</i>	B	A	B ou C	A	B ou C	A	B
<i>3ª semana</i>	B	A	B ou C	A	B ou C	A	B
<i>4ª semana</i>	B	A	B ou C	A	B ou C	A	B

Tabela 3 - Padrão de distribuição das sessões de treinamento do grupo de corrida.

Na tabela anterior, cada uma das semanas segue o mesmo padrão. De forma resumida, os tipos de sessão podem ser divididos em três: a (A) do treino intervalado ou, na linguagem dos corredores, do “treino de tiros”; a (B) do treino de corrida contínua ou “rodagem”; e, a (C) que é o treino de musculação ou de exercícios de reforço. De forma geral, o “dia de tiros” é o dia em que os corredores faziam o treino intervalado, que consistia basicamente em correr distâncias determinadas repetidamente realizando uma “pausa” ou “intervalo” a cada repetição. O conceito de “séries” e “repetições” era utilizado pelos corredores ao se comunicarem no treino. Esse conceito é bem familiar à área de educação física, que consensualmente entende que “repetição se refere ao movimento completo de um exercício” que, no caso, é a distância determinada. E, “série é um grupo de repetições” (FLECK & KRAEMER, 1999, p.20), que para os corredores é o conjunto de tiros. Entre os tiros, há as “pausas” e entre as séries há as “macro-pausas”, que são os intervalos maiores para a recuperação.

Ainda de forma mais ampla, apresentando as características mais gerais das sessões de treino, temos os dias de “rodagem”. Esses são os dias em que os corredores fazem

corridas contínuas que variam entre 8 e 14 quilômetros e podem chegar a 30 quilômetros, ou mais, em momentos específicos do ano. Por último, o treino de musculação ou “de reforço”, que é o treino em que os corredores fazem exercícios físicos visando melhorar sua condição para corrida.

De forma mais específica, cada sessão envolve uma série de atividades e acaba ocupando de uma hora a até mais de três horas de cada dia. O treino ou sessão A, assim como o C, está organizado em basicamente três partes: o aquecimento, a parte principal e a parte final. Já o treino B, que é o “dia de rodagem”, contém a corrida contínua e o alongamento ao final. A tabela a seguir (Tabela 2) sintetiza as atividades em cada um desses tipos de sessão.

(A) Dia de tiro		(B) Dia de rodagem	(C) Dia de musculação	
Aquecimento	Trote inicial	Corrida contínua pela cidade	Aquecimento	Trote inicial
	Alongamento			Alongamento
	Exercícios de coordenação e mobilidade + progressões			Exercícios de coordenação e mobilidade + progressões
Parte principal	Tiros (intervalados)	Parte principal	Musculação ou Exercícios de reforço	
Parte final:	Trote final	Alongamento final	Parte final:	Trote final
	Alongamento final			Alongamento final

Tabela 4- Atividades de cada tipo de sessão de treino.

Cada tipo de sessão de treinamento oferece características que configuravam diferentes tempos e espaços para os corredores interagirem ou mesmo para escolherem por ficar longe uns dos outros. O “dia de tiro” era o dia em que praticamente todo o grupo se encontrava na pista de atletismo do clube e, a não ser que houvesse algum impedimento, como a reforma da pista ou algum tipo de interdição, ali era o lugar do grupo como todo. No início do treino, os corredores iam chegando, se cumprimentavam, brincavam uns com os outros, e aos poucos iam se formando dois ou três grupos de conversas, discutindo fatos do dia a dia comum, questões relacionadas ao futebol, e sobre corrida. Esses pequenos grupos iam se formando, geralmente, na área de arquibancadas em frente à pista. Ocorria que, a parte feminina do grupo sempre se reunia em um lugar pouco mais afastado de onde os

homens ficavam. Em certo momento, um ou outro olhava para o relógio e dizia “vamos lá” ou “vamos aquecer”, ou alguma coisa nesse sentido, e todos desciam a escadaria que dava acesso à pista, para começarem o aquecimento.

Os corredores se deslocavam mais ou menos todos juntos em direção às raias externas da pista atlética (7 e 8) e começavam a “trotar”. O “trote” é a corrida lenta que faziam para aquecer e que caracterizava o momento inicial dos treinos – o mesmo momento em que desenvolviam os assuntos que haviam iniciado ainda na arquibancada ou novos, em que conheciam melhor os novos corredores do grupo, e assim por diante. Aos poucos, iam se formando pequenos grupos que se definiam a partir da velocidade em que os corredores trotam. Essa dinâmica da configuração de pequenos grupos no aquecimento é bastante curiosa e nela é possível perceber que, pelo menos dois componentes principais envolvidos. Muitos dos corredores começavam a aquecer juntos porque possuíam afinidades pessoais, em que seus modos de ver a vida e de se comportar eram bastante próximos e comuns. A ausência desse tipo de afinidade podia levar o corredor a evitar o colega, correndo mais rápido, ou mesmo mais devagar, chegando a outro pequeno grupo. Então, esse seria o primeiro componente.

Outro componente importante na formação dos pequenos grupos na hora do trote era a afinidade contingencial, que representava os casos em que os corredores aqueciam juntos por que existiam circunstâncias que os colocavam em situações de correr juntos. Como nos casos daqueles que tinham o mesmo treino para fazer e entendiam ou eram orientados no sentido de “ajudar o outro” para treinar melhor, ou, eram como nos casos engraçados e curiosos em que não conseguiam correr mais rápido para evitar um indesejado que acompanhava e etc. O clima em geral era de descontração, os grupos conversavam assuntos diversos que incluíam principalmente suas áreas profissionais, projetos de vida, esportes e questões familiares. Entretanto, notava-se que quando havia uma corrida (evento competitivo) se aproximando, as atenções voltavam-se à esta e as conversas, então, passam a tratar das características da prova, dos corredores que deveriam participar, e assim por diante.

Durante o aquecimento, havia ainda a figura do atrasado, que era aquele corredor que chegava minutos depois do horário combinado. Esse sujeito chegava, observava a pista

e identificava o pequeno grupo com o qual desejava correr, e já mostrava que aprendeu, desde o início, a trotar no sentido contrário para encontrar com o grupo que já estava aquecendo. Dependendo do corredor, ele já levava uma “vaia” e ouvia algumas piadas de chegada do pessoal, isso tudo em clima de brincadeira. O trote inicial durava, em média, 15 minutos e acontecia, de vez em quando, que um ou outro chegava atrasado nesse momento, ou mesmo no momento de alongamento que vinha na sequência.

Depois do trote inicial, os corredores se concentravam em uma das áreas da pista. Geralmente eles ocupavam o setor dos saltos, quando o clima estava bom, a área da arquibancada quando estava frio, ou, ainda, uma área coberta, quando chovia. Nessa área eles realizavam exercícios de alongamento. Logo depois, eles ocupavam uma grande área de grama ou o mesmo setor do salto em altura, se a área de grama estivesse muito molhada. Na área, os corredores já tinham uma organização determinada, em que grupos perfilados faziam os exercícios de coordenação e mobilidade, percorrendo uma distância de aproximadamente vinte metros. Nesses dois últimos momentos, do alongamento e dos exercícios, os pequenos grupos ficavam um pouco mais dissolvidos e menos distintos. Entretanto, ainda era possível ver que as mulheres ficavam agregadas e, pela disposição que assumiam, não acessavam às brincadeiras dos homens, que eram marcadas por questões envolvendo principalmente sexualidade, gênero, e o time para o qual torciam.

Na sequência, os corredores passavam a fazer corridas progressivas em distâncias de cinquenta metros, as “retinhas” ou “progressões”, repetidas quatro ou cinco vezes, sem muita distinção de pequenos grupos. Finalizadas as progressões, os corredores começavam a se reunir novamente em pequenos grupos e, nesse momento, a afinidade era determinada basicamente pelo treino. Os corredores já sabiam, mais ou menos, quem eram os seus colegas que tinham um treino parecido e se reuniam para ouvir as instruções gerais da sessão, dadas pelo treinador. Além disso, o treinador já dizia, em alguns casos “vai com esse pessoal aqui”, indicando o pequeno grupo que o “novo” deveria acompanhar.

A parte principal do treino começava com os corredores conversando sobre como ele seria realizado, ajustando ou trocando os tênis, acertando a roupa, enfim, os últimos ajustes. “Vamos começar mais devagar e aos poucos a gente vai aumentando, como o treinador disse”, ouvido nas conversas sobre como lidar com as intensidades do treino, ou “A gente sai

de lá e chega aqui”, referindo-se ao local de partida e chegada de cada tiro na pista, muitas vezes orientando um corredor recém-chegado. E assim começava a parte mais dura do treino. Era nessa parte que mais coisas começavam a se revelar. Alguns começavam a ficar com expressões mais sérias, outros mais brincalhões, mostrando reações das mais diversas diante da situação desafiadora. O tempo de duração dessa parte variava entre trinta e cinquenta minutos. Fato é que essa parte era a do desafio e cada um lidava com isso de diferentes formas. Uma parte dessa série de formas está apresentada nas próximas seções, entretanto, não foi possível analisar todas e, nem mesmo, identificá-las em sua totalidade, dada sua complexidade e os limites de observação. Mesmo assim, talvez seja possível perceber sua relevância e como, combinadas, geram complexas configurações que ajudam a entender parte da carreira dos corredores.

“Terminado o treino”, os corredores tomavam água ou alguma bebida que tinham trazido para o treino, iam ao banheiro, lavavam o rosto, descansavam e passavam para a última parte da sessão. Na última parte, eles trotavam mais ou menos três quilômetros e, depois disso, faziam mais alguns exercícios de alongamento. Embora o treino terminasse, a interação entre os corredores não começava ou parava por ali. Primeiro que, havia todo aquele tempo em que eles conversavam ao final da parte principal e que, na maioria das vezes, se estendia para o trote final, para o alongamento e para além desses momentos. Assim, mesmo depois do alongamento, os corredores saíam muitas vezes comentando, conversando animadamente, ou não, sobre seus treinos e seguiam até o ponto em que precisam se despedir. Segundo, os corredores já se encontravam no vestiário, quando estavam se arrumando para começar a sessão do treino. Muitas vezes eles chegavam juntos, muitas vezes eles frequentavam as casas uns dos outros, e assim por diante.

Outro dia comum aos corredores era o dia de “rodagem”. Nesse dia, os corredores saíam para treinar pelas ruas e parques da cidade, em horários e lugares que preferiam. Normalmente, os corredores combinavam de se encontrar para correr juntos. Nem todos desejavam correr junto (“eu gosto de correr sozinho, sem zoeira, correr refletindo”) e, mesmo alguns que desejam, muitas vezes não tinham disponibilidade para o horário acordado por outros (“eu queria vir rodar com eles, mas meu horário de trabalho não deixa”). Então, havia os que corriam juntos, assim como havia os que corriam sozinhos. Novamente, os corredores se reuniam de acordo com suas disponibilidades, a distância que

tinham para correr, o ritmo que pretendiam, enfim, suas afinidades. Entre os elementos afins, o compromisso que se colocavam em realizar o treinamento de acordo com o planejado. Nesse sentido, havia por parte dos corredores um esforço por “rodarem” juntos no domingo, pois geralmente nesse dia da semana a rodagem era mais longa (“Domingo é o dia do longão”) e, portanto, mais exigente do que nos outros dias. Dessa forma, os corredores se sentiam “motivados para correr, um animando o outro”, como dizia um deles. Em geral, os corredores já tinham determinado o ritmo em que deveriam correr no domingo e esse ritmo passava a ser determinante no agrupamento dos corredores que percorriam as ruas da cidade.

Já o dia de musculação era um dia que, na organização, parece muito com o “dia de tiros”, mas a parte principal era realizada na academia ou em áreas de exercício localizadas ao redor da pista. No dia da musculação não havia a mesma concentração de pessoas no mesmo horário e ficava perceptível a maior prioridade que os corredores davam para estarem juntos nos dias de treino de tiros e no “longão”. Além disso, a própria configuração do treino e do espaço diferenciava as possibilidades de conversas e de interação entre os corredores de forma geral.

Nas referências encontradas nas transcrições das entrevistas, os corredores destacavam o suporte que obtinham para realizarem seus treinos através da participação no grupo: pelo nível de condicionamento, conhecimento e experiência dos colegas, em que consideravam que havia uma espécie de pareamento entre eles; pela identificação que percebiam, especialmente por se encontrarem em uma situação a que descreveram como de sofrimento; pelo incentivo mútuo e pelo incentivo que reconheciam como vindo dos que estavam à volta sua volta, com o constante “vamos lá”; e, pela obrigação moral, a que se sentiam compromissados a dar conta, reforçando os elementos anteriores e, por consequência, contribuindo para a manutenção do suporte que percebiam. O aspecto de que esse suporte permitia que fizessem seus treinos apareceu como um dos mais significativos em suas experiências com o grupo de corrida.

Ainda, no cotidiano do grupo, é necessário adicionar os eventos competitivos. Embora eles não fossem disputados diariamente, eles faziam parte do cotidiano, e formavam um dos fatores que influenciavam na organização e planejamento do

treinamento, feito pelo treinador e ajustado de forma colaborativa com os corredores. Além disso, os eventos de competição faziam parte das discussões e conversas dos corredores durante seus treinos, ficando evidente como eram importantes para eles.

Nos eventos foi possível conhecer diferentes facetas dos corredores. Ali se revelavam contrastes e tensões entre o que se dizia e o que se fazia efetivamente. Isso era, inclusive, motivo de muito assunto nas conversas que se davam ao longo da semana que sucedia um evento de corrida, ou voltavam, de maneira precedente, em formas de humor, poucos dias antes de uma corrida. “Ah, é, sei. O cara diz que vai lá só para treinar, que está voltando⁷, e quando vê chega na frente. Sei como é.”. Assim, um dos corredores mostrava sua desconfiança em relação ao colega corredor que dizia não estar em forma e que dizia que iria participar de uma corrida como uma forma de treino, sem esforçar-se muito, como forma de recuperar seu condicionamento.

Com essa noção de cotidiano do grupo, considerei que a “atividade central” referida no conceito de “lazer sério”, por Stebbins (2008, p.5), é mais do que apenas “correr”, como se pode entender a partir de suas explicações e exemplos. Fica claro que a “atividade central” dos corredores do grupo de corrida é representada por todas as atividades que envolvem seu treinamento e, inclusive as competições, por sua relevância e organicidade. Essa idéia não está longe do que foi proposto como “atividade central”, pois ela é “uma configuração de ações ou passos inter-relacionados que devem ser seguidos para obter os resultados ou produtos que os participantes procuram” (STEBBINS, 2012, p.07, tradução minha).

As “atividades centrais” possuem níveis de complexidade que variam entre menos e mais complexas, especialmente visto entre os tipos de lazer (casual, baseado em projeto e sério). Um importante aspecto contido no “lazer sério” reside no fato de que sua “atividade central” situa-se no polo mais extremo de complexidade. Assim, essa formulação faz bastante sentido no cenário analisado. E, pensando nos “resultados ou produtos que os participantes procuram”, é possível construir uma compreensão a respeito dos caminhos que são traçados pelos corredores através de suas atividades de lazer – suas carreiras.

⁷ O estar “voltando” é uma condição referida pelos corredores com bastante frequência que foi discutida no trabalho anterior e é mencionada mais adiante (OLIVEIRA, 2010).

4 A CARREIRA NO LAZER: UMA POSSIBILIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DO *SERIOUS LEISURE*

À primeira vista, carreira e lazer parecem ser dois conceitos antagônicos. Enquanto carreira aponta para a vida profissional, com conotações de esforço, dedicação, concorrência e ascensão profissional, o lazer comumente traz a idéia de relaxar, de descansar, de fugir exatamente todos estes elementos vinculados com a vida profissional e carreira. A base deste antagonismo é uma definição do lazer a partir do trabalho: lazer acontece no tempo livre em que não se trabalha, uma perspectiva bastante presente nas discussões sociológicas até os anos de 1980 e encontrada ainda hoje (PEIXOTO, 2007).

Mas este antagonismo só aparece à primeira vista. Nas sociedades contemporâneas, a flexibilização do trabalho tirou sua centralidade na vida das pessoas e as fronteiras entre trabalho e tempo livre, consumo e lazer se tornaram cada vez mais borradas. Nessa mesma lógica, Stebbins (2014a) aponta para as bases comuns do mundo de trabalho e do mundo do lazer, mostrando que na sociedade moderna as estruturas do mundo de trabalho (hierarquia, eficiência, regras da economia) exercem também forte influência no campo do lazer.

O conceito de carreira, vinculado inicialmente ao mundo de trabalho, foi introduzido pela sociologia em outros campos, principalmente por Goffman (1974). A possibilidade de uma carreira e, sobretudo, um conceito de lazer que tem sua existência fundamentada nela foi proposta na década de 1970. A carreira no lazer é um dos principais elementos da teoria de Robert A. Stebbins (1970). A *Serious Leisure Perspective* (SLP) (STEBBINS, 2008, p.101), ou Perspectiva do Lazer Sério (PLS) (OLIVEIRA & DOLL, 2014, p.3) utiliza as formulações de Goffman (1974) a respeito da “carreira moral”. O conceito de Goffman (1974) foi “importado” para a Perspectiva do Lazer Sério, sendo ajustado e complementado com os resultados de estudos feitos por diferentes pesquisadores ao redor do mundo e pelo próprio Stebbins ao longo dos seus mais de 30 anos de pesquisa sobre atividades de lazer.

A carreira diferencia o lazer sério dos outros tipos de lazer (STEBBINS, 2006, p.450), representando a continuidade da pessoa na atividade de lazer e envolvendo aspectos positivos e negativos em sua prática. Esse conceito foi fundamental na exploração das trajetórias dos corredores do grupo em sua relação com o envelhecimento. Antes de ir mais adiante com os dados exploratórios, é interessante observar alguns elementos que constituem a “carreira moral” de Goffman (1974), pois estes podem elucidar questões fundamentais para o entendimento de carreira no lazer do grupo de corredores.

4.1 ERVIN GOFFMAN E A CARREIRA

Ervin Goffman (1974)⁸ em seu estudo sobre o que chamou de “instituições totais” (GOFFMAN, 1974, p.11), mais especificamente sobre os “hospitais para doentes mentais”, definiu a carreira como “qualquer trajetória percorrida por uma pessoa durante sua vida” (GOFFMAN, 1974, p.111). Em sua análise, Goffman (1974) discutiu as formas como as pessoas que se tornavam doentes mentais, reagiam às circunstâncias de internação e se utilizavam de técnicas de adaptação durante seu tempo de internação, delineando assim uma carreira peculiar. Goffman (1974) indicou a ambivalência do conceito de carreira e sua utilidade para seu estudo. De um lado, existiam as questões íntimas, como a imagem do *eu*, e de outro, existiam as questões coletivas, públicas, ligadas a posições oficiais de um complexo institucional.

Interessado em estudar o “*eu* institucionalizado”, Goffman (1974) voltou sua atenção para os aspectos morais da carreira do paciente, ou seja, para as mudanças que a carreira provocava no *eu* do paciente, alterando sua forma de julgar a si mesmo e aos outros. Assim, Goffman (1974) definiu carreira moral como “uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que tem a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele” (GOFFMAN, 1974, p.24).

Ao desenvolver suas idéias sobre a “carreira moral”, Goffman (1974) escreveu que a carreira do doente mental poderia ser vista como um período constituído por três fases – a

⁸ Estudo originalmente publicado de acordo com a seguinte referência: GOFFMAN, E. **Asylums**: Essays on the social situation of mental patients and other inmates. Garden City, NY: Doubleday, 1961.

fase pré-paciente, a fase de internamento, e, a fase de ex-doente. Goffman (1974) declarou que pretendia analisar as duas primeiras fases. A primeira fase, de acordo com Goffman (1974, p.116), inicia com uma ação interna, quando a própria pessoa busca atendimento médico, ou com uma ação externa, em que há uma denúncia feita por alguém, por exemplo. Essa ação, interna ou externa, marca o início social da carreira do paciente.

A “carreira moral” da pessoa nessa primeira fase (pré-paciente), apresenta uma situação de direitos, porém é caracterizada pela expropriação de seus direitos, acompanhada do “abandono, deslealdade e amargura” (GOFFMAN, 1974, p.116). É nessa fase que Goffman (1974) identificou o que chamou de “contingências de carreira” ou “circunstâncias de carreira” (GOFFMAN, 1974, p.117), referindo-se a um conjunto de circunstâncias que determinavam ou influenciavam na internação da pessoa.

Ainda, há dois outros aspectos destacados por Goffman (1974) em sua análise dessa primeira fase da “carreira moral” da pessoa. A existência de um circuito social complexo de “agentes e agências” que atuava decisivamente na passagem do *status* civil para o de internado é o primeiro aspecto descrito e ocorre juntamente com as “contingências da carreira” (GOFFMAN, 1974, p.118). Com essa categoria, Goffman (1974) considerou “a pessoa mais próxima”, “a denunciante” e “os mediadores” como papéis de agentes característicos e decisivos na “carreira moral” investigada (GOFFMAN, 1974, p.118).

Outro aspecto da “carreira moral” destacado por Goffman (1974) foi o seu “caráter retrospectivo”, um ponto que considerou delicado para a sociologia das carreiras. Goffman (1974) considerou importante a interpretação que a pessoa constrói quando olha retrospectivamente para o seu progresso. No caso dos pacientes que ele analisou, a carreira pré-paciente poderia não ter existido, caso não fosse diagnosticada a doença e, portanto, não progrediriam para tornarem-se pacientes, não haveria a internação. Entretanto, a prova de que essa carreira pré-paciente existiu seria o fato de terem sido internados.

Em sua análise sobre a segunda fase da “carreira moral”, a fase de internado, Goffman (1974) descreveu reações iniciais, como as de negação, que caracterizavam os comportamentos dos pacientes nos hospitais para doentes mentais. De forma muito precisa, informou das táticas que os internados utilizavam para se adaptar às novas formas de viver que encontravam na instituição.

Goffman (1974) descreveu de que formas o paciente, em sua adaptação, aprendia a orientar-se no “sistema da enfermaria” do hospital (p.127), aproveitando e beneficiando-se de privilégios – como o de um local mais confortável para dormir, por exemplo. Muitos desses benefícios eram alcançados quando o paciente se comportava de acordo com o que se esperava de um paciente em sua situação, ou seja, sua condição material era “uma expressão de seu nível geral de atuação social” (GOFFMAN, 1974, p.128).

Um importante elemento acrescentado em sua análise sobre a “carreira moral” na fase de internado pode ser relacionado a outras “carreiras morais”, em outras palavras, existe uma característica padrão que “aparece” nas diferentes “carreiras morais” dos internados (GOFFMAN, 1974, p.129). Trata-se da forma como a pessoa expõe sua carreira aos outros:

Considerando-se o estágio que qualquer pessoa atingiu numa carreira, geralmente verificamos que constrói uma imagem do curso de sua vida - passado, presente e futuro - que corta, abstrai e deforma de tal maneira que permite uma visão de si mesma que possa expor de maneira útil nas situações presentes. Muito frequentemente, a estratégia da pessoa com relação ao eu a coloca, defensivamente, num acordo fundamental com os valores básicos de sua sociedade, e assim pode ser denominada uma apologia. Se a pessoa consegue apresentar uma interpretação de sua situação presente que mostre a atuação de qualidades pessoais favoráveis no passado, e um destino favorável que a aguarde no futuro, pode-se dizer que tem uma história de triunfo. Se os fatos do passado e do presente de uma pessoa são extremamente sombrios, o melhor que pode fazer é mostrar que não é responsável por aquilo que veio a ser, e a expressão história triste é adequada. É interessante notar que, quanto mais o passado de uma pessoa a afasta de concordância aparente com valores morais centrais, mais parece obrigada a contar essa história triste para qualquer companhia que encontre. Talvez responda, em parte, a necessidade que sente, em outros, de não receber afrontas aos seus desenvolvimentos de vida. De qualquer forma, é entre presos, bêbados e prostitutas que mais facilmente se obtém as histórias tristes! (GOFFMAN, 1974, p.129).

E por último, a aprendizagem como um processo característico da “carreira moral”, está presente em todas as fases que a constituem e é marcante ao longo do trabalho de Goffman (1974). É possível identificar algumas aprendizagens do paciente, claramente apresentadas, como na afirmação de que o paciente “aprende a viver sob condições de exposição iminente, e com grandes flutuações de consideração” (GOFFMAN, 1974, p.139).

Mas o aprendizado fundamental e mais preocupante do internado, segundo Goffman (1974), foi o de que “a imagem do eu pode ser vista como algo fora de si mesmo e que pode ser construída, perdida e reconstruída – tudo isso com certa rapidez e certa justiça”. Na socialização de adultos, aprender isso pode ser perigoso, afirmou Goffman (1974), pois algum dos internados, ao aprender que o seu eu está aberto, pode não sentir necessidade de uma “nova roupa” para o seu eu, depois de “ter suas vestes arrancadas” (GOFFMAN, 1974, p.143).

4.2 A CARREIRA NO LAZER SÉRIO

A concepção de “carreira moral” de Goffman (1974), em sua ampla consideração de elementos e características, foi “importada” para a Perspectiva do Lazer Sério (STEBBINS, 2008, p.112), e tornou-se um elemento central para sua análise, como já afirmado. A “carreira” está presente em todos os “papéis [sociais] complexos incluindo especialmente os do trabalho, lazer, desvio [social], política, religião e relações interpessoais, substanciais” (STEBBINS, 2008, p.11, tradução minha) e no lazer sério representa:

um percurso ou transição típicos de um amador, praticante de hobby ou voluntário, que levam a pessoa através de e para um papel social de lazer e possivelmente através de e para um papel social de trabalho. A essência de qualquer carreira, seja no trabalho, lazer, ou em outro lugar, encontra-se na continuidade temporal das atividades associadas a ela (STEBBINS, 2008, p.19, tradução minha).

Se no estudo de Goffman (1974), a pessoa era levada em sua carreira a um papel social de internado e aprendia ao longo de sua permanência a se adaptar, a orientar-se de forma benéfica no sistema. No lazer sério, a pessoa é levada através e para um papel social de lazer, que se expressa na “aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência” (STEBBINS, 2008, p.5, tradução minha).

Esse “percurso ou transição” se delineia no lazer sério a partir de “contingências específicas próprias, pontos de inflexão e estágios de realização ou envolvimento” (STEBBINS, 2008, p.11, tradução nossa), elementos muito próximos dos apresentados por Goffman (1974) e descritos anteriormente como “contingências ou circunstâncias de

carreira”. Trata-se de circunstâncias que marcam o percurso da pessoa de forma determinante. A partir dessa idéia basilar de carreira proposta por Goffman (1974) que Stebbins (1970) inicia o desenvolvimento do conceito de carreira no lazer.

4.3 A CARREIRA SUBJETIVA

É em seu artigo “Career: a subjective approach”, que Stebbins (1970) lança os primeiros fundamentos para o conceito de “carreira” do “lazer sério”. Stebbins (1970) busca explorar em profundidade sua idéia inicial de uma “carreira subjetiva” (STEBBINS, 1970, p.34, tradução nossa) relacionando-a com duas aproximações já abordadas nas ciências sociais, a “carreira indivíduo-objetiva” e o “padrão de carreira” ou “linha de carreira” (STEBBINS, 1970, p.34, tradução minha).

Stebbins (1970) considera que essas duas perspectivas sobre a carreira evidenciam e valorizam instâncias objetivas da experiência dos sujeitos. Na primeira, ou seja, na “carreira indivíduo-objetiva”, a carreira é considerada em sua definição tradicional, como na proposta de Becker (1952, p.470), parafraseando Hall (1948, p. 327):

[...] se refere a uma série padronizada de ajustamentos feitos pelo indivíduo à “rede de instituições, organizações formais e relações informais” em que o trabalho de sua ocupação é realizado. Essa série de ajustamentos é considerada normalmente em termos de movimento para cima e para baixo entre posições diferenciadas por sua colocação em alguma hierarquia formal ou informal de renda, influência e prestígio (BECKER, 1952, p.470, tradução minha).

A segunda perspectiva diz respeito a definições que consideram o “padrão de carreira” ou “linha de carreira”, uma representação coletiva que faz parte de uma cultura na qual se fundamentam as identidades (STEBBINS, 1970, p.32). Essa segunda forma de olhar para a carreira foi introduzida na sociologia do trabalho para dar conta das mudanças de ocupações dos indivíduos e, assim, dos novos padrões ou linhas de trabalho. Um exemplo é dado por Nosow & Form (1962, p.284) ao argumentarem que “sociologicamente a carreira

se refere a qualquer padrão de mudança ocupacional (vertical e/ou horizontal)⁹ de qualquer grupo ocupacional” (tradução minha). Assim, Stebbins (1970) define o “padrão de carreira” como proposto por Nosow & Form: “um movimento de curso consensualmente reconhecido através de estágios reconhecidos com uma iniciação e um final” (STEBBINS, 1970, p.37, tradução minha).

Stebbins (1970) entendeu que essas duas perspectivas estavam sendo tratadas como dissociadas das visões pessoais de atores humanos, embora as pesquisas orientadas por elas contivessem significativo material subjetivo e seus enquadramentos teóricos os excluíssem. Stebbins (1970) ofereceu exemplos de estudos em que se fornecem evidências para uma visão subjetiva sobre a carreira dos sujeitos pesquisados, destacando as propostas de Goffmann, apresentada anteriormente, e de Hughes (1937), para quem “subjetivamente, a carreira é a perspectiva do movimento em que a pessoa vê sua vida como um papel e interpreta o significado de seus vários atributos, ações, e as coisas que acontecem a ela” (HUGHES, 1937, p.409-410, tradução minha).

Para Stebbins (1970), o conceito de carreira deveria ser conectado a uma identidade social, considerando os eventos que se ligam a essa identidade e que, de uma maneira ou de outra, são importantes para uma ou mais pessoas do grupo referência. Considerando a posição central que a identidade assume na análise da carreira, Stebbins (1970) definiu a carreira subjetiva como “o reconhecimento e interpretação dos atores de eventos passados e futuros associados com uma identidade particular e especialmente sua interpretação de como contingências importantes foram ou serão encontradas” (STEBBINS, 1970, p.34, tradução nossa). Importante mencionar que os elementos “reconhecimento” e “interpretação” foram considerados por Stebbins (1970, p.34, tradução nossa) como “produtos resultantes” e não processos precedentes como geralmente representavam nos estudos da sociologia.

Assim, Stebbins (1970) contrastou essa forma de considerar a carreira como uma visão pessoal de acontecimentos e sua relação com importantes características de sua vida

⁹ Os aspectos dimensionais de verticalidade e horizontalidade da carreira foram discutidos anteriormente por Howard S. Becker (1952). O aspecto vertical se refere aos possíveis níveis hierárquicos disponíveis ao indivíduo em sua carreira. Já o aspecto horizontal se refere às posições disponíveis ao indivíduo dentro de um nível determinado na hierarquia presente em sua ocupação.

com outras duas formas de ver a carreira. A primeira forma é a que considera a carreira como uma série de estágios (padrão de carreira), e a segunda é a que considera a carreira como o progresso de um indivíduo através desses estágios (a carreira “indivíduo-objetiva”).

A “predisposição” é a forma mais eficiente para explicar a “carreira subjetiva”, segundo Stebbins (1970). A idéia de “predisposição” foi baseada na concepção de Campbell (1963, p.97-112) sobre “condições adquiridas”, em que se dá ênfase à importância do fato de que as predisposições, ou “disposições comportamentais adquiridas”¹⁰, resistem e permanecem dormentes até serem ativadas por estímulos situacionais. “Quando ativados, esses produtos de nossa experiência passada incidem sobre nossa consciência, dotando-nos de uma visão específica de mundo, e orientam o comportamento no presente imediato” (STEBBINS, 1970, p.35, tradução nossa). Em outras palavras, nossos valores, atitudes, fragmentos de conhecimentos, memória, hábitos e sentidos dados às coisas estão envolvidos em nossas “qualidades predisposicionais”¹¹, são “ativados” e nos tornam conscientes de sua existência.

Nesse ponto, o “reconhecimento” e a “interpretação” estão relacionados com essas “qualidades predisposicionais”. Ocorre que “o reconhecimento e interpretação dos atores de eventos passados e futuros [...]” resultam em certo tipo de conhecimento e que esse conhecimento, como uma “predisposição”, nos permite considerar que a “carreira”, assim como uma “predisposição”, é também uma visão específica de mundo. “Quando ativada em uma situação social em curso, a carreira subjetiva influencia o comportamento através dessa visão de mundo e simultaneamente eleva nossa consciência dela” (STEBBINS, 1970, p. 35, tradução nossa).

A “carreira subjetiva” como uma “predisposição” pode ser ativada em muitas hipóteses. As “contingências da carreira” ou “pontos de virada”¹², mencionados anteriormente, são elementos significantes por elevar a consciência dos indivíduos sobre o que ocorre a eles em uma identidade particular ou o que irá acontecer no futuro. As “contingências”, de acordo com Stebbins (1970), estabelecem o direcionamento de alguém

¹⁰ *Acquired behavioral dispositions.*

¹¹ Esse e outros aspectos da “predisposição” têm muito em comum, segundo Stebbins (1970), com a discussão filosófica de “perspectiva” de Mead (1938).

¹² *Turning points.*

dentro de uma esfera de sua vida¹³. Outra via que pode gerar a consciência de carreira é o reconhecimento de que uma carreira foi finalizada. Isso pode ser visto no caso de uma aposentadoria formal ou no final do cumprimento de uma sentença prisional, por exemplo. Nesses casos, os sujeitos são levados a uma consciência particular retrospectiva sobre eventos passados.

Stebbins (1970) menciona o estudo de Roth (1963)¹⁴ em que ficou evidente que pessoas em uma carreira dentro de um grupo referência tendiam a observar outras na mesma “linha de carreira” na avaliação de seus próprios progressos em diferentes estágios da carreira. Nesse caso, essa avaliação dependia da determinação consensual dos estágios possíveis, que poderiam ser ocupados de acordo com habilidades, motivação, velocidade de reconhecimento, educação e assim por diante. Entretanto, Stebbins (1970) chamou a atenção para fato de haver carreiras nas quais esses “estágios da carreira” não seriam reconhecidos pelos membros de um grupo referência, se é que de fato eles existiam.

Ainda sobre a consciência de uma carreira, Stebbins (1970) apontou para o aspecto de que as pessoas têm mais de uma carreira se desenvolvendo ao longo de suas vidas e inclusive ao mesmo tempo. No momento em que essas carreiras entram em choque, no sentido de haver conflitos entre seus valores ou utilização do tempo, por exemplo, é provável que haja alguma consciência. Isso ocorre enquanto o indivíduo tenta reduzir essa tensão em certas situações sociais – Stebbins exemplificou isso com o choque que poderia haver entre a carreira ocupacional de um homem e sua carreira como golfista amador.

Alguns apontamentos de Hughes (1958), sobre a carreira do indivíduo e como esses inter-relacionam a consciência e a carreira também foram destacados por Stebbins (1970). Um deles é a existência de um “calendário social” entrelaçando os ciclos humanos de trabalho e de diversão. Isso explicaria o fato de jovens tornarem-se conscientes da expectativa sobre suas carreiras ocupacionais, entre seus 20 anos e final do ensino médio. A questão de haver uma marcação biológica dos ciclos humanos e de suas contingências; as influências dessas contingências sobre as carreiras objetivas, exemplificada no caso em que o nascimento de uma criança leva àqueles que mantêm o lar a buscar um emprego com

¹³ Stebbins (1970) ilustra esse aspecto das contingências mencionando o estudo de Lindesmith & Strauss (1968) sobre o tratamento de recuperação de dependentes de drogas.

¹⁴ ROTH, Julius A. **Timetables**. Indianápolis: The Bobbs-Merrill Co., 1963.

salário adequado capaz de dar suporte dentro de novas condições. Um destaque dado por Hughes (1958) é que as pessoas detestam reconhecer “pontos de virada”, ou *turning points*, naturais e específicos em sua carreira de vida, particularmente a inevitabilidade da morte.

Fica claro, com o exposto anteriormente, que parte da “carreira subjetiva” de alguém é constituída por seu “reconhecimento” e “interpretação” desse “padrão de carreira” e que, por isso, muitas qualidades de seus estágios não fazem parte de uma visão convencional, mas sim de uma visão pessoal. Essas qualidades de cada estágio podem ser encontradas em “como a pessoa relaciona esses estágios com as circunstâncias envolvendo seus objetivos, habilidades, biografias, e auto-conceito – em suma, com sua própria personalidade” (STEBBINS, 1970, p.38, tradução minha).

O fato de haver um sujeito que experimenta as “contingências da carreira” se torna importante na perspectiva de Stebbins (1970). Assim, “um *turning point* é uma contingência porque é definido como tal pelos que o experimentam” (STEBBINS, 1970, p. 38, tradução minha). Essa contingência poderia ser uma experiência reconhecida consensualmente por todos aqueles que participam de uma “linha de carreira” específica – um aspecto do “padrão de carreira” – como, por exemplo, passar em uma seleção e doutorado. Ou, essa contingência poderia ser mais peculiar de uma pessoa – um aspecto de uma visão pessoal de uma participação individual em um “padrão de carreira” – como, por exemplo, uma demonstração, após receber uma boa nota em um exame, de que é capaz de conseguir boas notas e isso levar a pessoa ter novas aspirações e ver-se de uma nova maneira. É esse último aspecto, referente à visão da pessoa, que foi considerado por Stebbins (1970) como parte da “carreira subjetiva” de um ator.

A “linha de carreira” assume em alguns momentos o sentido pessoal de segurança no emprego e de algo ligado ou de compromisso com ele. Stebbins (1970) exemplifica com o caso de um oficial militar que deseja deixar a carreira militar e seguir na carreira civil, mas descobre que seus planos de pensão, aposentadoria e seguridade tornam custosa essa alternativa. Essas condições são entendidas como parte da visão subjetiva de alguém sobre sua carreira.

Podemos dizer então que a “carreira subjetiva” e a “linha de carreira” ou “padrão de carreira” são conceitos que se sobrepõe em abrangência. De forma teórica, a “carreira

subjetiva” é como uma extensão e amplificação de alguns aspectos da “linha de carreira”. “Há uma consciência do que é convencionalmente tomado como linha de carreira, mas essa consciência é também pessoalmente aumentada pelo fato de os homens focarem-se sobre contingências e sentidos idiossincráticos” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução minha). Para Stebbins (1970), a “carreira subjetiva” poderia ser vista como uma “imagem personalizada do padrão de carreira e de como o ator relaciona suas ramificações consigo mesmo” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução minha).

Stebbins (1970) relacionou a “carreira individuo-objetiva” com essas duas aproximações. A “carreira individuo-objetiva” é definida como “o progresso de um indivíduo (ou coorte de indivíduos) através de uma linha de carreira” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução minha). Em outras palavras, é a visão de um observador sobre “os padrões de movimento entre os estágios (verticais e horizontais) em sua relação com vários critérios para o movimento, como educação, performance, habilidade, e similares, e como estes estão relacionados a um cronograma de movimentos” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução minha). Essa aproximação de “carreira individuo-objetiva” representava, segundo Stebbins (1970), o que era reconhecido como “carreira” pelos cientistas sociais.

Mas havia uma visão subjetiva nessa aproximação também. Havia provavelmente, segundo Stebbins (1970), “interpretações idiossincráticas das condições de passagem, dos critérios, e dos tempos” que podem ser incluídas na “predisposição” da “carreira subjetiva” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução minha). O exemplo dado por Stebbins (1970) foi o de um supervisor promovido a gerente. Esse movimento, na aproximação proposta, foi concebido em termos mais amplos que os de um estágio para outro dentro de uma “linha de carreira”. Mesmo que a promoção tenha ocorrido baseada em critérios e tempos determinados para a condição de passagem, o evento será avaliado pela pessoa baseado em sua personalidade e história exclusivas nesse ponto de sua vida. Talvez essa promoção, mesmo que sendo nada excepcional do ponto de vista da “linha de carreira” possível à pessoa, pudesse ser considerada como o coroamento de suas metas de vida, além de sua significância geral. Ou, pelo contrário, a pessoa poderia ver essa promoção um mísero passo em direção ao topo, por considerar-se destinada à grandeza e assim por diante.

“Assim como na linha de carreira, a carreira subjetiva sobrepõe-se em seu escopo empírico à aproximação indivíduo-objetiva” (STEBBINS, 1970, p.39, tradução minha). O impacto dessa interpretação da carreira objetiva sobre o direcionamento do comportamento, segundo Stebbins (1970, p.42) seria impossível de ser determinado sem mais investigações empíricas. Embora Stebbins (1970) tenha indicado as amplas possibilidades de investigação voltadas às características gerais das predisposições (tais como reconhecimento, interpretação, conhecimento, visão de mundo e consciência), e viu como necessária a ampliação do conhecimento sobre o “padrão de carreira” e a “carreira indivíduo-objetiva”.

Um aspecto destacado como sendo talvez o maior problema relacionado às estratégias de pesquisa que observou residia em identificar a ativação da “predisposição” da “carreira subjetiva” em qualquer situação específica. Esse problema poderia ser solucionado com o foco em aspectos do comportamento, entrevistando o sujeito com vistas a descobrir quais aspectos da “carreira subjetiva” direcionavam o seu comportamento. Stebbins (1970, p.43) avalia que a interpretação está presente em todas as ações humanas.

Porém interpretações que modificam o que é esperado culturalmente do comportamento, de forma que seja significativa para um dado problema de pesquisa são menos onipresentes em um nível desconhecido. Esses são aspectos de ‘definições pessoais da situação’ que são distinguidas de ‘definições culturais’ mantidas consensual e coletivamente, e a relativa frequência dessas duas é muito mais uma questão aberta na ciência social contemporânea. (STEBBINS, 1967¹⁵, p.148-164, *apud* STEBBINS, 1970, p.43, tradução minha).

Para Stebbins (1970, p.48) a utilidade explanatória do conceito de “carreira subjetiva” se tornava aparente quando a interpretação pessoal modificava o comportamento do que poderia ser predito a partir das aproximações objetivas, como parte de uma série de fatores que influenciavam a pessoa na definição de uma situação. “A força dessa aproximação reside no fato de que ela nos permite estudar a avaliação pessoal de elementos da carreira vital e seus sentidos em nível situacional” (STEBBINS, 1970, p. 48, tradução minha).

¹⁵ STEBBINS, R.A. A theory of the definition of the situation. *The Canadian Review of Sociology and Anthropology*, 4, pp.148-164, 1967.

Com essa construção conceitual proposta por Stebbins (1970), concepções de outros autores foram sendo agregados à idéia de carreira, ajudando a explicar essa característica distintiva e fundamental do lazer sério.

4.4 CONTRIBUIÇÕES SOBRE A CARREIRA

Diferentes autores contribuíram para a construção do conceito de carreira como possibilidade dentro do lazer, em seus diferentes elementos analíticos. Hall (1948), em um estudo sobre a carreira médica, analisou a relação entre profissionais da medicina recém-formados e um núcleo interno de médicos que denominou como dos “estabelecidos”. No mesmo estudo, Hall (1948) identificou uma série de ajustes mais ou menos bem-sucedidos que influenciavam as carreiras desses profissionais, tanto nas instituições formais quanto em organizações informais.

Hewitt (2003) utilizou a carreira para denotar a seqüência temporal de ações conjuntas em todas as esferas da nossa existência e, antes disso, Hughes (1937) distinguia entre “carreira objetiva” e “carreira subjetiva”. Becker (2009¹⁶) delineou as várias dimensões da “carreira desviante”. Blankenship (1973) desenvolveu o entendimento de carreiras organizacionais, enquanto Prus (1984) conceituou as contingências da carreira como ideologias, identidade, compromissos, atividades e relacionamentos.

Dentro dos esportes, destacam-se os estudos de Hastings e seus colegas (HASTINGS, 1983; HASTINGS, KURTH & MEYER, 1989; HASTINGS, KURTH, SCHLODER & CYR, 1995) que focaram-se nas carreiras competitivas de nadadores másters através do curso de vida; Murray (1985) que tipificou as carreiras morais de maratonistas australianos; Snyder (1986) que estudou os diferentes níveis de envolvimento envolvendo a carreira no “shuffleboard”; e, McQuarrie & Jackson (1996) que identificaram cinco estágios da carreira no lazer sério de patinadores no gelo amadores adultos.

¹⁶ Referência original: BECKER, Howard Saul. **Outsiders**: studies in the sociology of deviance. New York: Free Press, 1963.

Os mesmos autores, McQuarrie & Jackson (2002), desenvolveram proposições sobre o papel das transições nas carreiras profissionais e os efeitos que “condições limitantes”¹⁷ tinham sobre essas transições. Essas proposições partem da adaptação de duas áreas dos estudos do lazer – a de estudos das “condições limitantes”, que examinam o efeito das restrições sobre a capacidade de participar nas atividades de lazer; e, a dos estudos do “lazer sério”, especificamente sobre a continuidade na atividade, ou seja, a “carreira de lazer”.

Embora a carreira implique uma realidade complexa e multidimensional, grande parte dessa literatura considera mais os seus aspectos objetivos, dando prioridade ao progresso observável em uma ocupação ou organização, e pouca atenção às visões pessoais que se amarram a linhas particulares de ação (COLLIN & YOUNG, 1986). Em outras palavras, o foco nas carreiras objetivas ou séries de ajustamentos padrão dos indivíduos à redes de instituições e organizações tem ofuscado as carreiras subjetivas ou reconhecimento e interpretação de eventos passados e futuros amarrados a cursos sociais específicos da vida dos atores (STEBBINS, 1970).

As últimas formulações a respeito da carreira na PLS estão contidas no mais recente livro de Robert A. Stebbins, intitulado “Career in Serious Leisure: from dabbler to devotee in search of fulfillment” (2014b). O livro reúne a produção científica elaborada em torno da carreira no lazer e procura oferecer uma síntese atualizada desse conhecimento. A carreira é tratada em sua representação para pessoas que tem diante de si a questão sobre o que fazer de suas vidas. De acordo com Stebbins (2014b) esta questão emerge em diferentes momentos da vida, como na adolescência, na meia-idade e na aposentadoria – “O que eu vou fazer vida?” ou “O que eu vou fazer com o resto da minha vida?” (STEBBINS, 2014b, p.1, tradução nossa).

A carreira é apresentada de forma mais complexa que nas outras publicações do autor e é discutida em uma espécie de derivação a qual Stebbins (2014b) chamou de “carreira realizadora”, ou *fulfillment career* (STEBBINS, 2014b, p.1, tradução nossa). Ela representa uma carreira que serve como meio para que a pessoa descubra profundos significados de realização pessoal, pois através da realização, os participantes compreendem seu potencial, descobrindo seus gostos e talentos únicos para uma ou várias atividades. Uma

¹⁷ *Leisure constraints*, no original.

das principais formulações de Stebbins (2014b) é que o interesse e desenvolvimento em uma “carreira realizadora” provém do lazer, mesmo que este mesmo interesse leve a um trabalho altamente atrativo. E, isso acontece a partir da exposição em um dos tipos de lazer da PLS (casual, baseado em projeto, ou sério).

As pessoas que buscam por uma carreira realizadora são orientadas por um desejo de melhorar em seus lazeres ou atividades profissionais. Claro que melhorar pode significar coisas diferentes para diferentes participantes. Entretanto, melhorar “é um recurso básico de motivação e auto-imagem da vida que dispara o desenrolar de uma carreira realizadora” (STEBBINS, 2014b, p. 01, tradução minha).

Ao apresentar a “carreira realizadora”, Stebbins (2014b) apresenta os principais elementos da carreira, indicando também os principais autores que contribuíram para o entendimento destes. Stebbins (2014b) destaca que existem processos e condições-chave que facilitam o surgimento de uma carreira no lazer. Destes, dois foram mais presentes em seus estudos sobre amadores, praticantes de hobby e voluntários: a descoberta acidental da possibilidade de carreira e o “contato memorável” com uma atividade de lazer ou trabalho na qual a carreira se fundamenta.

4.5 O DABBLING E O CONTATO MEMORÁVEL

Um dos conceitos que já vinha sendo utilizado nas formulações a respeito da carreira no lazer é o conceito de *dabbling* e representa a descoberta acidental da possibilidade da carreira e, conseqüentemente a realização pessoal através dela. O *dabbling* é uma das formas como a carreira se origina e é definido como a realização de alguma atividade de lazer em que o sujeito não tem treinamento e prática necessárias para realizá-la – ela ocorre de forma desinteressada, no sentido de um objetivo a longo prazo na atividade. Como no caso de uma pessoa que nunca correu e decide esporadicamente participar em uma prova de 100 metros rasos. Ao correr, a pessoa descobre que tem aptidão e gosto para a atividade e decide realizá-la de forma sistemática, procurando um treinador, uma equipe de corrida, e assim por diante. Essa experiência envolve, pelo menos, três componentes de acordo com Stebbins (2014b, p.29-30): (1) “sensório”, que refere-se aos elementos psicológicos

que acompanham a experiência de *dabbling*, compreendendo as sensações geradas e também a satisfação da curiosidade; (2) “social”, compreendendo a consideração de que a maioria das experiências contém um componente de imitação de outros participantes, por parte das pessoas que estão experimentando o *dabbling* (*dabblers*); e, (3) “acessibilidade”, que considera que é necessário que o sujeito tenha acesso aos recursos relacionados à prática da atividade que deseja experimentar.

A outra possibilidade identifica por Stebbins (2014b) ao falar sobre os processos-chave que podem desencadear a carreira no lazer foi a que ele chamou de “contato memorável” (STEBBINS, 2014b, p. 35, tradução minha). Trata-se de uma experiência em que a pessoa entra em contato com uma atividade e, a partir dessa experiência desejam se envolver com a atividade, iniciando uma carreira no lazer.

4.6 GRAUS DE ENVOLVIMENTO NO LAZER

Assim, Stebbins (2014b) propõe que os participantes que desejam continuar na atividade de lazer, tanto por terem descoberto acidentalmente seu gosto e aptidão, quanto por terem tido uma experiência memorável com a atividade, iniciam uma carreira. O envolvimento dessas pessoas pode variar em intensidade. Para representar esse aspecto da carreira, Stebbins (2014b), propôs uma “escala de envolvimento” (STEBBINS, 2014, 32-34, tradução nossa).

Nesse aspecto, foram os estudos de Siegenthaler & O'Dell (2003) que ajudaram no entendimento da carreira no lazer. Em um estudo qualitativo, Siegenthaler & O'Dell (2003), investigaram a premissa de que o “lazer sério” ajuda no envelhecimento bem-sucedido. Os dados foram coletados no sudeste dos USA durante 1998 e 1999. De acordo com Siegenthaler & O'Dell (2003, p.47), foram selecionados homens e mulheres golfistas, mentalmente alertas, com pelo menos 65 anos. 26 golfistas foram solicitados a participar, 21 deles concordou e somente 19 responderam, tanto a pré-entrevista, quanto a entrevista em profundidade. 20 golfistas participantes do estudo eram conhecidos de um dos pesquisadores e outros 7 foram identificados através da método de amostragem *snowball* (PATTON, 2002, p.237).

Siegenthaler & O'Dell (2003) escolheram o golfe por considera-lo um esporte bastante popular entre os velhos e que por suas características apresentava potenciais para contribuir com o envelhecimento bem-sucedido, além de ser bem adequado como “lazer sério”. Realizaram entrevistas em profundidade com 19 sujeitos buscando conhecer a seriedade e sua contribuição para o envelhecimento bem-sucedido.

Os golfistas eram 8 homens e 11 mulheres com idades entre 67 e 87 anos (média 77 anos). Suas análises revelaram quatro tipos de golfistas com graus variados de envolvimento/seriedade em relação ao golfe. “Core devotees”, aqueles que tinham o golfe como foco central de suas vidas. “Moderate devotees”, voltados para o prazer do golfe e tudo que envolvia. “Social”, que tinham a função social primária de encontrar e interagir com amigos (SIEGENTHALER & O'DELL, 2003, p.48).

Essas três categorias, relacionadas ao nível de intensidade de envolvimento nas atividades de “lazer sério”, foram adaptadas por Stebbins (2008, p.21; 2012, p.83), visando manter uma terminologia consistente com a pesquisa, a teoria e a generalidade. Em sua “escala de envolvimento”, cada grau de intensidade de envolvimento recebeu os termos: *participant*, *moderate devotee*, e *core devotee* (STEBBINS, 2008, p.21; 2012, p.83, tradução minha), partindo do grau menos intenso e chegando ao mais intenso. Recentemente, Stebbins (2014b) adicionou à escala a categoria *neophyte*, antecedendo todos os outros graus e representando o nível inicial de envolvimento com a atividade de lazer.

4.7 ESTÁGIOS DA CARREIRA DE LAZER

Outro elemento importante na caracterização da carreira no lazer é a presença de estágios que representam os diferentes momentos do percurso que as pessoas realizam ao continuarem envolvidas no lazer. Nesse aspecto da carreira, o estudo de Heuser (2005) foi considerado relevante. Heuser (2005) fez um estudo etnográfico sobre jogadoras de uma

modalidade esportiva chamada de *lawn bowling*¹⁸, em um clube da classe trabalhadora na área metropolitana de Perth, na Austrália.

Baseada na observação participante e em entrevistas semi-estruturadas em profundidade, Heuser (2005) identificou a carreira objetiva das jogadoras e as interpretações subjetivas dessas mulheres. Na análise da carreira dessas jogadoras, Heuser (2005) identificou cinco estágios que caracterizavam seu envolvimento nessa atividade de lazer. O primeiro estágio foi caracterizado pela iniciação ao *lawn bowling*, através de outras pessoas ou de mudanças nas circunstâncias da vida.

O segundo estágio descrito por Heuser (2005) foi representado pelo “vício” em que as mulheres encontravam-se irresistivelmente atraídas ao esporte por inúmeras razões. O terceiro estágio foi marcado por jogar seguidamente como membros do clube, com a presença de notáveis variações no envolvimento e comprometimento das jogadoras – variando entre serem jogadoras sociais, sérias ou temporariamente afastadas, participando em diferentes níveis de competições. Nem todas as jogadoras passavam pelo quarto estágio que se referia a assumir posições na organização, como membros de comissões, oficiais, delegadas, árbitras ou técnicas. No último estágio, as mulheres enfrentavam o afastamento físico do jogo, mas não necessariamente o afastamento social.

Segundo Heuser (2005, p. 49), diferente de uma progressão linear, como proposto no modelo de Hastings *et al.* (1989), a carreira das jogadoras se delineava em uma espécie de “zig-zag”, especialmente em seus estágios médios. Isso ocorria por conta da alternância na forma das participações, sendo jogadoras sociais em alguns momentos, sérias em outros, e afastadas temporariamente. Essa alternância na forma de participação das jogadoras estava baseada em contingências situacionais que faziam mais ou menos possíveis grandes níveis de comprometimento.

A proposta de Stebbins (2012), recorrendo aos seus próprios estudos sobre amadores e profissionais (STEBBINS, 1992) e, especificamente por esse estudo de Heuser (2005),

¹⁸ *Lawn Bowling*: é jogo em que os participantes tentam posicionar uma bola (assimétrica) o mais próximo possível e uma bola branca. Geralmente é jogado em gramados e é considerado o segundo esporte mais jogado na Austrália. O “jogo de bocha”, tradicionalmente jogado na região sul do Brasil, parece o que mais se aproxima em semelhança a esse jogo.

(Mais informações em: www.BowlsWorld.com.au e “How to Lawn Bowl” <http://www.youtube.com/watch?v=PonGXrse4MU> – acesso em 09 de janeiro de 2014).

incluiu cinco possíveis estágios de carreira: “iniciação, desenvolvimento, estabelecimento, manutenção e declínio”¹⁹ (STEBBINS, 2012, p.82, tradução minha). Sintetizando, o primeiro estágio da carreira de “lazer sério”, a “iniciação”, representa o estágio que dura o tempo necessário para que a atividade se estabeleça e envolve a aprendizagem das habilidades, conhecimento e experiência iniciais para a realização do lazer. O estágio do “desenvolvimento” se inicia com o interesse em realizar a atividade de forma mais ou menos rotineira e sistemática.

O “desenvolvimento”, descrito por Stebbins (2012, p.82), é o estágio em que os participantes avançam para além da necessidade de aprender as habilidades e conhecimentos básicos requeridos para a realização das atividades de “lazer sério”. Durante o estágio de “manutenção” a carreira está em pleno vigor e os participantes são capazes de desfrutar o máximo da atividade, expressando o auge de suas habilidades, conhecimento e experiência. O último estágio descrito, o “declínio”, não é necessariamente experimentado por todos os participantes, mas os que o experimentam, em geral, tem como causa a deterioração de habilidades mentais ou físicas. Esse último estágio está relacionado ao possível abandono do lazer. Entretanto, existem diferentes tipos de contingências que podem levar ao abandono, mesmo nos estágios anteriores. São contingências que se inscrevem em dimensões “motivacionais”, “sócio-psicológicas”, “físicas”, “geográficas”, e, “regulatórias” (STEBBINS, 2014b, p.74-75).

Hastings, Kurth & Meyer (1989) investigaram as carreiras de nadadores. Os autores iniciam seu artigo considerando limitados os modelos de carreira, por sua aplicabilidade limitada. Um dos aspectos que destacaram é o fato destes modelos de carreira não incluírem as pausas e interrupções possíveis na carreira. Essas “descontinuidades” na carreira (HASTINGS, KURTH & MEYER, 1989, p.278) poderiam se dar pela prioridade orientada a outra carreira, de forma permanente ou temporária – a essa última forma, Hastings, Kurth & Meyer (1989, p.278), nomearam de “dormente”, em vez de “terminal”, como tipicamente era representada.

Para Hastings, Kurth & Meyer (1989) a reentrada na carreira ou reassunção dela ocorria “quando as demandas de outras carreiras diminuem, ou as prioridades se deslocam,

¹⁹ *Beginning, development, establishment, maintenance, e decline*, respectivamente.

ou os recursos mudam” (HASTINGS, KURTH & MEYER, 1989, p.279, tradução minha). Ainda, segundo os autores, a inclusão de fases de “dormência” e “reentrada” facilitavam a análise do movimento entre as carreiras, bem como a mudança de padrões de envolvimento na carreira esportiva durante o curso de vida (HASTINGS, KURTH & MEYER, 1989, p.279, tradução minha).

Embora a abordagem sobre a carreira proposta por Hastings, Kurth & Meyer (1989) não esteja tão próxima do estudo aqui proposto – o curso de vida é tomado pelos autores como uma categoria representada de modo etário, por exemplo –, os aspectos destacados acima são considerados importantes por enfocarem elementos que enriquecem a análise da carreira. As possíveis alternâncias, interrupções e retomadas dentro dos estágios de envolvimento no lazer sério e de suas fases de desenvolvimento se tornam elementos-chave quando consideramos estudos ancorados em uma perspectiva que compreende o desenvolvimento ao longo da vida dos sujeitos.

Dois estudos que ajudam a entender melhor os elementos da carreira no lazer são os de McQuarrie & Jackson (1996, 2002), em que os autores analisaram o que chamaram de “condições limitantes” em suas relações com o “lazer sério”. Uma ausência marcante na literatura sobre a carreira, segundo McQuarrie & Jackson (2002) é a temática das “condições limitantes”²⁰ e como elas podem influenciar as transições de carreira. “Uma condição limitante pode ser definida como qualquer barreira que restrinja um indivíduo de realizar uma ação desejada” (MCQUARRIE & JACKSON, 2002, p.38, tradução minha). No primeiro estudo, McQuarrie & Jackson (1996) analisaram a “negociação das condições limitantes” na participação no “lazer sério” de praticantes de patinação no gelo. O termo “negociação das condições limitantes” se referia na literatura relacionada às formas como os sujeitos “lidam com obstáculos ou barreiras” na participação do lazer (MCQUARRIE & JACKSON, 1996, p.461, tradução minha).

Para McQuarrie & Jackson (1996), o conceito de “lazer sério” contemplava a existência de “condições limitantes” no lazer e os posicionamentos dos sujeitos de forma que os permitia lidar com essas condições a partir da adoção de diferentes estratégias. Uma das proposições que se destaca no artigo de McQuarrie & Jackson (1996) consiste na

²⁰ *Constraints*.

consideração de que “a necessidade de perseverar” e o “esforço pessoal significativo” presentes na teoria de Stebbins (2008, p.11) poderiam ser reinterpretados por “negociação das condições limitantes”. Ainda, que as “condições limitantes estruturais”, que modificam a participação no lazer, e as “condições limitantes antecedentes”, que afetam as preferências de lazer e podem ser intrapessoais ou interpessoais, ocorreriam de forma simultânea e não linearmente como anteriormente foi proposto (1996, p.462-463, tradução nossa). Além disso, McQuarrie & Jackson (1996) apresentam formulações a respeito das “negociações de condições limitantes”, identificando-as dentro de “cinco estágios progressivos da carreira de lazer” – (1) “tornando-se um potencial participante”, (2) “iniciando no esporte”, (3) “desenvolvimento”, (4) “estabelecimento”, (5) “declínio” ou “afastamento” (MCQUARRIE & JACKSON, 1996, p.467-474, tradução minha). McQuarrie & Jackson (1996), julgaram que analisar as atividades de “lazer sério” poderia ampliar o conhecimento das “negociações das condições limitantes” e vice-versa.

No segundo estudo, McQuarrie & Jackson (2002) revisaram estudos no contexto do “lazer sério” e das “condições limitantes”, propondo-se a identificar estratégias de negociação na “carreira do trabalho” que se assemelham às encontradas na “carreira de lazer”. McQuarrie & Jackson (2002) traçaram paralelos entre as duas carreiras e discutiram três proposições que servem para pensar sobre as carreiras: (1) “em todos os estágios de uma carreira de trabalho, as condições limitantes não são necessariamente obstáculos intransponíveis, mas podem ser negociadas entre os participantes”; (2) “respostas às condições limitantes encontradas não são necessariamente passivas”; e, (3) “condições limitantes podem causar a transição na carreira, tanto visível quanto invisível” (MCQUARRIE & JACKSON, 2002, p.47-48, tradução minha).

4.8 HIERARQUIA

A investigação recente de Lewis, Patterson & Pegg (2013) também trouxe contribuições importantes para o entendimento da carreira no lazer. Trata-se de um estudo sobre pilotos de corrida de motos. Os autores chamaram a atenção para o fato de que muitos estudos tem se voltado às gangues de motociclistas, porém, segundo eles, não havia

estudos sobre o “mundo do lazer sério” dos pilotos de corrida. Lewis, Patterson & Pegg (2013) analisaram entrevistas abertas estruturadas feitas com oito competidores de nível nacional da Austrália. Baseados na “teoria fundamentada” (GLASER & STRAUSS, 2006), Lewis, Patterson & Pegg (2013) buscaram compreender as interpretações dos pilotos sobre seu engajamento e escolha pelo “lazer sério”.

Um aspecto interessante que Lewis, Patterson & Pegg (2013, p.180) destacaram é que a corrida de moto é considerada um esporte de homens da classe trabalhadora australiana. Enquanto em um nível internacional os pilotos dependiam de patrocinadores para financiar sua participação nas competições, em nível local os recursos eram próprios dos competidores ou de seus familiares. Mesmo sendo um esporte de alto custo e ainda, de alto risco de morte ou ferimentos, os números de adeptos que aumentaram em 13% entre 2003 e 2008 pareciam indicar uma popularização das corridas de moto na Austrália.

O objetivo de Lewis, Patterson & Pegg (2013) foi o de determinar se os pilotos identificavam uma hierarquia na carreira e se assim fosse, em que medida ela correspondia às formulações de McQuarrie & Jackson (1996) sobre os “cinco estágios progressivos da carreira de lazer”. Ao final, Lewis, Patterson & Pegg (2013, p.187) apresentam um modelo que desenvolveram descrevendo a “hierarquia dos pilotos” de acordo com a percepção dos entrevistados. No modelo, Lewis, Patterson & Pegg (2013), posicionaram graficamente os cinco níveis hierárquicos que identificaram. Os níveis foram dispostos de forma que o primeiro nível “novato” (mais baixo) ficava dentro do “lazer casual”, os dois níveis posicionados acima, “particular” e “semi-profissional” encontravam-se dentro do “lazer sério”, enquanto eram representados ainda dois níveis mais altos que estes, o “satélite” ou “piloto em desenvolvimento” e o “Piloto do Patrocinador” (o mais alto nível). Dos mais altos níveis, um ficou posicionado entre o “trabalho pago” e o “lazer sério” e o nível mais alto ficou posicionado dentro do “trabalho pago”, mostrando que parte dos pilotos recebia para competir.

Ao buscarem correspondências com as formulações de McQuarrie & Jackson (1996) sobre os “cinco estágios progressivos da carreira de lazer”, Lewis, Patterson & Pegg (2013) destacaram o último estágio denominado “declínio”. Esse estágio foi “caracterizado pelo aumento da idade, lesões cumulativas e diminuição de habilidades físicas” (LEWIS,

PATTERSON & PEGG, 2013, p.189). No caso dos pilotos, a idade foi identificada como uma barreira que restringia o movimento de avanço na carreira, entretanto, alguns continuavam no esporte como forma de encontrar outros pilotos, familiares e amigos jovens e velhos, além e ajudar aos pilotos mais jovens atuando como seus mentores.

4.9 CRÍTICAS À PLS E À CARREIRA

Dentre as contribuições de diferentes autores, também houve críticas em torno da proposta de carreira no lazer, embora tenham sido relativamente poucas, comparadas com o número de publicações sobre a PLS. Tratando-se de complexidade, a PLS ao mesmo tempo em que indica interfaces complexas do lazer e do trabalho, a seriedade, a “apropriação do tempo livre” a partir de uma lógica do capital, entre outras, parece oferecer enquadramentos limitantes na forma de olhar o lazer – como, por exemplo, os tipos de praticantes (BRABHAM, 2012), a intensidade de envolvimento e que atividades podem ser consideradas pertencentes a cada tipo de lazer (ARAI & PEDLAR, 2003), entre outras. Em outras palavras, embora as análises empíricas que sustentam tais proposições contemplem essa complexidade – a maioria em trabalhos etnográficos, com entrevistas em profundidade –, as sínteses conceituais e as classificações propostas não parecem dar conta de expressar sua profundidade.

Stan Parker (1996) explorou em que medida o conceito e prática do “lazer sério” está correlacionado com os valores e comportamentos da classe média, buscando posicioná-los lado a lado e verificar sua compatibilidade. A partir de seu estudo, o pesquisador entendeu que há evidências de que as atividades de “lazer sério” são mais frequentemente praticadas por pessoas da classe média do que por pessoas da classe trabalhadora.

Parker (1996) considerou que a “carreira” não poderia ser uma característica definidora do “lazer sério” por sua variabilidade e destacou dois pontos sobre essa questão. O primeiro se refere ao fato de que o termo “carreira” é essencialmente do trabalho. “Não há razão pela qual não deva ser importado para outros campos além do trabalho”, argumentou Parker (1996, p.327, tradução nossa), “mas devemos estar cientes dos perigos de conceituar o lazer através de termos do trabalho e não de seus próprios termos

[específicos do lazer]”, continuou. O segundo ponto destacado por Parker (1996) é que a “carreira” é essencialmente um conceito da classe média. Sem entrar no debate sobre as possibilidades ou utilidades da análise de classe nos estudos sociológicos, o argumento de Parker (1996) foi o de que são as pessoas reconhecidas como pertencentes à classe média que falam sobre suas próprias “carreiras” e consideram os estágios de progressão formulados por Stebbins (2014). Para Parker (1996), as pessoas da classe trabalhadora não tinham “carreiras” e, sim, apenas empregos, quando “tinham sorte suficiente para obtê-los” (PARKER, 1996, p.328, tradução nossa).

Ao focar-se sobre os valores da classe média ou padrões de comportamento, Parker (1996) utilizou uma listagem desses valores de acordo com a proposta de Cohen (1955²¹, *apud* PARKER, 1996, p.328), indicando correspondências desses valores com o “lazer sério”. A lista, composta por nove valores, foi expandida por Parker (1996, p.328, tradução nossa) e relacionada com as seis características distintivas do “lazer sério”: 1. Ambição; 2. Responsabilidade individual; 3. Cultivo e posse de habilidades; 4. Realizações tangíveis; 5. Gratificação adiada (comumente chamada ascetismo); 6. Racionalidade; 7. Condutas, cortesia e personalidade; 8. Controle da agressividade física; 9. Gastos com lazer de forma construtiva; 10. Respeito pela propriedade.

De acordo com Parker (1996), esses valores poderiam ser correlacionados com as características do “lazer sério” se considerássemos a “carreira” como um tipo de ambição, a necessidade de “perseverança” como “cultivo e posse de habilidades”, por exemplo. Para formular suas considerações sobre as atividades de lazer de pessoas da classe média e da classe trabalhadora, a partir da Perspectiva do Lazer Sério, Parker (1996) utilizou os dados de seu estudo anterior (PARKER *et al.*1993²², *apud* PARKER, 1996, p.329). Foram 30 sujeitos entrevistados, homens e mulheres da Austrália, tendo como base a classe (“trabalhadora” e “média”) e o tipo de lazer – “sério”, “casual”, e “parcialmente sério”, este último representando o tipo de lazer que contemplava pelo menos três dos critérios propostos por Stebbins (1992) para o “lazer sério”.

²¹ COHEN, A.K. **Delinquent Boys**. Glencoe: FreePress, 1955.

²² PARKER, S. *et al.* Serious and other leisure: thirty Australians. **World Leisure and Recreation**, v. 35, n.1: pp. 14-18, 1993.

Os dados apresentados por Parker (1996) evidenciavam a prática mais frequente do “lazer sério” por pessoas da classe média, entretanto, a amostra era bem pequena para se generalizar qualquer afirmação sobre isso. Por fim, Parker (1996) dá a impressão de que está considerando o conceito de “carreira” apenas em sua dimensão objetiva, próxima a uma concepção de carreira profissional em suas características de progressão dentro de uma instituição. Isso fica evidente ao escrever que pensa ser possível ser um bom amador, praticante de hobby ou voluntário, sem uma carreira. Cabe retomar a idéia de que a carreira, nos termos do lazer sério, considera a continuidade na atividade e seus elementos caracterizadores como a aprendizagem das habilidades, dos conhecimentos, dos níveis de envolvimento e assim por diante. Outra afirmação importante feita por Parker (1996), ao concluir seu estudo, é de que, se o “lazer sério” crescer no futuro, isso ocorrerá primariamente por conta das pessoas com valores da classe média.

Há críticas de Chris Rojek (2000), não especificamente sobre a “carreira”, mas também sobre a PLS. Rojek (2000, p.18-21) argumentou que, embora essa perspectiva contribuísse substancialmente para os estudos do lazer, existiam três problemas em sua formulação. O primeiro problema estaria relacionado à inexistência de uma dimensão moral, pois são contempladas na PLS apenas atividades consideradas socialmente aceitáveis, excluindo assim atividades desviantes e não oferecendo uma base moral para distinguir entre as atividades de lazer.

O segundo problema, segundo Rojek (2000, p.18-21), é que a forma como a “carreira” é apresentada no “lazer sério” faz com que se ignore a importância da espontaneidade maior que há no “lazer casual”. E por último, a “Perspectiva” não ofereceria, nas reflexões de Rojek (2000), base para um exame do lazer como um fundamento para mudanças sociais. Essas observações foram vistas por Stebbins (2003) como indícios de que são necessários mais estudos, incorporando formas de lazer sério e casual desviante e não-desviante e suas combinações na vida diária dos indivíduos. Além disso, Stebbins (2003, p.455, tradução minha) reconhece que as investigações “não devem parar em um nível micro-analítico, como foi a tendência no passado [...], mas passar a incluir preocupações macro-analíticas, entre elas o papel de ambas as formas de mudanças sociais e integração social”.

O fato de a proposta da PLS apresentar como característica uma espécie de enquadramento das atividades de lazer, por sua classificação tipológica, é vista por diferentes autores como bastante limitante, como já notamos anteriormente (OLIVEIRA, 2012). Nota-se no trabalho de desenvolvimento da PLS ao longo de seus mais de 30 anos de história, esforços pela classificação das atividades de lazer, como pode ser visto em seu diagrama (ANEXO D). Esses esforços refletem-se também na crítica de Hamilton-Smith (1993), para quem esse esforço por definir e descrever o lazer sério, tanto por Stebbins quanto por outros autores, tem se sobreposto ao entendimento de suas dinâmicas ao longo do tempo. Breeze (2013), no esforço por mostrar como esse enquadramento pode ser limitante, por exemplo, discute a “seriedade” e como ela aparece na PLS como algo individual e socialmente bom, mas que deve ser analisado em sua ambivalência, multiplicidade e características nem sempre coerentes.

O trabalho que apresento trata especificamente da carreira de lazer, em que a fundamentação teórica que se segue, foi entendida como um recurso útil para as análises e relações estabelecidas. Entretanto, eu destacaria que o entendimento de duas das chamadas “qualidades distintivas do lazer sério” (STEBBINS, 2008, p.11) mereceria certos ajustes a partir do que foi encontrado nas análises feitas aqui. A qualidade “mundo social específico”, ou, “etos único”, que traz a idéia de características, valores e comportamentos compartilhados de forma peculiar na participação em um grupo específico de praticantes da mesma atividade gerou problemas. Esse seria o mundo específico do grupo? Se sim, como seriam entendidas as relações entre a produção de sentidos que circulava entre este e esferas maiores no “mundo da corrida”? Ou, seria este uma representação de um nível maior em que os grupos de corrida, por exemplo, faziam parte? Essas questões eram básicas para a compreensão da PLS, mas também para a explicação teórica de algumas relações entre a carreira e o envelhecimento que estavam sendo observados e analisados.

A segunda qualidade que pareceu bastante relevante em relação ao desenvolvimento da carreira era a da “identificação”. Dentre os textos, livros e artigos disponíveis, pouco sobre essa qualidade foi encontrado. Entretanto, esse elemento parecia fundamental, especialmente a partir do momento em que ele era visto como o indicativo de um processo de tornar-se membro do mundo social dos corredores. Sendo assim, a “identificação” era, dentre outros possíveis entendimentos, um processo que poderia ajudar na compreensão de

uma parte do desenvolvimento inicial da carreira dos corredores. Essas duas qualidades vão sendo apresentadas aos poucos, conforme se relacionam com os dados em torno da carreira.

A partir dessa fundamentação teórica utilizada para o entendimento da carreira e a identificação de certos limites, passo à exploração da carreira dos corredores do grupo de corrida. A seguir, também é possível perceber como essa exploração revelou aspectos importantes relacionados ao envelhecimento e o lazer sério desses corredores.

5 EXPLORANDO A CARREIRA NO GRUPO DE CORRIDAS DE RUA

A exploração da carreira apresentada aqui passa por reflexões que envolveram não apenas as observações feitas diretamente sobre a atividade central dos corredores e as observações como participante do grupo de corrida. Minhas próprias experiências como corredor, desenvolvendo a atividade central, se mostraram importantes para o desenvolvimento das análises. Não tenho dúvidas de que os pontos de maior destaque do trabalho de investigação foram tratados, analisados e concatenados durante a experiência de correr. Ou seja, muitas das reflexões que fiz, em especial as que eu considerei mais relevantes, surgiram a partir de questões, que eram geradas a partir das memórias dias de treino com os outros corredores, questões e memórias que me vinham nos dias em que eu rodava sozinho. As rodagens constituíram-se em momentos de reflexão de aspectos da experiência mencionados pelos corredores nas entrevistas, observados no desenvolvimento das atividades e vividos na minha própria pele, enquanto rodando.

Lembrava-me de minhas próprias histórias como corredor, sentia alguns desconfortos musculares e ficava pensando em como me sentia quando eu era mais novo, precisava decidir se iria mesmo fazer a distância programada ou iria alterar, por conta de diversos fatores como o clima, a condição física, e assim por diante. Ao mesmo tempo em que havia essas questões relacionadas aos sentimentos e memórias, ao correr pelas ruas da cidade, eu me colocava em uma posição que me permitia ver, literalmente, o que os corredores viam.

Foi ainda durante a elaboração do projeto de pesquisa de tese, especialmente no período de codificação do conjunto de entrevistas realizadas em 2009 para a dissertação e mestrado, que voltei a correr de forma sistemática. Isso se deu por conta de dois motivos principais. O primeiro foi o de vislumbrar uma possível necessidade de estar “em forma” para poder (re)inserir-me como corredor e participar como membro do grupo de corredores que pretendia investigar. O segundo motivo, embora tenha surgido como um reforço ao

primeiro, foi o de ter sido convidado a participar de um evento de corrida, uma meia-maratona, na cidade de Porto Alegre, como um “marcador de ritmo”²³.

Procurei manter-me atento ao campo de pesquisa, mesmo em uma situação de “volta”, muito peculiar aos corredores, e identifiquei aspectos de potencial contribuição durante esse processo. Dessa forma, parte dos dados que foram considerados nessa pesquisa surgiu desse contexto. Na verdade, muitos dos dados que foram construídos só ficaram evidentes pela situação que me encontrei. O termo “voltando”, muito utilizado entre os corredores, dentre outros termos, refletiu o peso que esse período de readaptação teve também na minha trajetória. Configuraram-se nesse período, reflexões em que a experiência e os relatos se entrecruzaram no diálogo entre a representatividade do termo como parte importante da cultura dos corredores e sendo relacionado também ao seu envelhecimento.

Em uma noite, sai para correr, nesse processo de estar “voltando” e encontrei-me por acaso com corredores conhecidos, em um parque municipal, conhecido como “Capão do Corvo”. Eu estava ali como de costume, alongando e pensando sobre o que eu tinha visto durante meu treino, sobre a carreira e como ela poderia ser vista no ambiente em que estava treinando. Além disso, que contribuições poderiam ser interessantes para o trabalho de pesquisa, enfim, refleti sobre algumas questões. O treino durou aproximadamente duas horas e um dos amigos que encontrei nesse dia de treino era um ex-atleta do atletismo e estava ali dando orientações para um grupo de corrida que ele mesmo criou. Os participantes de seu grupo estavam todos identificados e havia uma visível diferenciação entre aqueles que corriam há mais tempo e alguns recém-chegados. Os que corriam há mais tempo estavam com camisetas semelhantes, em que havia a inscrição “atleta” nas costas e corriam com pose de certa superioridade e orgulho, em relação aos outros. Já os corredores novatos ficavam sempre mais próximos do treinador, com expressões de surpresa,

²³ O “marcador de ritmo” é um corredor que participa da corrida como alguém que ajuda aos outros corredores a manterem o ritmo que desejam para a prova. Geralmente, são vários os corredores “marcadores de ritmo” que participam da prova, sendo contratados pela empresa que promove o evento. Suspeito que a proposta desse tipo de atuação seja parte de um processo de comercialização de elementos antes restritos a “corredores de elite”, aproximando-os e tornando-os acessíveis – no caso do marcador de ritmo, já havia a prática de utilização de um corredor para auxiliar no ritmo dos treinamentos (especialmente em treinos intervalados).

parecendo meio perdidos, recebendo orientações e perguntando sobre os procedimentos para as atividades.

No mesmo ambiente, posicionados à margem da pista atlética do parque, estavam instalados outros dois “pontos” ou “barraquinhas” de grupos de corrida que também treinavam no mesmo parque. Igualmente, os corredores estavam com camisetas em cores chamativas que os diferenciavam entre estes três grupos de corrida que consegui identificar. Foi possível também identificar os responsáveis pelos grupos, pela prancheta ou tablete que mantinham em mãos, a roupa diferente (calças compridas e camiseta) e suas falas técnicas de incentivo e orientação aos corredores na pista. Naquele dia de rodagem, encontrei no parque um ex-corredor do mesmo grupo de corrida que, na época da dissertação de mestrado, fazia parte da pesquisa e que naquela noite estava treinando e sendo orientado pelo ex-atleta referido. Não fiz qualquer questionamento a ele sobre sua mudança de grupo de corrida, mas fiquei curioso, pensando em que motivos poderiam existir para que isso acontecesse. Diante de tantas possibilidades imaginadas, a meu ver, seria interessante saber sobre o ponto de vista desse corredor, seus motivos, e como interpretava essa mudança de grupo. Tratava-se de um delineamento da trajetória do corredor que poderia ser frutífera do ponto de vista da pesquisa, ainda mais por tratar-se de um sujeito que estava com idade próxima aos 50 anos. Pedi-lhe o número do telefone após ter concordado em conceder-me uma entrevista em outro momento.

Aquele foi um momento chave e, a partir dele, passei a registrar minhas impressões sobre o campo durante minhas “rodagens” também. Em tempo, vale lembrar que “rodagem” também é um termo muito comum aos corredores e representa a corrida contínua, por longos trechos, geralmente para incrementar a resistência dos corredores. Comecei a perceber o quanto esse movimento de sair para correr fazia parte de um processo metodológico que me ajudava a compreender melhor o campo, informando-me sobre questões significativas que poderiam me ajudar na construção dos dados. Essa certeza foi ainda confirmada com algumas ocorrências durante esse período de readaptação ao treinamento.

Outro evento interessante durante uma das rodagens de treinamento que fiz sozinho foi o de ter cruzado com um outdoor de propaganda de uma marca de materiais esportivos

em que se anunciava “Estamos voltando... e correndo”, em 2014. Era a propaganda de uma marca esportiva que havia deixado o mercado brasileiro há alguns anos e estava voltando, agora com atenção especial ao mercado da corrida. Entrei em contato com a agência de publicidade e, em conversa telefônica informal, um dos publicitários me contou sobre o processo de concepção de uma série de propagandas utilizando a “língua dos corredores” que eram nesse momento o principal público alvo da marca. Solicitei cópia da imagem da propaganda e a incluí junto às anotações de campo. Embora eu não desejasse nesse momento entrar nos debates em torno do mercado da corrida, o que me chamou a atenção foi a utilização de uma terminologia especial na propaganda.

Charmaz (2009, p.84) chama a atenção para os “códigos in vivo” que são códigos que se referem a termos específicos usados pelos participantes da configuração social estudada. Esses são termos especializados que fornecem, de acordo com Charmaz (2009), um ponto de partida analítico vantajoso. Na dissertação “Lazer Sérioso e Envelhecimento: loucos por corrida” (OLIVEIRA, 2010), por exemplo, utilizei o termo “louco” para remeter o título do trabalho ao que os corredores utilizavam entre si e que, mesmo atualmente, é significativo em seu meio social. Em outras palavras, esse “código in vivo” serviu para tornar o título mais próximo e ajustado ao mundo empírico estudado. Na época, não só esse, mas outros termos como “rustiqueiro”, “sangrar”, “no fio”, “longões”, “puxar”, entre tantos outros foram identificados e mencionados. O que houve, porém, foi que estes não receberam um tratamento analítico aprofundado, pois embora tenham sido entendidos em seu nível de relevância cultural na época, foram pouco discutidos em suas relações.

Esses termos que se constituíram em códigos nas análises das informações a que dispus durante a exploração, localizavam-se entre três tipos de “códigos in vivo” de comprovada utilidade:

- Aqueles termos gerais que todos “conhecem” que sinalizam significados condensados, porém expressivos.
- Um termo inovador de um participante que apreende os significados ou as experiências.
- Termos abreviados característicos do campo e específicos de um grupo em particular que refletem a perspectiva deste. (CHARMAZ, 2009, p.84).

A revisão dos “códigos in vivo” que apareciam no primeiro conjunto de entrevistas teve um impacto positivo importante no trabalho de pesquisa. Nas entrevistas e observações posteriores foi possível identificar novos “códigos in vivo” e mais de suas relações com as práticas dos corredores. Um episódio marcante ocorreu ainda quando me questionava sobre a importância dos “códigos in vivo”. Enquanto eu conversava informalmente com um antigo colega corredor, eu contava a ele como pretendia voltar a correr e a competir. Então, ele me sugeriu que participasse de uma corrida de rua “na pipoca”. Perguntei a ele o que era isso, “correr na pipoca”. Depois de me repreender em tom de brincadeira por eu estar desatualizado, me explicou que “correr na pipoca” era participar da prova sem ter feito a inscrição, correndo junto como se estivesse inscrito, “correndo no meio do povão”, segundo ele. Esse telefonema ocorreu ainda quando estava atento aos “códigos in vivo” e surgiu como um indicativo da possibilidade de novos códigos presentes na configuração, embora ainda não se pudesse indicar como esses códigos poderiam estar relacionados a carreira e o envelhecimento dos corredores. Mais tarde, em 2015, a revista *Contra-Relógio*, especializada na cultura dos corredores, publicava um artigo em que Lourenço (2015) critica a participação dos “pipocas” e, no ano seguinte, Paradizo (2016) discutia esse tipo de participação, sob o título “Pipocas, uma praga das corridas brasileiras”.

A proposta do antigo amigo corredor mostrava uma forma de usar o termo “pipoca”. Lourenço (2015) usa o termo “pipoca” para se referir à “praga dos corredores não inscritos” que “vem se alastrando nas provas brasileiras”. De forma semelhante, Paradizo (2016) o faz, destacando os prejuízos que os “pipocas” geram por sua participação considerada indevida. Esse termo, na utilização se aproxima do termo “rustiqueiro”, destacado anteriormente na dissertação (OLIVEIRA, 2010), referente ao termo pejorativo utilizado por alguns corredores do grupo para referirem-se àqueles corredores que, por suas características comportamentais, poderiam, inclusive, aproveitar das corridas e toda sua estrutura organizacional (banheiros químicos, água, isotônico, premiação, etc) sem terem se inscrito (OLIVEIRA, 2010).

Em relação ao mundo social da corrida, os “pipocas” acabam “causando transtornos na largada, afetando o abastecimento no percurso e novamente confusão na chegada, ao darem um jeito de receber medalha e lanche. Sem contar que utilizarão o serviço médico de

plantão, se passarem mal na corrida” (LOURENÇO, 2015). Lourenço (2015) destaca, ainda, referindo-se aos “pipocas” que “a justificativa de alguns é o alto preço das inscrições (o que não deixa de ser verdade), a falta de tempo para se inscrever e ir pegar o kit, ou preguiça mesmo” e que essa forma de participação chega a ser abusiva e prejudicial, exemplificando o caso do “kit compartilhado” em que um corredor usa o chip, outro usa a camiseta oficial do evento e um terceiro corredor usa o número de peito.

Esses dois exemplos do uso do termo “pipoca” entre os corredores servem como uma boa ilustração para um aspecto relacionado aos “códigos in vivo” que também ficou claro com a pesquisa. Estes códigos podem manter seu formato original, porém com pequenas variações em seu sentido entre os grupos e corredores (“na pipoca”, como uma forma de participação; e, os “pipocas”, como uma classe de um tipo de corredor em determinada situação). Nos dois casos, o ponto principal é o mesmo, embora o segundo caracterize o corredor e o primeiro uma possível forma de participação. Outra observação é a de que existem códigos que se constroem dentro do grupo, a partir de experiências significativas compartilhadas e, esses códigos, embora específicos, têm seus significados compreendidos em muitas vezes por corredores de fora do grupo, mesmo que apenas parcialmente – como no caso do “sangrar o outro”, referindo-se a fazer o outro sofrer durante o enfrentamento na corrida. Em alguns casos, dependendo da situação e dos envolvidos, esses códigos podem se espalhar e chegar a outros grupos – de qualquer forma, fica claro que esses códigos se dinamizam em níveis diferentes em relação ao mundo dos corredores, o que parece oferecer um campo fecundo para investigações socioculturais.

Os códigos específicos do grupo também serviam para recuperar a memória dessas experiências e manter o elo de amizade e relacionamento entre corredores que, em casos específicos, pode se tornar o único elemento comum entre os corredores – como no caso dos corredores que, ao conversarem, utilizam esse tipo de expressão, compartilhando novamente dos seus sentidos, associando-os à uma memória. O diálogo animado entre dois corredores que treinavam juntos e se reencontraram na pista, depois de um tempo afastados, serve aqui como auxílio:

Tiago (48 anos) – Tu te lembras do fulano? Aquele era rustiqueiro mesmo.

André (54 anos) – Claro, bah, rustiqueiro mesmo. Noutro dia eu ainda o vi em uma corrida. Estava enchendo um saco com copinhos de água e frutas na chegada.

[gargalhadas de ambos]

Tiago (48 anos) – E o sicrano?

André (54 anos) – Esse eu não sei, eu vou até ver se eu ligo para ele, para a gente fazer um treino junto, vamos sangrar.

Tiago (48 anos) – Bah, é [mesmo], sangrar!

[gargalhadas de ambos]

Essa mesma forma de “recuperação” de memórias através dos “códigos in vivo” foi vista frequentemente, especialmente nos reencontros entre corredores. Esses acontecimentos durante minha reinserção no campo de pesquisa e a intensa frequência com que retornavam aos momentos de observação e leituras reforçavam a certeza de que esse período de volta ao treino também fazia parte do processo metodológico de minha pesquisa. Em outras palavras, esse período deveria ser considerado como um dos elementos constituintes de minhas análises sobre o “lazer sério”, mais particularmente sobre a carreira dos corredores. Eu estava também diante da minha carreira de corredor, que estava sendo delineada em função das atividades de pesquisa.

No mesmo período de readaptação ao treinamento comecei a me preocupar com as dificuldades encontradas ao registrar minhas idéias. Vi que era difícil manter os registros importantes e ao mesmo tempo correr e participar das atividades. Stebbins (1987) chama a atenção aos riscos envolvidos na participação do pesquisador. Um deles é o de não ter tempo suficiente para fazer suas registrar seus dados de campo. Para amenizar essa dificuldade, procurei manter uma rotina de registros após cada sessão de treinamento que observei. Em alguns dos dias, tentei fazer registros entre o aquecimento e as “técnicas de corrida”, o que ajudou bastante, mas que, por outro lado, me tirava a possibilidade de interação mais efetiva com os corredores.

Para mim, trazer à luz os aspectos que são apresentados seria impossível sem sentir na carne o que os corredores sentiam. Além disso, isso gerava uma identificação mútua que permitia que compartilhássemos de elementos da experiência que tornavam a comunicação

mais eficiente e fecunda. Assim, abria-se um espaço em que eu teria acesso a informações sobre as carreiras dos corredores. Com as formulações de Goffman (1974) foi possível perceber o quanto as trajetórias dos corredores apareciam como um aspecto importante para eles mesmos ao se apresentarem como corredores. Ainda, Goffman (1974) indicava que a pessoa poderia variar as formas de apresentar-se a si mesma, sendo “possível notar estratégias manifestas – isto é, posições que efetivamente assume diante dos outros, qualquer que seja a natureza oculta e variável de sua ligação íntima com tais apresentações” (GOFFMAN, 1974, p.142).

Nas narrativas dos corredores, suas histórias, desde os primeiros contatos com a corrida até as últimas realizações como corredores recebiam destaque. Os corredores apresentavam suas trajetórias como se elas representassem uma das dimensões mais importantes de suas vidas e, em alguns momentos sugeriam que todas as outras dimensões de suas experiências giravam em torno das atividades envolvidas na corrida. Não foi difícil obter dos corredores suas narrativas que se voltavam especialmente sobre como começaram a correr, as dificuldades que enfrentavam ao longo de suas práticas, coisas que aprenderam na corrida e episódios engraçados que vivenciaram. Mas o que isso teria a ver com o envelhecimento destes corredores? Essa foi uma questão fundamental que permaneceu no centro das análises.

A seguir, é possível entender como se delineiam as carreiras dos corredores e como se relacionam com o envelhecimento. Basicamente, existem processos que envolvem a aprendizagem de novas formas de estar no mundo e estratégias com que lidam com as situações. Esses processos compreendem de, forma mais enfática, aspectos físicos, emocionais e culturais que afetam de maneira importante na experiência de envelhecimento dos corredores.

5.1 O DABBLING COMO INÍCIO E DESCOBERTA DA CARREIRA

Conhecer as histórias de vida dos corredores a partir de suas próprias narrativas não foi uma tarefa difícil. Falar sobre suas carreiras aos outros parecia uma tarefa que satisfazia aos corredores. Em dois sentidos ficou bem claro que essa atividade de relatar a carreira

parecia interessante. O primeiro se relacionava com o ensinar, o papel dos corredores mais velhos. Ao contar como tinham começado a correr, os corredores, em especial os mais velhos, assumiam muitas vezes uma postura de alguém que detinha conhecimento sobre o assunto, orgulhando-se do conhecimento sobre as corridas. Isso parecia ser uma representação importante para o momento e que servia para dar conta de argumentos em que afirmavam aprender muito no grupo com os mais novos, mas também ensinar muito.

O segundo parecia mais geral, com uma postura de satisfação com o que já haviam realizado que não se restringia aos corredores mais velhos do grupo. Falar sobre as realizações como corredor foi percebido como uma atividade que trazia satisfação e gerava certa euforia quando as conversas entre os corredores envolviam esse assunto. Assim, era fácil descobrir como os corredores do grupo tinham começado a correr, como vinham se relacionando com a corrida e o que projetavam sobre seus futuros. Um elemento que apareceu bastante forte nas conversas foi o fato de terem descoberto no início de suas trajetórias a possibilidade de serem corredores. Essa descoberta significava a energia inicial para começarem a correr e, mais do que sinalizar a capacidade de correrem e bem, tanto em competições quanto livremente pelas ruas, indicava possibilidades de acesso a um universo inexplorado, porém bastante instigante.

O início da carreira dos corredores mais velhos do grupo foi marcado pela descoberta praticamente por acaso da corrida como atividade com potencial para se tornar lazer sério. Os episódios descritos nas narrativas desses corredores, sempre cheios de humor em questões contraditórias, mostraram como eles se descobriram como corredores potenciais. Alguns deles, por exemplo, descobriram que poderiam correr depois de apostarem com amigos e colegas de trabalho que poderiam vencer corridas feitas entre eles. Esse era o caso de Silas (67 anos), que havia começado a correr quando estava próximo aos seus quarenta anos de idade, para ir e voltar do trabalho, depois da orientação médica para fazer uma atividade física. O relato dele mostra como “descobriu-se” quando correu com seus colegas:

Eu perguntei pra ele [meu amigo, sobre quando teria uma corrida] e daí ele me disse: tem a corrida dos arquitetos. Seria lá na Praça Garibaldi, lá, dos arquitetos, 6Km. Daí eu fui correr. Até foi muito gozado o negócio. Não tinha, nunca tinha ido numa corrida. Comprei uma camiseta Hering, daquelas brancas de manga comprida, de algodão, daí fui lá pra tirar o meu kit né. Minha mãe fez uma cola e colou nas minhas costas o número [risos]. Eu nem sabia [risos]. Fui correr. Daí, mas antes disso, a gente, eu me envolvi numas corridas assim de cachaceiros, assim, vamos dizer. Um amigo meu tem

uma firma lá em Novo Hamburgo, viu eu trotando. Como eu fazia todos os dias, ida e volta, me viu na rua correndo. Daí ele chegou na minha firma e disse assim: eu pego o Schultz, e mais um compadre dele que trabalhava comigo, faço uma corrida aí por uma caixa de cerveja e uns quilos de carne lá. Daí, mais três caras, meu irmão e mais dois. Nós topamos, mas ninguém corria, o único que corria era eu sabe, fazia as corridinhas de 7 quilômetros [indo e voltando do trabalho]. Daí marcamos uma corrida pra fazer. Marcamos 14 dias depois pra todo mundo dar uma treinada.

[entrevistador: E era só entre vocês?]

Só entre nós, os seis. A caixa de cerveja e uns quilos de carne. Aí nós saímos correndo da Protásio Alves até a Baltazar pelo campo do Cruzeiro. Uns já pararam no caminho, vomitaram e eu continuei correndo até lá. Tu vê que eu tinha um preparo físico e não sabia, corria até lá e cheguei em primeiro por sinal. Porque o único que estava correndo era eu né, e voltei correndo ali pra Vila Jardim, ali na Paineira. Ali fizemos um churrasco e daí tomamos aquela cerveja toda, coisa de cachaceiro, daí provocava pra outra corrida [risos]. Daí já queriam fazer outra corrida, de noite. Tu sabe de onde? Lá da Protásio Alves até a Estrada do Forte, aqui na Assis Brasil, descer aquela reta. Aí eu disse não, vamos fazer assim, da meia-noite eu corro de novo. Daí, à meia-noite eu vou pegar minha esposa no colégio e nós voltamos e aí corremos. Pego ela lá, viemos aqui e corremos. Daí, à meia-noite nós tivemos outra corrida.

Nesses casos, os corredores descobriram que mais do que correr, eram capazes de correr bem. Correr bem é um conceito que aparece entre os corredores do grupo e que se relativiza dentre de suas próprias narrativas. Os mesmos corredores que “corriam bem” e eram “campeões” das apostas, entravam em corridas “oficiais” da cidade e não conseguiam vencer ou mesmo se classificar para se posicionarem no pódio. Dessa forma, aqueles que corriam bem, descobriam que isso era relativo de acordo com o contexto e outros aspectos, como a categoria etária que aparece mais adiante no trabalho. A vitória começa a se associar a outros elementos da cultura dos corredores, diferentes de uma simples expectativa de ser campeão tanto deles quanto dos colegas e amigos derrotados nas apostas.

Em outros casos, corredores vislumbraram a corrida como uma progressão natural esperada para quem estava melhorando o condicionamento físico através da caminhada. Estes corredores começaram a caminhar por indicação de um médico e depois de um tempo, percebendo-se com um condicionamento melhor, decidiram começar a correr. Essas decisões, que variavam em forma entre as situações narradas pelos corredores entrevistados, passavam por uma espécie de descoberta. No caso de João (67 anos), por exemplo, era a descoberta de um “dom”, que mencionou ao falar sobre como percebia seu envelhecimento e a corrida:

Olha, isso aí eu posso dizer o que o médico me disse né. Que nós nascemos com um dom e muitas vezes a gente custa a descobrir esse dom. Eu fui descobrir aos 54 anos. Até porque ter o pique que eu tenho, certamente é um dom, não é porque eu comecei a correr que eu posso, ou qualquer um, outra pessoa com 50 anos pode começar a correr e ter o pique que eu tenho. Então eu, diz ele que é um dom que a gente tem que a gente precisa descobrir. Eu descobri aos 54 anos através de uma doença. Eu tive que adoecer pra descobrir que eu tinha esse dom de corredor, que eu acho que deve ser mesmo um dom, porque senão todo mundo jogava futebol, todo mundo corria, então, nem todas as pessoas têm a possibilidade de fazer isso aí. E eu tive a felicidade de descobrir e hoje eu penso que deveria ter descoberto até mais cedo. Talvez eu tivesse muitos, mais troféus do que eu tenho.

Essas iniciativas, em geral, tinham basicamente em comum a intenção de testar o próprio condicionamento, de saber até onde poderiam chegar. A partir dos resultados dessas iniciativas, os corredores ainda incipientes eram compelidos a melhorar seus resultados em duas variáveis principais: tempo e distancia. Esse processo de ficarem se testando e vendo até onde poderiam chegar, o quão rápido e distante poderiam correr, era interpretado de forma positiva pelos corredores e os resultados como prova e reforço de sua auto concepção de serem aptos.

De forma adicional, alguns dos corredores relataram por diversas vezes como eles enxergavam os atletas que passavam por eles correndo. Em seus relatos, deixavam claro que queriam ser como eles, antes de começar a correr, ao mesmo tempo em que consideravam este um desafio quase intransponível. Não foi possível construir dados que esclarecessem de forma consistente e satisfatória o porquê de os corredores aceitarem o desafio e poderem afirmar “hoje eu sou um deles!”. Entretanto, os dados sugerem que em algum momento do início do “namoro com a corrida”, os sujeitos se percebem como capazes de superar o desafio a sua frente. O que ocorre é que o desafio de tornar-se corredor é percebido como algo que está em um nível considerado de possível superação e, mesmo que embora possa também gerar o fracasso, oferece um risco ao qual o sujeito está disposto a [literalmente] correr. Além disso, o desafio não aparece como algo que precisa ser superado de uma vez por todas, mas sim, como um processo de pequenas superações, que pode significar correr a cada dia um pouco mais longe ou um pouco mais rápido.

Nesse ponto foi que observei os mesmos corredores que agora pareciam muito bem inseridos e pertencentes ao grupo de corrida, movimentando-se habilmente entre os

elementos da cultura própria, passaram por momentos iniciais em que estavam isolados de parte da mesma cultura. Eles estavam correndo sozinhos, sem saber como treinar, sem saber nem mesmo o que era treinar dentro dos sentidos que foram desenvolvendo ao longo de suas carreiras no grupo de corredores. Em um processo que poderia muito se aproximar da metáfora do “becoming” de Hodkinson *et al.*(2008), que foi discutido por Barker-Ruchti *et al.*(2014), ao tratarem de como os atletas “tornavam-se” o que era culturalmente esperado deles, sendo este um processo educacional.

Outra forma de início de carreira que aparece entre os corredores e caracterizada pela presença de um interstício entre as primeiras tentativas de correr e a assunção da corrida à um patamar de exigência mais alto, ou seja, como um lazer sério. Nesses casos, os corredores descobriam que podiam correr bem quando mais jovens, no tempo de serviço militar, por exemplo, mas por diferentes motivos não escolheram por desenvolverem-se nessa atividade. Anos depois os corredores resolviam voltar e, “dessa vez seriamente” a corrida. Nas três principais maneiras de se descobrirem, os corredores se conceituam como altamente aptos para uma atividade que segundo eles, “não é pra qualquer um”, pois exige que, pelo menos, duas condições sejam satisfeitas: que o sujeito descubra o seu dom; e, que a genética esteja a seu favor.

Nas três diferentes formas de começar a correr, uma similaridade permanece. Os corredores começaram empenhar-se em aprimorar suas capacidades com os recursos que dispunham inicialmente. Começaram a “treinar por conta”, para ganhar a aposta, para melhorar o tempo anterior, e para voltarem a correr bem. O treino aparece como um elemento essencial na concepção dos corredores, mesmo reconhecendo que suas concepções sobre treinamento mudaram. Os corredores revelaram em suas histórias que viam a necessidade de melhorar, porém já não se sentiam capazes de fazer isso sozinhos. Em uma perspectiva de progressão que eles mantinham em suas formas de levar a corrida, os corredores procuraram por novos recursos que pudessem auxiliá-los a desenvolver progressivamente suas carreiras. Essa busca os levou ao grupo de corredores em que participam atualmente.

Em relação à PLS, é possível perceber nesse momento das vidas dos corredores uma transição entre uma atividade de correr que era feita de forma casual e esporádica (lazer

casual) que vai se tornando cada vez mais frequente e sistemática e que passa a ser percebida como algo que demanda maior empenho de recursos por parte do praticante (lazer sério). Aqui, também é possível perceber que existe também uma relação com o terceiro tipo de lazer proposto, o “lazer baseado em projeto”, que poderia se estabelecer no momento em que um deles decidisse por treinar “só para uma maratona”, como um dos corredores revela em sua entrevista. Entretanto, durante a busca por esse que seria um “lazer baseado em projeto”, o de correr uma maratona, há uma mudança na intenção do corredor, mantendo-se na corrida e traçando novos objetivos. Uma das explicações dos corredores para esse tipo de comportamento é a do “bichinho” ou “vírus da corrida” (OLIVEIRA, 2010), mencionado frequentemente por eles para explicar a “paixão pela corrida e pelo correr”.

Depois de decidir por seguir correndo, e “levar mais à sério a corrida”, os corredores passam por novos momentos que vão exigindo que aprendam coisas novas relacionadas à corrida. Nas entrevistas, eles contaram muitas dessas experiências, o que ajudou a entender como suas carreiras foram se desenhando nesse cenário das corridas e de seus envelhecimentos.

5.2 O ESTRANHAMENTO NOS PRIMEIROS CONTATOS E A RELATIVIZAÇÃO COMO ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DE APRENDIZAGEM E TRANSIÇÃO NA CARREIRA

Quando os corredores, que eram “campeões” nos seus contextos de prática (na rua, na vizinhança, entre os colegas de trabalho, no bairro, e na cidade), começam a participar do etos único da corrida, seus valores começam a mudar. Talvez um dos mais impactantes fenômenos iniciais na carreira dos corredores seja o da descoberta de que conceitos caros na sua iniciação à corrida têm seus valores modificados, relativizados ou mesmo desprezados no etos dos corredores. Além disso, foi logo nos primeiros contatos com a corrida que os sujeitos perceberam sua inadequação parcial ao mundo social que estavam começando a se aproximar. Na investigação, o choque nos primeiros contatos e a relativização como um processo que modifica elementos da cultura dos corredores de

acordo com as configurações contextuais foi entendida como significativa para entender a carreira e o envelhecimento.

Os primeiros contatos narrados pelos corredores do grupo estão repletos de episódios em que evidenciam seu estranhamento inicial com a cultura da corrida. Os aspectos mais mencionados por eles estão relacionados às formas de comportamento e formas de falar dos corredores. Além disso, os conteúdos tratados nas conversas embora fossem interessantes aos recém-chegados, eram estranhos, pois não faziam parte das conversas comuns em outros espaços de sua circulação. Os conteúdos que se destacavam nas conversas estavam relacionados diretamente à corrida, aos resultados dos corredores em diferentes provas, à experiência de ter corrido uma ou outra prova e assim por diante. Assim foram os primeiros contatos dos corredores com o vocabulário especializado e, até então, desconhecido das corridas.

A forma de comportamento também é significativamente mencionada pelos corredores ao falar de sua entrada no “mundo das corridas”. A questão do bom humor, que aparece como um elemento relevante na cultura dos corredores, tanto do grupo quanto em âmbito geral atravessa esses comportamentos. Além disso, os corredores destacam seu desconhecimento inicial de procedimentos comuns e considerados por eles mesmos como simples aos corredores, como a colocação e o posicionamento do número para a corrida. Com essas narrativas os corredores contam das experiências iniciais em um mundo novo, porém, também mostram que agora estão inseridos socialmente. Portanto, consideram-se “corredores”, parte atuante no mundo social das corridas.

É importante trazer o etos único, qualidade do lazer sério, à discussão da carreira nesse ponto, pois sua configuração influencia como a carreira dos corredores se desenvolve. Se a carreira consiste em parte na forma como o sujeito interpreta sua própria trajetória no lazer, ela é interdependente do etos único, pois é um dos principais recursos que fornecem elementos para a forma de ver e se relacionar com o mundo. O etos do grupo se manifesta em atitudes, práticas, valores, crenças e objetivos compartilhados entre seus integrantes. Nesse sentido, como pode ser percebido ao longo das análises, a performance torna-se um elemento-chave, que ajuda a desvelar os sentido das práticas que foram observadas no estudo.

A primeira evidência da importância da performance para o grupo foi encontrada ao analisar os conteúdos das conversas que os corredores mencionavam nas entrevistas e conversas informais como os que achavam “estranhos” e “coisas de louco”. Essas conversas se referiam ao “quanto por quilometro?” que os corredores já experientes questionavam aos então recém-chegados ao “mundo das corridas”. “Eu cheguei me achando, porque já estava correndo uns 10 quilômetros. E eu achava que aquilo era muito. Mas totalmente fora de contexto do mundo de corrida, do quê que é ser corredor. Quando a pessoa que estava fazendo a inscrição na prova me perguntou para quanto que eu ia fazer o quilômetro, eu não entendi nada.”, declarou um dos entrevistados. As conversas também incluíam um estranhamento em relação à aproximação do corredor mais experiente entendido como alguém que está sondando a capacidade do novato, com perguntas que o deixam deslocado e o qualificam no contexto. Dessa forma, a performance é um dos primeiros elementos que chocam na experiência dos corredores que estão chegando à corrida. E é expressa em dimensões que variam, como do vocabulário especializado a respeito da relação entre velocidade e distância, como da relação de provas realizadas, e, da relação entre resultados e a categoria de participação.

Outra evidência da importância da performance na experiência está na relação entre ela e a organização do grupo no seu cotidiano. Como foi descrito, as atividades centrais são desenvolvidas em pequenos grupos que se formam baseados nas afinidades dos corredores, tendo as performances como um forte componente. Esse fato gera contingências que irão influenciar na carreira dos corredores e em que, inclusive, amizades se desenvolverão de acordo com suas capacidades como corredores que se adequam ao pequeno grupo em que estão inseridos. Mantendo o olhar sobre o cotidiano dos corredores no grupo, a performance retorna diariamente quando os corredores enfatizam que precisam estar nos treinos. Entretanto, uma das mais fortes indicações de que a performance é um elemento-chave no mundo social dos corredores foi revelado a partir das entrevistas, quando eles, ao mencionar os piores momentos de suas carreiras, relacionaram momentos em que não conseguiam “treinar direito” ou não conseguiam “correr direito”. Esses momentos eram caracterizados pelas dificuldades que enfrentavam para obter bons resultados nas competições ou para realizarem os treinos de forma regular e satisfatória. Em geral, essas dificuldades estavam ligadas às suas atividades profissionais ou à lesões que haviam sofrido.

Há ainda outras evidências que revelam a importância da performance para o grupo de corredores. A performance é concebida nas falas dos corredores como um elemento de desejo que faz parte de suas naturezas, mesmo para aquele corredor que não se diz competitivo, mas que questiona, ao falar sobre as formas de encarar as corridas: “se houver alguma pontinha de resultado, quem não vai gostar?”. Essa “pontinha de resultado”, que Matias (59 anos) se referia, representava qualquer tipo de ganho mínimo que ele poderia ter, como diminuir o tempo na corrida, ou, nas palavras dos corredores, “baixar seu tempo”, correndo minutos ou segundos mais rápido; ou, poderia ser, ganhar uma medalha, subir no pódio, receber algo como recompensa por seus esforços na realização da atividade.

Nas entrevistas, aparece o reconhecimento de que há diferenças entre corredores que buscam melhorar cada vez mais: “Uns têm vontade de crescer e outros não, uns têm esse objetivo”, declarou um dos corredores (Estevão, 68 anos). Essa característica, de acordo com os corredores entrevistados está relacionada à capacidade que eles mesmos se atribuem de serem capazes de criar oportunidades para buscar e alcançar os seus objetivos, pois “essas oportunidades te valorizam”. Nesse sentido, eles relacionam a busca por objetivos como uma qualidade que também demonstram no campo profissional em seus trabalhos.

Melhorar a performance aparece como um dos motivos para correr apontado pelos corredores nas entrevistas. O “alívio da cabeça” com as “conversas e falar besteiras” são importantes, embora não apareçam como fundamentais e sim complementares nas experiências dos corredores. Em relação ao seu envelhecimento, os corredores revelavam a existência de contrassensos diante do envelhecimento que diziam desejar e os impactos negativos que a busca pela performance poderia gerar, a partir de seus pontos de vista.

A questão da interpretação a partir de elementos que se expressam em um nível com ênfase mais subjetiva é apenas um dos lados da relação carreira e etos. Do outro lado, a carreira dos corredores também está baseada em elementos que estruturam o etos único de forma concreta. Nesse caso, um dos elementos que aparecem como fundamentais é o das “categorias etárias” e a “geral”. As “categorias etárias” voltam em diferentes momentos à narrativa do trabalho por conta dos diferentes sentidos que assumem na carreira dos corredores. Sinteticamente, “categorias etárias” representam o sistema de classificação

utilizada nas corridas de rua para a separação de corredores em faixas de idade. Assim, a ordem de chegada é feita a partir da idade dos corredores que é informada na inscrição do evento. Atualmente, um sistema eletrônico faz o processo de classificação e gera relatório com os resultados separados por categorias. Dentro do mesmo sistema, há a separação entre a categoria feminina e masculina. Esse sistema é parte estrutural dos eventos de corrida e serve para qualificar os corredores e, conseqüentemente, definir a entrega das premiações.

Além das “categorias” que envolvem as idades e o gênero, há a classificação “geral”. Na “geral”, os corredores são classificados de acordo com a ordem de chegada, de forma simples, sem considerar suas idades e, sim, apenas o gênero. Quando os corredores mencionam suas performances nas corridas, por exemplo, eles dizem “fui primeiro na geral”, ou “fui primeiro na categoria”. Esse tipo de fala, que aparece entre conversas dos corredores e nas entrevistas, revelou, pelo contexto em que era inserido, os posicionamentos dos corredores em relação aos seus resultados, aos seus colegas e, até mesmo sobre seu envelhecimento.

Um caso bastante curioso que presenciei em um dos treinos foi o relato de um corredor que estava na categoria H (50-54 anos) que contava aos que estavam em um pequeno grupo no momento de aquecimento como ele avaliava seus resultados e o dos outros corredores. “Eu vou pela Maratona de Boston, o índice da Maratona de Boston”, dizia, e nisso eu dei uma diminuída para acompanhar a conversa. “Porque eu imagino que quando eles fazem aquele índice eles consideram o que alguém da minha idade tem que fazer para ser considerado bom. Então, eu vou pelo índice de Boston. Se eu fizer aquilo, quer dizer que eu tô bem”. E a conversa continuava: “Então, se ele nem consegue o índice para participar da de Boston, como que ele quer dizer que é melhor? Só porque foi primeiro na categoria dele aqui?”. E assim ia. Só para contextualizar, a Maratona de Boston é um dos eventos de corrida mais tradicionais e famosos mundialmente e para participar, é preciso que a pessoa submeta sua inscrição, incluindo seus resultados em outras provas, à avaliação da organização. Essa era uma discussão em um tom descontraído, mas que revelava novamente a questão da competitividade dos corredores e como utilizavam parâmetros “duros”, como o das categorias e índices oficiais, para avaliarem a si mesmos e aos outros.

Além disso, essa avaliação ainda passava por processos, dentre os quais, o de relativização que serviam como reforço para o etos.

Assim, a carreira dos corredores se apresenta como uma leitura a partir dos elementos subjetivos do etos único, mas que leva em conta os elementos objetivos do mesmo – nesse caso, fundamentalmente, as “categorias etárias”, que vão ter papel importante na interpretação da performance, um elemento que circula baseado no processo apresentado a seguir. A idéia de “correr bem”, por exemplo, que era uma qualidade de certa forma simples, sustentada basicamente pela capacidade observada de correr melhor do que os colegas e amigos no início da carreira dos corredores (*dabbling*) passa por um processo de transformação dramática. Ao ser relativizado, “correr bem” ou ser “bom” começa a ser entendido de formas cada vez mais complexas e interdependentes e em dimensões que vão de níveis pequenos como o do grupo e o da faixa etária até níveis mais amplos, considerando resultados de corridas nacionais e internacionais.

Nas primeiras passadas rumo à entrada do mundo dos corredores que aqueles que chegam descobrem, por exemplo, que não precisam vencer todos os corredores da corrida para serem “campeões”. Eles podem vencer apenas os corredores de sua categoria etária e, com isso, participarão por direito da cerimônia de premiação com todo seu ritual – o anúncio, a subida no pódio, o recebimento medalha ou troféu determinados –, como vencedores ou campeões de sua categoria. Detalhe importante é que a proposta das categorias representa uma ampliação das chances de “ser campeão” aos corredores.

Esse processo de relativização descrito anteriormente se torna uma das principais estratégias dos corredores para lidarem com o envelhecimento. A relativização não está restrita apenas às categorias etárias, mas pela relevância dada por parte dos corredores, é tratada com destaque. Ela pode ser vista como uma estratégia que, por conta do valor explícito da performance no grupo, é utilizada intensamente na produção de sentidos relacionados à carreira e envelhecimento dos corredores. Além de tornar o resultado (performance) um elemento relacionado à idade e, portanto, diferente para cada um, o processo de relativização faz com que os corredores prestem atenção às faixas etárias presentes no grupo. A partir disso, os corredores analisam suas próprias performances por comparação direta e indireta com seus colegas. Na forma direta, comparam-se com

corredores que estão na mesma categoria. Na forma indireta, comparam resultados que tiveram em categorias anteriores com resultados atuais de corredores mais novos do grupo. Entretanto, o processo de relativização é mais amplo que a simples comparação entre os corredores.

Se, por um lado, já foi notada a existência de uma “comparação social” – em que Leon Festinger (1954) tornou-se pioneiro – e que mostrava como as pessoas se avaliavam através da comparação entre os pares a partir de parâmetros determinados, por outro, a “relativização” considera não apenas que há esse tipo de comparação, mas evidencia a existência de processos em que os mesmos parâmetros são modificados em sua constituição, mesmo mantendo-se como formas de comparação utilizadas pelas pessoas em diferentes culturas. Usando como exemplo o instrumentista descrito por Kendra (2016), é a partir da comparação que ele consegue fazer uma avaliação de si mesmo diante de seus pares, violinistas dentro de uma orquestra – comparando suas atitudes, habilidades e crenças (FESTINGER, 1954).

No caso dos corredores, o processo de relativização não só permite a auto-avaliação precisa dentro desses mesmos termos propostos por Festinger (1954), mas vai adiante, operando como um processo de re-posicionamento que questiona a própria possibilidade de precisão na avaliação feita sobre suas realizações, tanto pelo sujeito quanto pelos seus pares.

O processo de relativização, dessa maneira, expressa mais uma forma de conhecimento/consciência dos sujeitos de que os parâmetros avaliativos podem ser lidos de formas diferentes nos diferentes etos em que participam e, com esse entendimento, se utilizam disso de forma a trazer benefícios, através do seu próprio re-posicionamento diante da nova configuração social. Esse re-posicionamento é expresso, como “eu sou campeão”, que embora tenha um sentido geral, reconhecido nos diferentes contextos sociais em que o corredor atua, significa configurações diferentes em cada um dos cenários sociais. Essa declaração poderia gerar os questionamentos “em que corrida?” ou “na geral ou na categoria?” no etos dos corredores; na comunidade em que o corredor mora, poderia ser aceito sem qualquer questionamento, sendo, no máximo questionado sobre que tipo de corridas estava participando, e, ainda, o “ser campeão” seria comprovado sem maiores

explicações pela sua medalha. Outra situação que poderia ilustrar é o caso de “ser velho”. Nos dois etos, ele tem sentidos negativos bastante semelhantes. No etos dos corredores, ele se mostra como um elemento negado, injusto e temido, que é tratado com humor. Não se trata de um “ser” desejado, como o “ser campeão”. Nesse sentido, parece que o processo de relativização ocorre de forma mais importante com elementos considerados positivos em geral, ou seja, nos cenários diferentes de participação²⁴.

A questão que volta é a do reposicionamento dos parâmetros para “ser campeão” e “ser velho”. Para “ser campeão”, o corredor tem como parâmetros a “categorias etárias” (entre outros documentos oficiais) e a “comparação social” (psicológica-social) no etos da corrida. Já no etos externo, o “ser campeão” tem como parâmetro, novamente a “comparação social” (interna) e a leitura/avaliação externa do público, que, por sua vez, utiliza parâmetros como a presença de evidências como a “medalha”, “troféu”, “certificado”, ou outro artefato próprio do etos esportivo. Mesmo sendo observado com “elementos positivos”, olhando para a configuração conjunta de elementos “positivos” e “negativos”, como, por exemplo, os dois elementos anteriores “ser velho” e “ser campeão”, há a geração de efeitos mais complexos. Embora, como foi visto, o “ser velho” tenha os sentidos negativos no etos externo da corrida, esse elemento passa a ser revisto, pois trata-se de um “campeão” que é “velho”, diante das pessoas, tanto internas quanto externas ao etos da corrida.

O sentido das aprendizagens na corrida como lazer sério parece ter essencialmente uma direção, a da performance. Essa performance delinea a carreira dos corredores e o “ser campeão” é um de seus objetivos principais – mesmo que isso tenha significados diferentes para cada um. A idéia de que a carreira é um elemento central na experiência dos corredores vem sendo construída ao longo do trabalho baseada fundamentalmente na concepção de que ela depende em parte de suas próprias interpretações a respeito dela. A existência de um processo de relativização que identificamos ajuda a entender como essa

²⁴ Essa discussão poderia tomar corpo relacionando os debates sobre o “relativismo cultural”, tema para o qual as atenções dos cientistas sociais se voltaram fortemente no início do século XX. Considerando que haja consenso basilar entre os estudiosos de que as diferentes culturas possuem formas de representação e interpretação peculiares, a “relativização” poderia se aproximar como um conhecimento, portanto, objeto de aprendizagem, sobre diferenças entre as culturas e formas de atuar manejando seus elementos.

interpretação se modifica e posiciona proveitosamente elementos relevantes aos corredores em suas experiências.

Como pode ser visto anteriormente na questão das categorias etárias, existe uma relação complexa entre a interpretação do corredor, o “documento oficial”, a experiência e a performance que se move na direção de favorecer o envelhecimento. Isso no sentido de abrir a possibilidade de alguém que supostamente está apresentando um declínio na performance de corrida com o passar dos anos seja o campeão. Essa possibilidade se abre sem lançar mão da premissa básica dessa performance que é a de superação sobre os outros concorrentes.

Como resultado objetivo dessa relativização em torno da performance, há o aumento do número de premiações a cada prova. Se houvesse medalhas, por exemplo, apenas para o campeão geral, teríamos nas corridas no máximo duas medalhas, uma para a categoria masculina e outra feminina – note a inclusão de categorias. Com a inclusão de categorias etárias, os corredores passam a ter mais chances de receber uma medalha, troféu ou certificado, um dos símbolos últimos de suas realizações como corredores.

Esses símbolos são as marcas objetivas da carreira dos corredores. Na teoria do “lazer sério”, poderiam ser vistos como “benefícios duráveis”, tanto em sua dimensão objetiva, quando considerando as dimensões subjetivas às quais estão relacionados como o reconhecimento social e benefícios emocionais. As medalhas representam objetivamente o que os corredores passaram, o que fizeram ou não. São, para os corredores do grupo, a prova de que participaram com um nível de excelência. Esse nível de excelência passa por suas interpretações. Olhando para o passado, muitas das corridas chamadas de “tradicionais” entregavam medalhas ou troféus em muito menor número, se comparado ao número de premiações oferecidas pelos novos modelos de corrida. Uma das coisas que chama a atenção é o fato de que quase a maioria, se não a totalidade dos participantes recebe alguma medalha pela participação. Porém, de forma complementar, é possível participar de eventos em que as premiações, como tipos de medalhas, cores de camisetas, troféus e etc. são conferidas aos participantes tendo levando em conta uma espécie de “faixa de performance”. Assim, por exemplo, todos os que correram “abaixo de 40 os 10”,

ou seja, percorreram os 10km de uma prova em menos de 40 minutos, estes recebem uma medalha determinada e assim os outros que correram “abaixo dos 40”, e assim por diante.

Na investigação, foi possível identificar como esse processo de relativização era operacionalizado. Dois elementos importantes que foram entendidos como básicos na operacionalização da relativização no grupo de corredores foi o humor e a ironia. Esses dois elementos foram vistos como presentes desde as primeiras fases da carreira, e permanentes nas últimas. Para explicar como esses dois elementos atuam, passo a conceitua-los e, a partir disso, apresento as formas como eles foram observados no grupo de corredores de rua.

6 HUMOR E IRONIA COMO ELEMENTOS RELEVANTES NO PROCESSO DE RELATIVIZAÇÃO

O envelhecimento no grupo de corredores foi entendido como parte de um contexto maior, no qual sofrimento e dificuldades sociais enfrentados por grande parte dos brasileiros também fazem parte do cenário. Trata-se de um cenário em que necessidades básicas, na maior parte das vezes não são supridas e, entre tantas outras carências, se situa a atenção ao envelhecimento. Pessoas enfrentam diariamente seus desafios enquanto envelhecem e sentem na pele o que é viver nessa situação. Neste cenário que se apresenta pouco favorável, o bom-humor das pessoas, suas brincadeiras e formas irônicas de atuar surgem como instrumentos de auxílio e superação sociais. Talvez, seja possível até dizer que em alguma medida, observados os seus limites, estes sirvam como instrumentos de resistência.

No caso do grupo de corredores, suas condições sociais não poderiam ser consideradas precárias. Pelo contrário, eles poderiam ser considerados como parte ou como prováveis futuros participantes da que tem sido reconhecida como “terceira idade”, uma classe que representa o envelhecimento de pessoas “com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de que essa etapa da vida é propícia à realização e satisfação pessoal” (DEBERT, 1997, p.39). Entretanto, mesmo com essas características, o “problema do envelhecimento”, em uma perspectiva biológica, como referido por um dos corredores em uma das conversas, configura-se em uma situação que afeta, mesmo que de forma diferente, a todos os velhos. Além disso, preconceitos e estereótipos sobre a velhice e o envelhecimento, mesmo que enfrentados, continuam presentes nas realidades em que circulam.

O humor, nas palavras de Robinson (1991, p.10, tradução minha) “é qualquer comunicação que é percebida como engraçada por qualquer uma das partes e leva ao riso, gargalhada ou a um sentimento de divertimento”. E, embora este possa parecer em um primeiro momento incompatível com situações dramáticas como as anteriores, o “humor é a única forma de brincar normalmente aceitável em uma situação séria [ou grave]” (Robinson,

1991, p.5, tradução minha)²⁵. Em termos de incongruência, a definição de McGhee (1979) é “quando o arranjo de elementos que constituem um evento é incompatível com o padrão normal ou esperado” (p.7, tradução minha).

A ironia, por outro lado, é classicamente entendida como uma declaração feita por alguém querendo dizer o oposto do que foi dito (HUTCHEON, 1995). Dessa forma, o não-dito sobrepuja o dito e revela a verdadeira perspectiva irônica. Para Hutcheon (1995), essa ironia é mais complicada do que uma simples negação do que é dito e propõe a existência de um sentido literal, um sentido não-dito e um terceiro que é resultado da relação entre o dito e o não-dito. Essa forma de interpretação torna complicado pensar que a ironia é apenas querer dizer o contrário do que é dito.

Exemplos de como o humor e ironia se encontravam em situações “sérias” e “graves” são encontrados em estudos como os de Moran & Roth (2013), que analisaram como o humor estava presente na cultura de bombeiros e como se eles enfrentavam situações perigosas na profissão utilizando o humor. Outro exemplo relacionado ao humor em ambientes de trabalho foi feito por Wanzer, Booth-Butterfield & Booth-Butterfield (2005) investigando como o humor influenciava na atuação profissional de enfermeiras.

Os estudos sobre o humor se estendem em um campo amplo de investigações. Diferentes autores pensaram na utilização do humor na educação formal como, por exemplo, Weaver & Cotrell (1987) e Barney & Christenson (2013). Stebbins (1979), em um estudo sobre o humor no teatro, relacionou seus cenários e funções com a vida diária das pessoas e, mais recentemente, Crocket (2015) estudou a ética do humor e ironia nos esportes.

E, por fim, dois estudos sobre a relação entre o humor e a ironia com as formas de enfrentamento à adversidade merecem destaque. Tavory (2014), em um estudo que analisava o humor em torno da AIDS, em um país em que é grande a incidência da doença; e, Zandberg (2006), que analisou as formas de lidar com o Holocausto judeu através das expressões de humor e ironia.

²⁵ No original: “Humor is the only form of play usually acceptable in a predominantly serious situation” (ROBINSON, 1991, p.V)

Como pode ser visto especialmente nestes dois últimos artigos, em diferentes momentos as pessoas recorrem ao humor e à ironia, percebendo-os como praticamente sua última alternativa ou como uma das mais acessíveis e eficazes formas de *coping*²⁶. É desse ponto de vista que apresento minhas reflexões sobre como o humor e a ironia fazem importante e explicam a forma do processo de relativização operar no grupo estudado. Esses dois elementos surgem como uma importante resposta dos corredores ao enfrentarem seus desafios e tendo o envelhecimento como o pano de fundo no lazer sério. Apresento a seguir breves reflexões sobre o humor e o envelhecimento nesse cenário de lazer específico.

6.1 HUMOR E IRONIA NO MUNDO DOS CORREDORES

Humor e ironia já haviam sido identificados como elementos importantes na experiência dos corredores do grupo, desde as primeiras análises propostas (OLIVEIRA 2010; OLIVEIRA & DOLL, 2011). Entretanto, foi em 2015 que esses dois elementos foram entendidos como elementos operacionalizadores do processo de relativização apresentando. Em outras palavras, humor e ironia são as formas que os corredores do grupo utilizam em suas expressões, tanto escritas, quanto faladas e de movimentos, para tornar possível a realização da relativização. Embora seja provável que esses dois elementos não estejam restritos a essas funções no ethos único, tornam-se relevantes ao estudo no momento em que o envelhecimento é envolvido no processo.

O que se questionava inicialmente era como e por que o humor e a ironia em diferentes formas estavam tão presentes naquele espaço. Para um olhar superficial, essa presença seria considerada incoerente, já que o outro traço marcante do grupo era a seriedade. Aqui, a seriedade representaria exatamente o oposto à diversão e ao prazer. O grupo estava orientado fortemente pela performance, treinava regularmente, com sol ou chuva, ou seja, as práticas dos corredores se voltavam à aquisição e desenvolvimento de suas “habilidades específicas, conhecimentos e experiência” (STEBBINS, 2008, p.5).

²⁶ *Coping* é um conceito caro aos estudos da psicologia e tem sido utilizado na gerontologia. Em síntese, ele representa a capacidades de adaptação dos sujeitos ao longo de suas vidas e as formas de lidar e/ou enfrentarem suas atuais configurações (ANTONIAZZI, DELL’AGLIO, BANDEIRA, 1998).

Aggerholm & Ronglan (2012) e Ronglan & Aggerholm (2014) tratam do humor em seu artigo e mostram como ele estava presente em “jogos de invasão”, como basquete, rugby, e handebol. O destaque dado é de que, mesmo com um forte componente de competitividade em níveis de alta-performance, o humor está presente e é importante. É oportuno dizer que os autores consideram o humor importante por ser visto como benéfico no sentido de melhorar as performances dos jogadores (AGGERHOLM & RONGLAN, 2012) e de seus treinadores (RONGLAN & AGGERHOLM, 2014). Os dois estudos mostram como os jogadores e treinadores utilizavam estratégias relacionadas ao humor para a criação de soluções originais voltadas aos problemas inesperados em cada jogo e como lidavam com a pressão, tensão e ansiedade. Assim, a seriedade e o humor são colocados lado a lado e não como opostos.

Essa é uma possibilidade no grupo de corrida, entretanto, há mais do que isso relacionado ao uso do humor dos corredores. “Eu estou sempre brincado”, e “eu estou sempre rindo” disseram dois dos entrevistados ao falar sobre seu relacionamento com os outros corredores do grupo. Esse foi um tipo de formulação recorrente durante as entrevistas que se repetia quando a pergunta tratava de como eles percebiam seu próprio envelhecimento. “Eu me sinto velho porque tu tá me dizendo, porque eu, na minha cabeça sou jovem, eu brinco, estou sempre em alto astral com o pessoal aí” foi o que disse um dos corredores.

Para percepções que já vinham sendo ajustadas em torno do envelhecimento dos corredores, as falas levaram a refletir sobre o porquê de afirmarem tão enfaticamente a prática da brincadeira através do humor. Nas observações de nossa participação com o grupo isso já estava claro, mas em suas falas para as entrevistas, os corredores colocavam as brincadeiras através do humor como opostas ao envelhecimento. Era como se isso fosse uma prova de que eles não estavam velhos de fato. Isso nos indica que o humor era uma forma que os corredores utilizam para contrapor de estereótipos relacionados ao envelhecimento.

Notamos que, em geral os corredores comunicavam conteúdos sérios através de suas falas carregadas com humor. Foi o que aconteceu quando o treinador perguntou a um deles sobre como estava se sentindo naquele dia. O corredor, sem muito pensar, respondeu: “No

início do treino [sessão] eu estava me sentindo mal, depois o tempo foi passando e eu piorei”. Nas últimas palavras o treinador já mostrava saber qual seria a piada, mas mesmo assim riu com o corredor.

Existiam muitas expressões que os corredores utilizavam para formar suas falas de humor que só podiam ser entendidas pelos participantes do grupo. Em se tratando de um mundo especial em que os corredores compartilham, nosso entendimento do humor só se estabeleceu com nossa participação. Isso pode ser entendido pelas palavras de Gay (1997 *apud* HALL, 2010):

Na verdade, cada um de nós entende e interpreta o mundo de uma maneira única e individual. Porém, somos capazes de nos comunicar porque compartilhamos amplamente dos mesmos mapas conceituais e portanto interpretamos o mundo, ou lhe damos sentido, aproximadamente da mesma maneira. Isto é o que de fato entendemos quando dizemos que “pertencemos à mesma cultura”. Porque interpretamos o mundo de modo aproximadamente igual, podemos construir uma cultura compartilhada de sentidos e, portanto construir um mundo social que habitamos conjuntamente (GAY et al. 1997, *apud* HALL, 2010, p.449, tradução minha).

Depois de estarmos equipados com as “lentes da cultura”, fomos capazes de entender melhor o que as “brincadeiras” significavam nesse contexto. Em uma de nossas reflexões sobre observações de campo em 2009, encontramos o seguinte registro quanto às brincadeiras entre os corredores:

Um corredor “menos perceptivo” [desatento] ou não familiarizado às “regras do jogo” pode acabar exagerando em suas gozações [brincadeira] com outros colegas, aproveitando de um momento em que “está bem” [em boa condição de treinamento] para manifestar atitudes de superioridade sobre os outros. Porém, certamente irá “pagar” pelas ações e atitudes em medidas que podem exceder a proporcionalidade de suas “brincadeiras”. A reação dos outros corredores à contravenção pode levar o infrator à exclusão mesmo que temporária, exigindo dele algum tipo de retratação ou ao afastamento total ou de uma parte dos participantes do grupo. Por isso, sempre há o cuidado entre os corredores no sentido de não exagerar, pois “num dia a gente está em cima, no outro a gente está lá embaixo”, como explica um deles.

Um exemplo de reação em relação ao próprio “exagero” foi dado por um dos corredores ao ser questionado sobre sua relação com os outros corredores:

Corredor - [...] Eu nunca briguei com ninguém, brinco bastante, eu até acho que eu às vezes me passo mais como eu já falei.

Pesquisador - Tu já teve problema com isso?

Corredor - Não, não tive problema, mas... assim, não que eu tive problemas, mas sabe quando tu te passa [exagera] numa brincadeira e tu sente assim que “bah, babaquice minha... não devia... peguei pesado demais” ou “pô, a pessoa te dá uma abertura e tu extrapola”. Isso aí é uma coisa que às vezes eu escorrego. Porque a gente tá tão... se sente tão bem... tá tão assim sabe em clima de brincadeira, de desopilação que dá esse deslize. Esse caso, mas sempre reconhecendo, de pedir desculpas quando passa dos limites e sempre/ e nunca assim tive envolvimento/ nunca ninguém ficou bravo comigo por eu ter/ por eu sentir que tinha me passado, fazer uma brincadeira meio pesada, né, ah, tu ter liberdade mas passar um pouquinho dos limites, sabe?

No “mundo dos corredores”, esse contexto menor em que se elaboram as conversas dos corredores e suas práticas de humor e em que certos exageros podem acontecer se aproxima do que Gruner (1997, p. 14) chamou de “play frame”. Trata-se de um espaço contextual que se configura dentro do grupo de corredores e se movimenta de forma complexa,

[...] uma espécie de teatro estilizado onde o comportamento é altamente institucionalizado em que se é aceitável fazer coisas que em outros contextos seriam consideradas falta de educação, hostis, violentas ou apenas estranhas. Assim, o humorista deve saber que sua performance [de humor] ocorre em uma realidade distinta e, portanto, a realiza de acordo com a lógica e as regras do jogo. [...]. Não importa o quão engraçado e criativo que seja, não é permitido a quebrar as regras. (AGGERHOLM & RONGLAN, 2012, p.345, tradução minha).

Nesse espaço contextual, as pessoas definem a partir de suas interações o que é ou não aceitável de se falar, por exemplo. Os corredores podem rir ou mesmo falar coisas uns para os outros que em outros contextos são considerados inaceitáveis e ofensivos se partirem de pessoas de fora.

Talvez um dos aspectos mais profundos do humor entre os corredores estivesse relacionado ao papel que ele ocupa quando os corredores lidam com assuntos delicados como as dificuldade motoras, a performance entre os corredores, a homossexualidade, o sobrepeso e, especialmente o envelhecimento.

Em um dos treinos que observamos, por exemplo, era possível ouvir os corredores gargalhando enquanto faziam os exercícios de coordenação, as chamadas por eles de “técnicas de corrida”. Enquanto uns faziam quietos “na sua”, outros faziam graça, exagerando na execução errada dos movimentos. Em alguns casos, era possível ver que os corredores que faziam isso tinham dificuldades em executar o exercício corretamente e, por isso, exageravam no movimento e mascaravam a dificuldade com isso.

Durante os treinamentos e competições o humor e a ironia foram notados também como uma forma de os corredores lidarem com momentos de tensões. Antes de uma corrida de rua, por exemplo, um dos corredores dizia ao outro que estava nervoso. Seu colega prontamente respondeu: “- Não fica nervoso. É simples: tu sai forte, vai aumentando no meio e no final tu dá tudo, o Sprint final”. O corredor que estava nervoso estava aguardando tenso como se fosse sair algo sério do conselheiro, mas depois desse absurdo sobre como correr, parecia que o outro dizia “relaxa”.

6.2 ENVELHECIMENTO, LAZER SÉRIO E HUMOR

Todas essas formas de humor no grupo foram também observadas na relação com o envelhecimento. Se por um lado o humor revela uma forma de lidar com o envelhecimento dita “positiva”, por outro lado revela que o envelhecimento é um fenômeno significativo na vida dos corredores. Isso explica o porquê de o envelhecimento ser trazido à tona de forma frequente. Mas ainda fica questão: por que é que quando ele está presente nas conversas ele se apresenta frequentemente travestido em roupas engraçadas e até mesmo ridículas no mundo dos corredores? Formulamos breves reflexões para responder essas perguntas.

Uma primeira resposta que podemos formular é baseada na idéia de que o “mundo do corredores” é fundamentado na idéia de performance. Um elemento (valor, comportamento, atitude, etc.) que não esteja de acordo com esse etos é processado de diferentes formas. No caso do envelhecimento, não é preciso muito esforço para pensar em características negativas que constituem os estereótipos do envelhecimento. Além disso, existem características negativas do envelhecimento que são concretamente experimentadas pelos corredores. “Então, isso eu noto, que há cinco, seis anos atrás, eu

tinha mais vigor físico, e ainda eu preciso mais tempo pra recuperar”. Essas características vão de encontro com os valores do etos e precisam ser processada de alguma forma para torna-las, se não, aceitáveis, pelo menos toleráveis.

Esse processamento do envelhecimento para torna-lo menos desajustado ao mundo dos corredores é semelhante ao que apresentamos em outro artigo sobre a carreira dos corredores. O que acontecia nos casos que analisamos era que os corredores para lidar com o fato de não alcançarem mais os mesmos resultados nas corridas passavam a mudar seus parâmetros avaliativos. Um destes parâmetros, reconhecido no contexto das corridas, era o das “faixas etárias” ou “categorias”. Assim, corredores se avaliavam e faziam avaliar a partir de resultados em suas categorias, mesmo apresentando uma queda em seus resultados globais.

A segunda possível resposta para o humor e o envelhecimento no caso do grupo de corrida se refere à possibilidade de crítica que se abria. Através do humor, os corredores faziam suas críticas às possíveis concepções de envelhecimento. Em certa ocasião, um dos pesquisadores disse ao outro corredor que finalizava o seu treino: “- Bom treino, né?!”, e ele respondeu “- Eu tenho um problema de D.N.A.”. O pesquisador sem saber o que queria dizer mencionou isso com a expressão facial. Logo o corredor continuou: “- Data de Nascimento Antiga, DNA, esse é o meu problema”. Aquele corredor com mais de 60 anos tinha realmente feito um treino considerado bom e ele sabia disso. Por isso, brincou.

Em outra situação, o corredor também idoso, falava para o treinador do grupo “- Mas tu não pode dar esse treino para um velho!”. Estava claro para a audiência de corredores que estava na volta ouvindo que se tratava de uma brincadeira. E todo mundo riu, pois sabiam que o senhor era capaz de fazer o treino e que estava apenas “se bobeando”. E ouvimos muitas outras como “- Tenha dó do véio!” e “O velhinho ainda manda a ver, tá vendo?”. Essas eram formas de criticar, tensionando as concepções de velho, velhice, idoso, usualmente presentes nos diferentes contextos cotidianos em que os corredores circulavam.

Se por um lado havia o humor e a ironia no grupo de corredores, elementos ligados à forma de interagir e interpretar o ethos e de caráter mais relacional e emocional da interação, por outro lado, havia elementos muito fortes ligados à dimensão física da experiência do lazer. Esses elementos, destacados como delineadores da carreira dos

corredores também eram atravessados pela relativização, embora em alguns momentos fossem mais resistentes ou mesmo inacessíveis ao processo. São, basicamente, as habilidades, o conhecimento e a experiência que os corredores adquirem ao longo de suas carreiras.

Assim, o lazer estudado poderia ser visto como um espaço para desenvolver reflexões sobre a concepção do envelhecimento pelos corredores. Ao mesmo tempo, pode levar a idéia de que há, embora negado, o medo em relação ao envelhecimento – considerando o possível comprometimento da performance, e a insuficiência da relativização. E ao mesmo tempo, pode representar uma forma de fuga – através do treino e da comprovação que se consegue ainda correr; de tolerância ou até aceitação, por poder falar sobre isso das formas descritas. Por fim, é possível notar, as ambiguidades nas interpretações e, por consequência, no delineamento das carreiras em suas relações com o envelhecimento dos corredores.

7 HABILIDADES, CONHECIMENTO E EXPERIÊNCIA COMO ELEMENTOS IMPORTANTES PARA OS CORREDORES

Um enunciado essencial para o entendimento do conceito de carreira no lazer sério é o de que ela está “centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência” (modificado de STEBBINS, 1992, p.3, *apud* STEBBINS 2008, p.5, tradução minha). Essa afirmação de Stebbins (1992) me levou a pensar sobre como esses elementos se apresentam na experiência dos corredores. Em uma observação mais geral do grupo, foi possível identificar uma longa série de habilidades, conhecimentos e experiências dos corredores. Entretanto, para os corredores é um número menor desses elementos que se apresenta com relevância em suas narrativas.

A corrida de forma geral não exige muitas habilidades, se comparada, por exemplo, a outros esportes como futebol, esgrima, tênis, e assim por diante. Ao mesmo tempo, embora não apresente uma série complexa de habilidades técnicas, requer que o indivíduo concentre seu desenvolvimento em, talvez, três ou quatro habilidades ou capacidades. Nos dados do estudo, a resistência, o ritmo, a velocidade e a coordenação, nessa ordem, aparecem como mais importantes. Para desenvolver essas habilidades, o treinamento representa um elemento importantíssimo, pois os corredores reconhecem que é através dele que se desenvolvem e que seria impossível sem ele. Além disso, como é possível perceber ao olhar para o cotidiano do grupo e participar de suas conversas, o treinamento também representa o momento que serve como parâmetro avaliativo para os corredores saberem (um tipo de conhecimento) quem do grupo “está bem” no sentido de ser capaz de alcançar um bom resultado em provas. “Ele está sempre aí, fazendo o treino direitinho. Tá bem.” reflete essa posição.

Essa é também uma questão interessante para o envelhecimento. Pois, na corrida o declínio físico dificilmente pode ser compensado pela experiência e pela técnica. Neste sentido, é possível notar que esportes diferentes podem estabelecer relações diferentes a respeito do envelhecimento de seus participantes.

7.1 A CAPACIDADE DE RESISTÊNCIA E A DE VELOCIDADE

A capacidade de resistência foi considerada altamente relevante para os corredores. Essa capacidade é entendida como fundamental para as provas conhecidas como de “fundo”, de “longas distâncias” ou de “resistência”, em que os corredores normalmente participam. Na literatura científica especializada a “resistência” ou “endurance” muscular é reconhecida como “a capacidade do músculo de se contrair continuamente em níveis submáximos” (SPIRDUSO, 2005, p.160).

Nas palavras dos corredores ela é concebida nas falas relacionadas à suas capacidades de aguentar o treino (longão) ou de percorrer distâncias cada vez maiores. Em geral, a concepção dos corredores a respeito de sua capacidade de resistência é a de que estão cada vez mais resistentes e muitos deles, que começaram com distâncias menores de 5km ou 10km, estão correndo maratonas (42km) e sonham em seguir aumentando as distâncias de prova. “Mas não pra... ir tão forte”, argumentam, pois dizem que querem fazer uma prova mais longa como uma realização no sentido da distância cada vez maior, “não nessa loucura de correr forte todo o tempo”. Aqui, a resistência e a velocidade se encontram nas conversas dos corredores, ao referirem-se à intensidade (velocidade) da prova e suas distâncias. Esses dois elementos são inversamente proporcionais, pois, quanto mais curta a prova, maior exigência da velocidade; e, quanto maior a distância, menor a exigência de velocidade.

Como a observação dessas relações entre resistência e velocidade, posso adiantar que foi possível representar nas carreiras dos corredores uma tendência ou desejo de voltar a correr da mesma forma, ou, pelo menos, de forma semelhante, àquela que descreveram como comum no início de suas histórias. A sensação de realização a cada conquista, representada no aumento progressivo das distâncias, esta parece ser algo que perdeu sua intensidade ao longo da carreira e que poderia ser retomada. Ou seja, desejar voltar à busca por aumentar progressivamente as distâncias percorridas parece ser um movimento de retorno às origens, procurando a mesma forma de realização que existe em suas memórias sobre o início de suas carreiras. Corroborava essa observação as afirmações dos corredores sobre o que esperavam para o seu futuro na corrida, representativamente: “não ser mais

escravo do relógio” e “só correr ali na minha, cada vez mais longe”. Essa volta, é tratada na seção em que apresento o *looping qualificado*.

A relação entre a resistência e a velocidade na perspectiva dos corredores é apresentada quando relatam sua entrada no “mundo das corridas”. A velocidade surge como um elemento novo que, até então, não fazia parte do conhecimento que tinham sobre a corrida. É no grupo, a partir das intervenções dos treinadores que começam a aprender o que é a velocidade. O conceito que os corredores desenvolveram sobre a velocidade parece obscuro, porém, é muito clara a relação de admiração e, ao mesmo tempo, de medo que parecem ter com essa capacidade. Em nenhuma das conversas com os diferentes integrantes do grupo alguém se disse veloz. Porém, em todas as conversas e entrevistas, havia a identificação dos mais velozes e mais lentos e a comparação entre eles, mesmo que nenhum colocasse a si mesmo como veloz. “Eu estou ali entre o *fulano* e o *sicrano*, não sou o mais veloz, mas também não estou naquele grupo, tu sabe”.

Ao contrário da velocidade, a resistência era uma capacidade repetidamente usada pelos corredores para se autoqualificarem. A velocidade não era reconhecida pelos entrevistados como uma capacidade que poderia ser desenvolvida e, nas conversas informais em geral, era considerada a possibilidade de alguma melhoria em situações específicas. Assim, a velocidade dos “mais velozes” era um talento com o qual poucos corredores haviam nascido. Por outro lado, na concepção dos corredores, essa vantagem seria anulada com o aumento das distâncias. “É que ele é velocista, tem que ver correndo 21 ou 42 [km]”.

7.2 O RITMO

A capacidade de ritmo foi também uma das capacidades mais destacadas pelos corredores. A importância dessa qualidade se revelou em, pelo menos, três tipos de situações. O primeiro tipo de situação se apresentava quando o corredor avaliava seu desempenho na corrida ou treino usando o ritmo como parâmetro. Nessas situações o corredor considerava ter ido bem ou mal por conta do ritmo que tinha desenvolvido na prova ou treinamento. (exemplo para ilustrar). A concepção do “ritmo” como um dos fatores

principais na avaliação do desempenho dos corredores era reforçada em alguns momentos nas falas dos treinadores a respeito de como avaliavam o resultado e a participação dos corredores nos treinos e competições.

O segundo tipo de situação se refere à menção avaliativa que os corredores faziam entre si, citando corredores que, por sua experiência, conseguiam manter o mesmo ritmo durante toda uma prova ou treino. Aqui, foi notado que a capacidade (habilidade) de manter o ritmo se relacionava com a experiência de forma interdependente: quem tinha mais experiência, tinha mais capacidade de manter o ritmo; quem mantinha mais o ritmo, tinha mais experiência. Esse foi um aspecto destacado pelos corredores que parecia ignorar a relação com o envelhecimento.

A terceira situação em que o ritmo aparecia eram as situações em que os corredores auxiliavam corredores mais novos com conselhos sobre a questão do ritmo. Esses três tipos de situações mostram como o ritmo é uma capacidade bastante prezada pelos corredores e reforça, novamente, a questão de que a performance/ resultado na corrida pauta suas experiências.

A capacidade de manter o ritmo é tão importante para os corredores do grupo que uma das primeiras aquisições dos corredores é o relógio, tão importante quanto o tênis de corrida. Os relógios utilizados pelos corredores, em geral e no mínimo, têm a capacidade de registrar o tempo em que fizeram as voltas ou os quilômetros. Assim, os corredores são capazes de saber se o ritmo em que estão correndo está de acordo com o que haviam planejado.

Um detalhe interessante é que o relógio, em alguns casos, servia como um parâmetro de avaliação entre os corredores. Usar o relógio durante os treinos, por exemplo, era considerado imprescindível e esquecer, vindo para o treino sem ele, era algo impensável – “como ir para a escola sem os cadernos”. Esse tipo de avaliação era compartilhada pelos corredores do grupo e corredores de fora. Entretanto, uma observação que se torna bastante relevante na experiência dos corredores é o fato de que o ritmo é objetivo, marcado, e sobre ele a relativização tem pouca influência.

Pensando sobre como essa capacidade era aprendida pelos corredores, foi possível observar processos de aprendizagem do ritmo nos treinamentos e eventos competitivos em que os corredores participavam. Como mencionado anteriormente, o tempo de experiência na corrida era bastante variado entre os corredores do grupo. Nesse sentido, o treinamento em grupo foi percebido como um fator benéfico, pois propiciava o contato de corredores recém-chegados com corredores mais experientes.

Com esse contato, corredores mais novos no mundo da corrida aprendiam o ritmo, uma capacidade importante para o grupo de corredores, com os mais velhos – o que não significava a questão da idade necessariamente. Para isso, o treinador orientava os corredores mais novos para que corresse com outros que corriam mais ou menos no mesmo ritmo. Isso ocorria tanto nos treinamentos (longos e intervalados), quanto nas corridas. Assim, os corredores aprendiam a correr no ritmo correndo, revelando uma interessante relação entre experiência e conhecimento do ritmo.

Aprender a correr no ritmo desejado era importante e isso ficava claro para os corredores do grupo desde o seu primeiro treino. As instruções dos treinadores e as conversas dos corredores estavam sempre cheias de termos que se referiam ao ritmo de corrida. Basicamente, o ritmo era expresso em “minutos por quilometro” (min./Km), em que se refere o tempo em que cada quilômetro é percorrido; e, no caso de treinos e competições na pista, “tempo por volta” (min. /volta). Essas expressões faziam parte da descrição do treino no plano de treinamento mensal que os corredores recebiam. De novo, volta a importância de saber correr no ritmo – para conseguir fazer o treino de acordo com o planejado e, assim, alcançar seus objetivos.

Esse entendimento de que o ritmo é uma habilidade importante aos corredores aparece em estudos como o Manoel *et al.*(2015), que demonstra como a estratégia utilizada nas provas, em relação ao ritmo de corrida, é “determinante e decisiva para o desempenho” (MANOEL *et al.*, 2015, p.355), mesmo para corredores não profissionais. Dessa forma, aprender a correr no ritmo é uma aprendizagem crucial na carreira dos corredores, sejam quais forem suas idades.

7.3 CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS IMPORTANTES AOS CORREDORES

Analisando as observações e entrevistas, o ritmo foi o segundo elemento mais enfatizado pelos corredores e considerando a proposição inicial do conceito de lazer sério, restava saber mais sobre os conhecimentos e experiências importantes para eles. Mesmo tendo considerado o ritmo dentro da categoria de habilidades, ele também poderia ser visto como um conhecimento, que é obtido através da experiência de correr e torna a relação entre esses elementos mais complexa do que a aparentemente limitada definição inicial de lazer sério. Nas entrevistas, a questão do conhecimento aparecia relacionada ao fato de serem importantes os conhecimentos dos corredores sobre provas em que disputavam, sobre os trajetos de treinamento, e sobre as distâncias percorridas, por exemplo. Já, em relação à experiência, aos poucos foi ficando claro que essa última estava na maior parte das vezes relacionada ao conhecimento dos corredores nos aspectos destacados anteriormente.

Além da importância da experiência da relativa ao tempo de prática das atividades que envolviam a corrida, a experiência em situações e momentos específicos era trazida pelos corredores. Isso ficou evidente quando se colocou em questão o porquê de os corredores fazerem questão de falar sobre suas carreiras e como eles mesmos se colocavam ao fazerem isso. Se, por um lado, eles exibiam suas realizações que consideravam admiráveis e que supostamente seriam tratadas da mesma forma pelos ouvintes, por outro, evidenciavam seus conhecimentos sobre as provas (“Ah, eu já corri por todo o Estado, praticamente todas as provas eu conheço, podes me perguntar”). Além disso, valorizavam suas experiências em diferentes momentos vividos (lesão e treinamento, por exemplo) como algo a ser considerado importante e útil aos mais novos na carreira de corredor (“Quando eu lesionei o joelho eu coloquei bastante gelo e fui melhorando”; “Eu fiz três vezes o treino para maratona com o professor, agora eu estou treinando sozinho, já me conheço”).

A experiência que é um elemento frequentemente associado ao envelhecimento em nossa sociedade, recebe novos sentidos na cultura dos corredores. Olhando para o grupo de corredores, se destacava o aspecto de haver grandes diferenças de idades entre os participantes e a experiência ser um elemento que não era necessariamente associado idade mais avançada entre os corredores. O que era possível notar é que havia a valorização dos que eram mais experientes a partir de seu tempo de inserção e realizações no “mundo das

corridas”. A idade, então, era um componente que poderia contar a favor, nesse sentido, mas que sozinha, não fazia diferença. Como no caso dos corredores do grupo e, especialmente os entrevistados, eles haviam começado a correr em idades acima dos 40 anos, e, assim, considerava-se que corredores com 60 anos já tinham uma longa experiência de corridas e assim eram reconhecidos.

Novamente, torna-se um elemento-chave a questão da performance e, em relação ao conhecimento, aprender o quanto consegue suportar uma carga e mesmo superar-se, aparece como um conteúdo importante. Ainda, esse conhecimento está ligado à experiência de correr, sendo essa vinculação imprescindível em algumas das concepções. Destaque para dois trechos das entrevistas. O primeiro é de Pedro (54 anos) ao falar de sua experiência na corrida:

Por incrível que pareça, nós conhecemos quem nós... Assim: existe uma pessoa dentro de você, não levando na sacanagem [risos], porque todo mundo leva na sacanagem [risos], mas existe uma pessoa que você desconhece, que é uma pessoa que consegue superar. Superação, você se supera e você não consegue entender isso em uma situação normal.

Pedro expressa, com um toque de humor, como entende a experiência na atividade central como geradora de situações específicas que o fazem conhecer mais a si mesmo. O outro trecho, de João (55 anos), apresenta uma relação mais voltada à questão do treinamento com os colegas do grupo pequeno que se forma na sessão de tiros e, novamente, toca a questão da performance:

Então, tu vai ver no meu grupo lá, o gurizão com 25 anos e o tiozão, que nem eu, com setenta e/ com 55 anos, dentro daquele grupo, daquele condicionamento. Não que eu seja melhor do que aquele ali, mas ele tá começando agora, ou ele tá... entende? Ahm, ele tá naquele grupo. Então eu noto assim, isso com o passar dos anos: que tu precisa, isso eu já disse para o Miguel [treinador], na atividade, nos treinos, o teu metabolismo, isso tu nota que teu metabolismo já não é igual, vai modificando. Tu, embora esteja condicionado, precisa. Não é que num tiro, ah, tu dá um tiro de 1000 e tu tem um minuto pra descansar. Se tu tá bem condicionado, teu batimento em um minuto baixa e tu larga de novo. Tu tá zerado, entendeu? Isso aí é sinal de que tu tá condicionado, não é isso? Tu é formado em educação física, tu sabe, né? Isso aí não é problema, isso aí é questão de condicionamento. Mas eu digo assim: depois de um treino puxado o dia inteiro, ou uma noite de treino puxado [risos], no outro dia o cara que é mais novo, ele vai estar recuperado mais rápido. O repouso dele, o descanso, é mais

rápido. Isso aí, a idade. Tu vai precisar de mais tempo pra descansar, eu acho. Isso que eu noto assim, tu não tá tão recuperado no outro dia que nem ele, mas não que isso te atrapalhe o treino. Eu quero dizer que isso aí tu consegue sentir ao longo da tua idade. O que tu fazia há 5 anos atrás, há 10 anos atrás era diferente, tinha quarenta e poucos. Há dez anos que eu corro, vai fazer 11 anos. Vai fazer. Cinquenta e cinco, cinquenta e cinco agora em janeiro [calculando a idade em relação ao tempo de treino]. É, dez anos e um pouquinho, entendeu? Então, isso eu noto que há cinco, seis anos atrás, tinha mais vigor físico, mas é que tu precisas de mais tempo para recuperar [fisicamente].

No trecho acima, João (55 anos) mostra um dos tipos de conteúdos que os corredores aprendem em suas experiências com a corrida. Nesse caso, fala sobre o aprendizado em relação ao tempo que necessita para se recuperar entre uma sessão e outra e entre os tiros de uma mesma sessão. Esse conteúdo é vinculado por ele à questão de sua experiência e envelhecimento.

Um episódio que, para mim, foi bastante marcante em relação à questão de experiência e envelhecimento aconteceu em janeiro de 2015. Na época, com 33 anos de idade, eu estava fazendo minhas observações de campo e resolvi alternar os horários de meus treinos para permitir que parte delas fossem realizadas sem a minha participação como corredor. Assim, eu poderia me manter, porém, teria períodos para dedicar-me somente às observações, o que me ajudava a anotar mais detalhes, e assim por diante. Então, em um dos dias de treino, fui para a pista no horário da manhã e encontrei alguns colegas e amigos da corrida. Naquele dia, treinei com dois corredores já bem conhecidos. Um deles estava em plena atividade, como atleta, era dois anos mais novo do que eu e, durante 15 anos nós treinamos juntos e competimos, mais ou menos as mesmas provas. O segundo corredor, estava treinando para correr uma maratona, era 8 anos mais velho do que eu, e já corria há muito tempo antes de o corredor mais novo e eu decidirmos por começar a correr.

Além da idade e da experiência com a corrida, um detalhe interessante era o de que os dois haviam começado seus próprios grupos de corrida e, ao mesmo tempo, representavam o grupo de corrida que eu estava investigando. O que acontecia é que as representações do grupo de corrida e da equipe de atletismo do clube acabavam se confundindo por conta do histórico do grupo e da relação entre os corredores associados e os atletas. Nós três tinham objetivos diferentes e estávamos ali, três amigos de longa data,

em um período do ano em que o treinamento não estava muito intenso, e havia outros corredores treinando na pista.

O corredor mais novo entre nós estava em uma excelente condição de treinamento e, por isso, ficamos o segundo corredor e eu em dúvidas se deveríamos ajustar nosso treino para acompanhá-lo. Acontece que, por certo deboche com a situação, escolhemos fazer o treino com o corredor mais novo. “– O cara está nos sangrando!”, disse o mais velho para mim já no primeiro tiro que fizemos. “– Melhor se tivéssemos feito nossos tirinhos ali.”, respondi. Ele, em tom de ironia, retrucou: “– Mas ainda bem que a gente é guri novo, tem muito ainda para aprender. Podemos errar bastante.”. Depois de rir bastante, o colega mais velho prosseguiu “ – Falando nisso [em sermos velhos], eu estou formando uma equipe para a TTT [Travessia Torres-Tramandaí], vamos? É uma equipe máster! Tu estás com quantos anos?”. Depois de eu dizer minha idade, ele viu que eu ainda não poderia participar pela minha idade e, na sequência, resolvemos deixar o corredor mais novo fazer seu treino sozinho e decidimos como iríamos terminar o que havíamos começado. Mas não terminou por aí.

Nessa primeira parte desse episódio que estou narrando, destacaria alguns elementos antes de continuar: éramos três corredores com idades e experiências diferentes; a postura de deboche com que lidamos com aquela situação desafiadora; o código especializado utilizado e a ironia do corredor mais velho em relação ao sermos velhos e termos “muito ainda a aprender”. Esses elementos, que já receberam destaque anteriormente, acabavam retornando de maneira frequente às análises. Mas como eu disse, não terminou por aí. Seguimos na realização do treino, agora ajustado às nossas condições, e, em um dos intervalos observamos outro corredor que estava fazendo tiros. Nós dois ficamos atentos, mas não dissemos nada um ao outro. Era estranho que aquele corredor terminava os tiros sempre em lugares alternados na pista, o que em princípio não seria um problema, mas os locais das paradas não representavam quaisquer referências comuns utilizadas durante os treinos. Aquele corredor parava, mais ou menos, literalmente, perto da linha de chegada. “Podia ser que ele estivesse fazendo um fartleck”, disse o mais velho, referindo-se a um tipo de treino intervalado em que não se utilizam as marcas da pista, porém, ficou claro que aquele não era o caso quando escutamos a repreensão do treinador e começamos novamente a rir da situação. “– Bah, a gente não errava assim. Não com dois

anos de treino! Como que o cara não sabe a marca dos 200 [metros]?” , dizia e ria o corredor mais velho.

Em episódios como esse eram observados o desenvolvimento da “atividade central” pelos corredores, sendo possível identificar diferentes conhecimentos e habilidades que precisavam desenvolver para manterem-se naquele lazer. Os recém chegados, precisavam aprender conceitos básicos, além de aprender a entender as formas de comunicação específicas do grupo. Saber a distância de uma volta na pista, as marcações e referências das distâncias utilizadas na pista, o número das raias e sua destinação, os comportamentos adotados como padrão na utilização da pista – esses procedimentos estavam relacionados tanto ao desenvolvimento efetivo das atividades em si, quanto à manutenção da segurança entre os participantes do ambiente de treinamento. Tratava-se de um conhecimento específico, relacionado ao uso do aparelho de lazer, a pista de atletismo. Todos esses conhecimentos observados, de uma forma ou de outra, passavam pelo reconhecimento, por parte dos corredores, da existência de um percurso próprio em que haviam superado ou não algum tipo de situação de dificuldade diante da aprendizagem desses conteúdos básicos. No caso do corredor mais velho, a respeito do que estava observando, fez a consideração de que “não errava assim”, não depois de dois anos. Ou seja, quer dizer que reconhecia que havia a possibilidade de “errar”, em momentos anteriores aos dois anos de sua carreira de corredor. E, essa relação de reconhecimento da dificuldade não se dava somente de forma tranquila. Era muita vezes tensa, carregada de negação ou desvio.

Como já notado, os corredores, de maneira geral, se orgulhavam de suas trajetórias e faziam questão de aproveitar as oportunidades de contar suas histórias aos outros, inclusive aos seus colegas de treino. Por parte dos colegas, havia uma forte admiração, especialmente por verem os mais velhos conseguindo dar continuidade às suas atividades dentro do que afirmavam desejar. O conhecimento e experiência muitas vezes compartilhados através dessas narrativas sobre as próprias carreiras entre os corredores servia também como um forte elemento de reforço da manutenção da carreira como pode ser observado a partir das análises que seguem.

8 AS FORMAS DE MANUTENÇÃO DA CARREIRA DOS CORREDORES

Como mencionado anteriormente, percebemos entre os corredores um esforço no sentido de manterem-se vinculados ao mundo da corrida, permanecendo em seus papéis e, portanto, mantendo suas carreiras. Consideramos relevante que o estudo das carreiras dos corredores do grupo seja associado com as formulações propostas por Baltes & Baltes (1990) sobre o envelhecimento. Isso porque se trata de uma teoria que pode ajudar a explicar de forma muito consistente alguns de nossos achados durante as pesquisas.

Embora a carreira implique uma realidade complexa e multidimensional, grande parte da literatura considera mais os seus aspectos objetivos, dando prioridade ao progresso observável em uma ocupação ou organização, e pouca atenção às visões pessoais que se amarram a linhas particulares de ação (COLLIN & YOUNG, 1986). Em outras palavras, o foco nas carreiras objetivas ou séries de ajustamentos padrão dos indivíduos a redes de instituições e organizações tem ofuscado as carreiras subjetivas ou reconhecimento e interpretação de eventos passados e futuros ligados a cursos sociais específicos da vida dos atores (STEBBINS, 1970). Essa mudança no olhar pode estabelecer novas fontes de conhecimento a respeito do envelhecimento.

Com a participação no grupo de corrida, muitas das estratégias utilizadas pelos corredores mais velhos, relacionadas à manutenção de suas carreiras, foram notadas. Essas estratégias delineavam suas carreiras como respostas às “contingências específicas”, e foram categorizadas. Um conjunto de seis caracterizações de possibilidades de delineamento das carreiras que nos ajudaram a entender esse processo no grupo de corredores. Dessas, quatro categorias estão mais voltadas a aspectos sociais de mudanças, incluindo a mudança de carreira entre os corredores, e duas categorias estão situadas nas relações comunicativas entre os corredores, mais centradas em aspectos emocionais ou psicológicos, revelando-se como estratégias para lidar com a carreira e o envelhecimento. As quatro categorias sociais foram:

8.1 MUDANÇA DE PAPEL, PORÉM PERMANECENDO NO MUNDO DAS CORRIDAS

Observamos casos diferentes em que corredores, por razões que incluíam seu declínio físico e envelhecimento, mudaram suas atuações. Um dos sujeitos que acompanhamos deixou de participar das corridas, porém permaneceu como uma espécie de gerente, chamado de “chefe de equipe”. Esse não era seu cargo oficial, mas representava o papel que ele mesmo havia construído a partir de suas relações dentro do grupo. O sujeito organizava a participação de uma equipe, que ele mesmo selecionava, entre seus amigos e conhecidos (considerando suas performances e outros quesitos), para participar de pelo menos duas provas de revezamento que ocorriam durante o ano, a “Travessia Torres-Tramanda” (TTT) e a “Volta à Ilha”, em Santa Catarina.

Esse tipo de característica mudança de papel no desenvolvimento da carreira dos corredores pode ser observado na interessante crônica de Dederich (2009, p.82). Com o sugestivo título “Relargada”, a crônica foi publicada em uma revista voltada ao público específico de corredores. No texto, Dederich (2009) conta a história de um corredor que tinha 81 anos e era conhecido como Lata Velha. Ele participava de um grupo regularmente, mas acabou sumindo das atividades. Os colegas tentavam entrar em contato com o veterano por telefone e nunca o encontravam, até que um dia conseguiram falar com ele. Fato é que o corredor tinha sido proibido de continuar nas atividades pelo seu médico, que diagnosticou uma osteoporose crônica. A esposa, percebendo que o marido não iria acatar as ordens, decidiu impedi-lo de continuar a participar dos encontros do grupo. Isso gerou uma discussão com a participação de todos os envolvidos, da esposa, do Lata Velha e do grupo. O final da discussão foi descrito pelo autor assim:

Ao ver seu próprio exército trocar de lado e capitular, Lata pediu a palavra e se rendeu aos cuidados da esposa. Foi quando, vinda lá do fundo, uma voz tímida se fez ouvir. Que parasse de correr, já que sua saúde assim o exigia, mas que não abandonasse as corridas. Havia outras coisas que ele podia fazer sem se prejudicar. Usar sua experiência para ajudar na organização das provas, planejar as viagens de competição ou cuidar da tesouraria da equipe eram algumas sugestões. (DEDERICH, 2009, p.82).

Assim, o corredor Lata Velha se tornou assistente do treinador, mantendo-se ainda envolvido com o grupo. Essa é uma das alternativas que se apresenta aos corredores nas fases finais de suas carreiras.

No mesmo sentido, um estudo de Lewis, Patterson & Pegg (2013) sobre a hierarquia entre os praticantes de corrida de motos na Austrália mostrou as possibilidades que se apresentavam aos pilotos em “fim de carreira”. O último estágio dos pilotos de moto foi “caracterizado pelo aumento da idade, lesões cumulativas e diminuição de habilidades físicas” (LEWIS, PATTERSON & PEGG, 2013, p.189). No caso, a idade foi identificada como uma barreira que restringia o movimento de avanço na carreira, especialmente pela dificuldade em conseguir patrocínio. Entretanto, alguns continuavam no esporte como forma de manter seus vínculos, encontrando outros pilotos, familiares e amigos jovens e velhos, além de ajudar aos mais jovens, atuando como seus mentores.

8.2 MUDANÇA NA INTENSIDADE DE ENVOLVIMENTO, MANTENDO ELEMENTOS DE SENTIDO E/OU DANDO PRIORIDADE A OUTROS COMPROMISSOS

Em nosso estudo, observamos a variação da intensidade de envolvimento entre os corredores, por diversas razões. Uma delas estava relacionada às novas configurações das provas, outra a questões profissionais, como escreveu, por e-mail, um dos corredores do grupo, com 50 anos:

Assunto: notícias

Boa tarde,

Não tenho participado de provas (está muito caro participar de corridas).

Estou rodando 45 min, 5 vezes por semana (para manutenção e saúde).

Mas, quero voltar a correr.

Estou trabalhando e fazendo cursos voltados para a área de trabalho.

Boa sorte em teu trabalho de pesquisas e muito sucesso.

Esteja a vontade em escrever ao meu respeito.

Abração

Pedimos esclarecimento sobre a participação no grupo e o corredor afirmou: “Só estou rodando. Às vezes, faço o longão [longa distância] de domingo com o grupo”. A dificuldade encontrada pelo corredor em sua participação nas provas se aproxima do que McQuarrie & Jackson (2002) conceituaram como “condições limitantes”. “Uma condição limitante pode ser definida como qualquer barreira que restrinja um indivíduo de realizar uma ação desejada” (MCQUARRIE & JACKSON, 2002, p.38, tradução minha). No primeiro estudo, McQuarrie & Jackson (1996) analisaram a “negociação das condições limitantes” na participação no “lazer sério” de praticantes de patinação no gelo. O termo “negociação das condições limitantes” se referia na literatura relacionada às formas como os sujeitos “lidam com obstáculos ou barreiras” na participação do lazer (MCQUARRIE & JACKSON, 1996, p.461, tradução minha).

Para McQuarrie & Jackson (1996), o lazer sério contempla a existência de “condições limitantes” no lazer e os posicionamentos dos sujeitos de forma que os permite lidar com essas condições a partir da adoção de diferentes estratégias. Uma das proposições que se destacam no artigo de McQuarrie & Jackson (1996) consiste na consideração de que “a necessidade de perseverança” e o “esforço pessoal significativo” presentes na teoria de Stebbins (2008, p.11) poderiam ser reinterpretados por “negociação das condições limitantes”.

Ainda McQuarrie & Jackson (1996) entendem que as “condições limitantes estruturais”, que modificam a participação no lazer, e as “condições limitantes antecedentes” – elas afetam as preferências de lazer e podem ser intrapessoais ou interpessoais – ocorreriam de forma simultânea (MCQUARRIE & JACKSON, 1996, p.462-463, tradução minha). Além disso, McQuarrie & Jackson (1996) apresentam formulações a respeito das “negociações de condições limitantes”, identificando-as dentro de “cinco estágios progressivos da carreira de lazer” – (1) “tornando-se um potencial participante”, (2) “iniciando no esporte”, (3) “desenvolvimento”, (4) “estabelecimento”, (5) “declínio” ou “afastamento” (MCQUARRIE & JACKSON, 1996, p.467-474, tradução minha).

Em outro estudo, McQuarrie & Jackson (2002) revisaram análises no contexto do “lazer sério” e das “condições limitantes”, propondo-se a identificar estratégias de negociação na “carreira do trabalho” que se assemelhavam às encontradas na “carreira de

lazer”. McQuarrie & Jackson (2002) traçaram paralelos entre as duas e discutiram três proposições que servem para pensar sobre o tema: (1) “em todos os estágios de uma carreira de trabalho, as condições limitantes não são necessariamente obstáculos intransponíveis, mas podem ser negociadas entre os participantes”; (2) “respostas às condições limitantes encontradas não são necessariamente passivas”; e, (3) “condições limitantes podem causar a transição na carreira, tanto visível quanto invisível” (MCQUARRIE & JACKSON, 2002, p.47-48, tradução minha).

Podemos estabelecer essa mesma relação de mudanças de envolvimento vinculada à manutenção de uma carreira no estudo de Vianna & Eckert (2011). Um ritual tradicional realizado por um grupo de remadores veteranos é analisado em uma perspectiva antropológica. Os veteranos, com idades entre 50 e 90 anos, remavam todos os domingos até uma ilha e ali realizavam o “café da manhã”. O estudo ilustra como praticantes de uma modalidade esportiva mudam seu envolvimento, mantendo elementos que dão sentido às suas experiências – no caso a prática do remo e a realização do café que já era costume dos remadores quando mais novos.

8.3 MUDANÇA DE GRUPO E ESPAÇO DE PRÁTICA, ABRINDO NOVAS POSSIBILIDADES

Foi possível observar que havia um trânsito intergrupos pelos corredores. Isso foi constatado durante as competições e rodagens aos fins de semana. Nas competições, pudemos observar por meio dos uniformes que identificavam os grupos as migrações dos corredores. Dentro do grupo, esse movimento foi considerado relativamente pequeno, levando-se em conta o grande número de integrantes. Para essas considerações, as conversas com treinadores e corredores nos ajudaram bastante. Ao sentirmos falta de algum corredor, perguntávamos sobre ele a alguém que tinha mais proximidade e logo conseguíamos informações.

Em observações de campo “fora” do grupo, identificamos sentidos que as mudanças de grupo tinham para parte dos corredores que conseguimos acompanhar. Primeiro, a mudança oferecia possibilidades reconhecidas pelos outros corredores. Em um dos casos, por exemplo, o corredor era tido como mediano, ou melhor, seu desempenho na corrida

não era considerado algo extraordinário, pois havia um número relativamente grande de integrantes em geral e em sua categoria que atingiam os mesmos resultados. O corredor migrou para outro grupo, no qual seu desempenho estava acima da média, recebendo maior reconhecimento. Dessa forma, a carreira se delineava a partir da mudança de grupo, mantendo em sua base a performance, como “expressão das habilidades, conhecimento e experiência”. Essa atuação se relativizava de acordo com o espaço, relacionada assim com reconhecimento social dado pelos outros participantes do etos (mundo da corrida).

Em diferentes casos observados corredores relatavam que deixaram de praticar outras atividades (esportivas, coletivas e amadoras) para dedicarem-se exclusivamente à corrida. As razões apontadas envolviam aspectos relacionados à possibilidades de experiências diferentes das comumente experimentadas pelos colegas de atividade, à possível diminuição dos riscos de lesão física e, à questão de poderem através da corrida assumir a responsabilidade sobre os resultados (“Na corrida sou eu, não tem aquela de dizer ‘foi o atacante que não fez ou o goleiro que não defendeu’, sou eu, só eu’.”).

8.4 ALTERNÂNCIA EM MOVIMENTOS DE IDA E VINDA ENTRE A CARREIRA DA CORRIDA E OUTRAS CARREIRAS, MUDANDO DE CARREIRA E, INTERROMPENDO A DA CORRIDA, TOTAL, PERIÓDICA OU PARCIALMENTE

Como participante do mundo da corrida, eu mesmo pesquisador-corredor experimentei alternâncias entre afastamentos e “voltas” para a prática do lazer, seja por questões de saúde, seja por exigências profissionais ou por escolher outras atividades. Essa movimentação também mereceu um olhar atento.

Hastings, Kurth & Meyers (1989) investigaram as carreiras de nadadores. Os autores iniciam seu artigo considerando limitados os modelos de carreira, por sua aplicabilidade restrita. Um dos aspectos que destacaram é o fato desses modelos não incluírem as pausas e interrupções possíveis. Essas “descontinuidades” na carreira (HASTINGS, KURTH & MEYERS, 1989, p.278, tradução minha) poderiam se dar pela prioridade orientada a outra carreira, de forma permanente ou temporária – a essa última forma, Hastings & Meyers (1989, p.278,

tradução minha), nomearam de “dormente”, em vez de “terminal”, como tipicamente era representada.

Para Hastings, Kurth & Meyers (1989), a reentrada na carreira ou reassunção dela ocorria “quando as demandas de outras carreiras diminuem, ou as prioridades se deslocam, ou os recursos mudam” (HASTINGS, KURTH & MEYERS, 1989, p.279, tradução minha). Ainda, segundo os autores, a inclusão de fases de “dormência” e “reentrada” facilitavam a análise do movimento entre as carreiras, bem como a mudança de padrões de envolvimento na carreira esportiva durante o curso de vida (HASTINGS, KURTH & MEYERS, 1989, p.279, tradução minha).

Embora a abordagem sobre o tema analisado por Hastings, Kurth & Meyers (1989) não esteja tão próxima do estudo aqui proposto – o curso de vida é tomado pelos autores como uma categoria representada de modo etário, por exemplo –, os aspectos destacados acima são considerados importantes por enfocarem elementos que enriquecem a análise da carreira. As possíveis alternâncias, interrupções e retomadas dentro dos estágios de envolvimento no lazer sério e de suas fases de desenvolvimento se tornam elementos-chave quando consideramos o estudo ancorado em uma perspectiva que compreende o desenvolvimento ao longo da vida dos sujeitos.

Robert Stebbins (2014b) identificou três principais alternativas que podem levar um indivíduo a abandonar uma atividade de lazer em particular. A primeira é a decisão consciente de encerrar a atividade. A segunda é quando o praticante é forçado a abandoná-la por circunstâncias externas. E a última é quando ele vai se afastando da atividade perdendo seu interesse aos poucos.

No caso dos corredores que participaram do estudo, a idéia de um final definitivo da carreira parecia não ser concebível, embora existisse uma aceitação da idéia de que ela poderia ser encerrada por motivos que não estavam sob seu controle. Como a carreira se delineia a partir da permanência na atividade ou de forma descontínua e, muitas vezes imprevisível, a volta à carreira é uma possibilidade enquanto o sujeito estiver vivo. Considerando os corredores do grupo que abandonaram a carreira da corrida e, entretanto, possuem condições de voltar a correr, existe ainda a possibilidade de retomar sua carreira – e, nesses casos, ainda, a volta poderia envolver uma das estratégias descritas anteriormente.

Mesmo cientes das limitações que potencialmente serão experimentadas com o avançar da idade, a permanência na corrida, na concepção dos corredores entrevistados, continua até o final de suas vidas, a não ser que algum evento inesperado os impossibilite de correr ou estar envolvidos nas atividades. Para entender essa forma de interpretação, o processo de relativização pode ser novamente considerado. Assim, o final da carreira significa mais do que parar de correr, significa deixar de ser corredor. Se inicialmente essas idéias parecem antagônicas, elas podem ser facilmente percebidas nos processos identificados anteriormente, tratando-se das “formas de manutenção da carreira”. Nesse sentido, os corredores nem sempre permanecem correndo, eles permanecem vinculados ao mundo social da corrida, desempenhando papéis diferentes. O que acontece entre os corredores é que mencionam mesmo outros sujeitos que pararam de correr como sendo ainda corredores.

Resta assinalar que, a essas quatro formas de lidar com os desafios do final da carreira, existem dois outros aspectos que, embora tenham sido apresentados anteriormente, estão elencados como relevantes formas de ação. Não são formas específicas de encaminhar a trilha escolhida, mas estratégias que corredores utilizam para lidar com aspectos e suas carreiras e envelhecimento que poderiam ser sintetizadas:

a) Avaliar sua própria performance por meio da do outro com a mesma idade.

Um dos delineamentos dados pelos corredores às suas próprias carreiras estava ligado à estratégia de utilizar em suas referências parâmetros que faziam parte da avaliação de desempenho considerada oficial. Um dos exemplos mais observados não estava restrito aos velhos, porém se apresentava com maior ênfase, foi a utilização da comparação dentro da categoria etária. Em outras palavras, os corredores se utilizavam da proposta de categorias etárias instituída oficialmente para valorizar suas realizações, relativizando a questão da performance na corrida.

b. Lidar de forma irônica ou “na brincadeira” com aspectos que se apresentavam como de tensão ou de difícil resolução.

Em um mundo rodeado de questões sérias, com uma forte necessidade de esforços para superar desafios e de perseverar com os altos e baixos nos resultados das corridas, a

brincadeira não parece um elemento adequado ao cenário. Porém, por mais estranho que possa parecer, era brincando, debochando e ironizando que os corredores expressavam suas formas de lidar com questões muito sérias de suas vidas.

Essas formas de manutenção tinham ao seu lado uma forma original de lidar não só com as potenciais restrições na carreira de corredor, mas também com o que os corredores queriam realizar e como. Chamei essa forma original de *looping qualificado*, o que pareceu fazer bastante sentido, especialmente entre os corredores com os quais compartilhei das experiências de lazer.

9 O LOOPING QUALIFICADO: UMA ALTERNATIVA PARA A VOLTA

Um fato muito interessante que foi sendo observado era o de que parte dos corredores entrevistados expressou que desejaria voltar a correr da forma que começou ou, pelo menos, de forma parecida, sem tanto esforço no sentido de intensidade, sem se envolver em certas responsabilidades e expectativas geradas dentro do grupo. Nesse aspecto de expectativa do grupo, as dinâmicas interacionais destacadas por Goffman (2009²⁷), especialmente ao tratar sobre como se definem as representações esperadas por cada membro do grupo ao interagir servem como referências básicas.

Dessa forma, entende-se que em muitas das vezes a saída do grupo torna-se a única alternativa identificada pelos corredores para desenvolverem suas carreiras fora da estrutura que se estabelece. Ou seja, pela estabilização dos papéis que os corredores representam no grupo, fica difícil que encontrem formas de mudar sua relação com os integrantes do grupo e, portanto, com suas atividades centrais. Esse é um ponto. E, o segundo é que essa “volta às origens” parece oferecer aos corredores uma alternativa de recomeçar, realizar as atividades de forma diferente, experimentar novas alternativas e seus resultados. Aqui, se estabelece a chance de não somente voltar ao início, mas voltar carregando uma bagagem cultural que qualifica o sujeito a entender melhor sua própria carreira, e de uma atitude decisória diante das possibilidades de caminhos a percorrer. Embora eu considere de antemão a existência de diversos limites na comparação, essa reflexão foi construída observando dados de outro estudo utilizando a PLS.

No estudo ao qual me refiro, foram observadas as carreiras de jogadores de *League of Legends*, um jogo online em rede (OLIVEIRA, 2015). Naquelas análises, ficava claro que os jogadores desenvolviam múltiplas carreiras “próprias”, cadastrando-se mais de uma vez, algo não autorizado pelos propositores do jogo, por exemplo. As justificativas para os jogadores era a de que conseguiam desenvolver habilidades diferenciadas e adquirir benefícios no “mundo online” depois de terem “errado bastante” no desenvolvimento de

²⁷ Referência original: GOFFMAN, Ervin. *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Doubleday, 1959.

suas primeiras carreiras. Respeitando-se os limites, é possível dizer que algo próximo aparece em relação às carreiras dos corredores.

A *volta*, ou *looping*, representa mais do que voltar e fazer as mesmas coisas e da mesma forma, até porque isso seria impossível na perspectiva adotada aqui. A experiência que passou deixa marcas e constituem o sujeito atual, assim, se ele volta, ele volta diferente, com valores, comportamentos e atitudes diferenciadas pelo etos no qual fez parte. Então, o *looping qualificado* é o movimento (processo) de voltar a um ponto da carreira em que o sujeito entende que pode recuperar algo da experiência que se perdeu por suas escolhas, contingências ou mesmo por circunstâncias restritivas e que o levaram a desenvolver um percurso que em sua avaliação poderia ser diferente.

Foi observado, por exemplo, que havia corredores que deixaram o grupo para desenvolverem-se em outros grupos. Esses outros grupos em sempre eram apenas de corrida, houve o caso, por exemplo, em que o grupo para o qual o corredor migrava era de triathlon. Nesse caso, o corredor já estava inserido no esporte de forma geral e já conhecia a cultura dos corredores, não sendo um completo estranho às culturas. Outro caso é o dos corredores que mudam de “tipo de corrida”. Nesses casos, os corredores mudam a distância da prova em que participam, o que pode significar um grande impacto em suas rotinas pelas mudanças que implicam em suas atividades centrais.

Mudar de uma prova de 5km, por exemplo, exige dos corredores mais tempo “rodando” e treinos, em geral, mais longos, o que acontece também inversamente. Além disso, há a questão das habilidades que precisam ser aprendidas ou aprimoradas para cada tipo de prova, o que coloca o sujeito em uma espécie de readaptação. Embora eu não tenha mais dados para aprofundar as relações entre a carreira e o envelhecimento nesse ponto, é possível dizer que o *looping qualificado* em destaque pode representar uma alternativa importante para colocar mais próximos dois elementos importantes na experiência de lazer: o que as pessoas querem fazer e o que faz sentirem-se realizadas.

O que fica pendente e que configuraria como relevante na seqüência de investigações a respeito da carreira e do envelhecimento seria, a meu ver, uma série de questões relativas à identificação dessa possibilidade por parte dos sujeitos das carreiras e dos educadores envolvidos nos cenários em que ela se desenvolve, e às condições que

precisam ser superadas para o acesso à essa possibilidade de retorno. Sendo um pouco mais ousado e otimista com os desdobramentos que tais investigações poderiam gerar, suspeito que entendendo o processo de *looping* qualificado pode-se esclarecer questões relacionadas a proposições de atividades e sua aderência e, ainda, desenvolver princípios para propostas relacionadas à reabilitação social. Especificamente com os corredores entrevistados que mencionaram a possibilidade de retornarem ao ponto localizado próximo ao do início de suas carreiras, segundo o modelo proposto, essa ainda era somente uma idéia. Não havia, por parte desses corredores uma definição de quando deveriam ou iriam processar o *looping*, mesmo aparentando considerar profundamente tal alternativa.

O *looping qualificado* poderia ser considerado entre as formas de manutenção de forma geral. Entretanto, ele está fora do conjunto de estratégias apresentadas na seção anterior por se apresentar como uma alternativa mais ampla, envolvendo o desenvolvimento das carreiras em diferentes áreas e como um todo. Ao mesmo tempo, esse conceito desenvolvido a partir desse estudo surge como uma proposta ainda não explorada nos estudos sobre as carreiras de lazer. A seguir, procuro uma síntese do modelo apresentado em suas relações, adicionando elementos que considere relevantes para as discussões que considerem as possibilidades de carreira, a educação e o envelhecimento.

10 O ENVELHECIMENTO E A CARREIRA DOS CORREDORES: UMA SÍNTESE DO MODELO E POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES COM A EDUCAÇÃO

O modelo de carreira que vem sendo desenvolvido ao longo do trabalho está sintetizado e apresentado em uma ilustração proposta aqui (APÊNDICE I). Trata-se de um modelo que, embora tenha suas estruturas definidas, representa caminhos possíveis identificados a partir da análise do lazer dos corredores do grupo. Na figura, é possível visualizar uma estrutura central composta por cinco momentos relevantes nas carreiras dos corredores. Cada um desses momentos está relacionado a características que vão desde as razões que os levaram a começar a correr, até estratégias que utilizam para manterem-se na carreira. É importante notar que, embora façam parte do modelo os dois primeiros momentos “Motivos para começar um exercício físico” e “Caminhada e trote – *dabbling com corrida*”, estes estariam, teoricamente, fora da carreira. Entretanto, dada a relevância desses momentos para os corredores e para o delineamento geral de suas carreiras, estes foram posicionados conforme o modelo.

Entre cada um desses momentos há uma seta que indica a passagem de um momento para outro. Há também em cada um desses momentos, setas que apontam para fora do modelo, indicando a possibilidade de que a carreira seja abandonada ou interrompida por fatores diversos. Nota-se ainda, em relação aos “cinco momentos” que, a partir do segundo momento, há uma estrutura que representa o mundo social ou *unique ethos* em que está posicionada a performance como um elemento-chave.

Na representação do contexto social, estão posicionados os três processos sócio-culturais que ocorrem relacionados à corrida, inicialmente destacados; e, o processo de envelhecimento. Isso representa o entendimento de que as carreiras delineadas e apresentadas no modelo têm como pano de fundo o envelhecimento dos corredores, as configurações do grupo de corrida e o contexto social maior, dentro do modelo se aproximam de diferentes formas à educação. Posicionado junto ao último momento representado no modelo gráfico, está uma seta que aponta para o início da carreira. Essa seta indica a expectativa que os corredores expressaram sobre seus futuros de voltar a correr

distâncias maiores, sem a mesma preocupação com o correr intensamente, mas sim buscando distâncias cada vez mais longas.

Em relação à interpretação dos corredores sobre os momentos marcantes de suas carreiras, sinteticamente, eles apresentam o choque como um elemento relevante e que representa uma mudança importante, em que estranham o “mundo das corridas”; depois de um tempo, eles passam a adaptar ao mundo e, com isso, se sentem mais confortáveis a ponto de sentirem-se gradualmente integrados com o novo mundo; e, logo após, começam a, além de lidar com os elementos do etos, participar na construção e manutenção de sentidos, inclusive moldando, dentro do possível os sentidos já existentes (Figura 3).

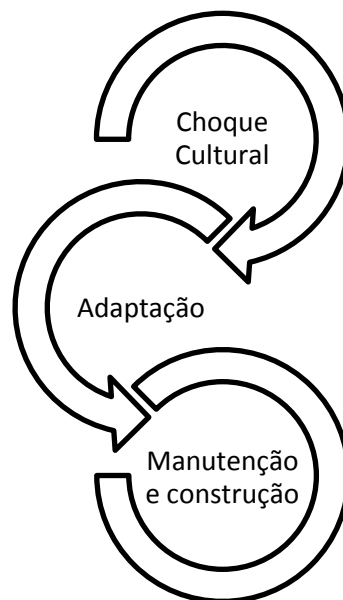


Figura 2- Três caracterizações dos momentos da carreira dos corredores.

O humor passa a ser um elementos comum que, juntamente com o processo de relativização, auxilia no desenvolvimento e manutenção da carreira, ajustando-a de acordo com a percepção dos corredores – especialmente em um grupo que tem a performance como foco. Nesse contexto, a carreira é interpretada através de uma lente constituída pelos parâmetros oficiais, dados por instituições da corrida (organizadores, associações, confederação, etc.); as realizações do corredor de forma concreta, ou seja, sua performance; e, os valores compartilhados pelo grupo.



Figura 3- Elementos que constituem a “lente” para a interpretação da carreira dos corredores.

Finalizando, uma seta indicando um possível retorno aos momentos iniciais, serve para sugerir o ponto que condiz com as formas com que os corredores dizem que querem voltar a lidar com a corrida – menos intensidade e maiores distâncias, sem altas cobranças – o que chamei de *looping qualificado*. Um dos questionamentos que surgiu durante a investigação foi se os momentos localizados no extremo oposto ao início da carreira, apresentados no modelo de carreira delineado, representariam o final da carreira. A resposta seria: sim. Sim, estes momentos representariam uma probabilidade maior da finalização da carreira. Porém, isso não quer dizer que esta representaria o final definitivo, embora possível, da carreira de lazer específica, pois o sujeito ainda teria outras opções de carreira, representados pelas possíveis mudanças de carreira indicadas. Ainda, sobre essa questão a respeito do final da carreira, uma interessante relação se dá entre o envelhecimento e os possíveis delineamentos da carreira dos corredores.

Olhando pelo lado da expectativa de vida, considera-se então que os sujeitos, nos seus mais de 45 anos de idade, estariam vivendo um período próximo ao que poderia ser considerada a segunda metade de suas vidas. Isso poderia sinalizar, a partir de concepções que vinculam o envelhecimento ao fim, um momento final da carreira, tanto na corrida, quanto em qualquer lazer ou atividade – como observado e contestado criticamente por

Stephenson (2010). Entretanto, o que acaba sendo evidente é que a carreira, no caso dos corredores e representada no modelo, é delineada a partir de possibilidades que se apresentam ao sujeito de viver momentos de aprendizagens, ou mesmo decidir por seu abandono – sem falar da possibilidade de ser impedido por continuar.

Na perspectiva da educação ao longo da vida, essa proposição poderia ser vista como uma possibilidade de progressiva aprendizagem por parte dos sujeitos, no sentido de que, ao longo de suas carreiras, aprendem a cada dia, a cada momento, mais. Os conteúdos das aprendizagens passam por elementos culturais específicos e pela aprendizagem de como viver o envelhecimento de forma que suas carreiras não sejam comprometidas, dentro dos parâmetros que constroem coletiva e individualmente. Adicionalmente, aqui cabe uma observação em relação ao modelo de carreira de que, de forma bastante original, a carreira de lazer na corrida delineada permite que os sujeitos escolham por voltar aos momentos iniciais identificados. Esse retorno seria uma retomada parcial das experiências realizadoras em suas memórias. Porém, uma característica importante dessa volta (indicada pela seta no modelo ilustrado) é o fato de já terem se apropriado dos conteúdos culturais básicos para circularem no etos da corrida. Essa característica, juntamente com as possibilidades já indicadas, apresenta vias de circulação que podem se configurar como importantes alternativas para dar conta das possíveis mudanças relacionadas ao envelhecimento dos corredores. Essas vias podem ser vistas em dimensões que abrangem a experiência de forma ampla e poderiam ser discutidas por diferentes disciplinas.

Os estudos do envelhecimento são caracterizados por sua interdisciplinaridade (DOLL, 2006, p.77) e visam “descrever e explicar mudanças típicas do processo de envelhecimento e seus determinantes genético-biológicos, psicológicos e socioculturais” (NERI, 2008, p.95). A interface entre educação e envelhecimento é reconhecida nos estudos do envelhecimento como gerontologia educacional. É nessa perspectiva que o presente trabalho se insere. Cachioni (2008) auxilia no entendimento da gerontologia educacional e de seus objetivos, concebendo-a em sua interdisciplinaridade como um campo “que se desenvolve no âmbito da educação dos idosos, da formação de recursos humanos para lidar com a velhice, e na mudança das perspectivas das sociedades em relação aos idosos e ao envelhecimento” (CACHIONI, 2008, p.92).

A primeira aproximação proposta se foca nas relações que há entre o lazer sério e as aprendizagens dos corredores e que estão dadas desde o conceito de lazer escolhido. Uma segunda aproximação dá ênfase ao lugar (tempo e espaço) em que as aprendizagens dos corredores acontecem. Em terceiro lugar, destaco a possibilidade de olhar a relação educativa a partir das relações entre gerações como forma de estabelecer a conexão entre o estudo e a educação em um sentido de interação coletiva do grupo. Já, a última aproximação considera as formulações do envelhecimento bem-sucedido, um conceito bastante conhecido na literatura gerontológica, que vai considerar uma aprendizagem que enfatiza elementos mais individuais que estão presentes no estudo. Ao final, apresento como, na minha forma de ver, a educação e o lazer sério se complementam na questão relacionada ao envelhecimento e a carreira. O ponto central a que pretendo chegar é que, com essas articulações, o modelo pode ser considerado revelador de facetas ainda pouco exploradas na interface entre o lazer e o envelhecimento.

Como pode ser visto em praticamente todo o trabalho, o aprender é um elemento importante nas atividades dos corredores. Precisam aprender a correr, incluindo as técnicas, os movimentos, o ritmo; precisam aprender a se comunicar e se relacionar com os outros corredores, dois aspectos que aparecem fortemente ligados ao humor. Enfim, os corredores participam de um grupo em que as atividades envolvidas na corrida se desenvolvem sobre a capacidade de aprendizagem que detém. Essa é uma característica que parece fundamental nas atividades do grupo e que, de certa forma, está contemplada na teoria do lazer sério, já apresentada: [a carreira de lazer está] “centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades, conhecimento e experiência específicos” (STEBBINS, 2008, p5). Embora pareça que a formulação tenha um foco bastante limitado no que diz respeito ao que se aprende é possível notar também o quanto ela se alinha com as proposições contemporâneas da educação.

Buscando uma proposição abrangente e consistente com o que penso a respeito do que entendo existir nas relações de aprendizagem que se estabelecem no grupo de corredores, encontro a definição de aprendizagem como “qualquer processo que, em organismos vivos, leve a uma mudança permanente em capacidades e que não se deva unicamente ao

amadurecimento biológico ou ao envelhecimento” (ILLERIS, 2007, p.07²⁸ *apud* ILLERIS, 2013, p.16). No caso da carreira, as habilidades, os conhecimentos e as experiências dos corredores podem representar parte das dimensões de suas aprendizagens. Illeris (2013) propôs um modelo de aprendizagem e desenvolvimento em que destaca três dimensões: a do conteúdo, que diz respeito ao que é aprendido; a do incentivo, que direciona a energia mental necessária ao processo de aprendizagem (e aqui eu adicionaria a energia corporal em geral, porque sem essa seria improvável experimentar algumas aprendizagens na corrida); e, a dimensão da interação, que propicia os impulsos que dão início ao processo de aprendizagem.

Com as “habilidades e conhecimento”, a dimensão do conteúdo é contemplada em parte, assim como a “experiência” dá conta de parte da interação. A dimensão do conteúdo envolve mais do que habilidades e conhecimento, envolve os significados, as posturas, os valores, etc. Estes, embora não apareçam na definição do lazer sério, acabam aparecendo nos elementos que distinguem o lazer sério. Esse primeiro movimento de aproximação faz questionar sobre se, comparando os tipos de lazer, poderíamos dizer que um lazer desse tipo “sério” traria benefícios em uma amplitude maior aos seus praticantes no sentido da aprendizagem.

A segunda aproximação se fundamenta no entendimento de que a carreira dos corredores faz sentido na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida ou *Lifelong learning*. Nessa perspectiva, a aprendizagem formal, encontrada nas instituições de ensino, é acrescida de duas outras formas. Assim, considera-se a existência de três formas básicas de aprendizagem, quanto ao seu contexto:

Aprendizagem formal: decorre em instituições de ensino e formação e conduz a diplomas e qualificações reconhecidos.

Aprendizagem não-formal: decorre em paralelo aos sistemas de ensino e formação e não conduz, necessariamente, a certificados formais. A aprendizagem não-formal pode ocorrer no local de trabalho e através de atividades de organizações ou grupos da sociedade civil (organizações de juventude, sindicatos e partidos políticos). Pode ainda ser ministrada através de organizações ou serviços criados em complemento aos sistemas

²⁸ ILLERIS, Knud. How we learn: learning and non-learning in School and beyond. London/New York: Routledge, 2007.

convencionais (aulas de arte, música e desporto ou ensino privado de preparação para exames).

Aprendizagem informal: é um acompanhamento natural da vida quotidiana. Contrariamente à aprendizagem formal e não-formal, este tipo de aprendizagem não é necessariamente intencional e, como tal, pode não ser reconhecida, mesmo pelos próprios indivíduos, como enriquecimento dos seus conhecimentos e aptidões. (CCE, 2000, p.09).

Essa perspectiva, especialmente na definição das duas últimas formas de aprendizagem, permite pensar que os corredores participam de um contexto em que aprendem. Mais do que isso, enfatizam o fato de que os processos de aprendizagem, componente importante da educação, acontecem continuamente em contextos como os do lazer. Stigger (2009) sustenta tal idéia, afirmando que:

Por meio delas [das atividades de lazer] e ao participarem dos processos de socialização, as pessoas sempre se educam. Refiro-me aqui à educação em diferentes sentidos: um processo que ocorre na vida cotidiana, não ligado apenas à dimensão formal das aprendizagens; um processo que não está desvinculado de dimensões mais amplas da realidade social, mas que não é determinado por elas; e um processo permeado por relações de poder, que envolve conflitos e contradições e que acontece em qualquer direção. (STIGGER, 2009, p. 86).

Dessa forma, o contexto cotidiano no qual a carreira se desenvolve pode ser entendido como parte importante das aprendizagens dos corredores. Além disso, essa forma de olhar enfatiza os aspectos culturais das aprendizagens que foram descritas ao longo do trabalho.

Há ainda uma forma complementar de aproximar o modelo de carreira dos corredores, tanto no sentido da questão de considerar o desenvolvimento da carreira como um processo de aprendizagem, quanto no de que a carreira se delineia em um espaço de aprendizagem por excelência. Isso pode ser entendido como o que Ferrigno (2003) chamou de “co-educação entre gerações”, considerando as dinâmicas de aprendizagem que se potencializam nos espaços em que diferentes gerações compartilham e atuam conjuntamente. Esse é um tema que, na área do esporte e, especialmente do lazer, raramente tem sido abordado e que certamente poderia contribuir para o entendimento da educação e lazer não só relacionada ao envelhecimento, mas à todas as gerações. Aqui, o termo geração é tomado em sua acepção histórica e sociológica que serve para designar

“um conjunto de pessoas que nasceram, mais ou menos, na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural” (FORQUIN, 2003, p.3).

Uma das aprendizagens que foi observada entre as gerações, relacionada ao envelhecimento dos sujeitos, foi representada de forma significativa por um corredor para quem o colega corredor mais velho era como um espelho que o motivava a manter sua carreira: “eu quero ser você amanhã”, dizia ele ao colega. O entendimento do corredor mais novo era o de que “correndo da mesma forma” que o colega, poderia alcançar o mesmo envelhecimento. Se, em parte, os corredores mais velhos sentiam-se orgulhosos por serem vistos como exemplos, ao mesmo tempo, os comentários dos próprios sujeitos sobre sua percepção do próprio envelhecimento expressavam ambiguidades. O envelhecimento nas entrevistas é “horrível”, e é necessário “não olhar por esse lado”, negando a parte ruim do envelhecimento, na perspectiva dos corredores.

Outra aprendizagem apareceu de maneira recorrente nas reflexões que os corredores apresentavam quando falavam a respeito de seu relacionamento com os colegas do grupo. Essa aprendizagem estava relacionada a uma espécie de mistura entre reconhecimento, admiração e incerteza que acabava levando a um certo equilíbrio nas relações entre as gerações do grupo. Acontece que, por várias vezes, corredores comentavam a admiração que tinham pelos mais velhos – mesmo aqueles com mais de 45 anos que já eram considerados mais velhos pelos que tinham por volta de 20 anos. Nesses comentários, os corredores reconheciam que a trajetória que os corredores mais velhos haviam realizado estava dada, quem ainda estava por realizar uma possível trajetória eram eles, os mais novos. Assim, os corredores mais novos olhavam para o seu futuro com um grau de incerteza, porém formulavam planos para evitar alguns delineamentos que observavam na carreira dos mais velhos e não desejavam para si.

Uma última aprendizagem que gostaria de destacar dentro da educação entre as gerações tem a ver com o que poderia ser visto de certa forma com um movimento no sentido de romper com a figura de envelhecimento estabelecida na sociedade em geral e, ao mesmo tempo, de fugir dessa figura. Ao correrem com os mais novos e realizarem “coisas que não esperam” deles, os corredores mais velhos sentem-se no direito de considerados

diferentes. Isso, porque parte dos corredores considera o fato de estar passando pelo envelhecimento “algo que está errado, que não deveria estar acontecendo [com eles]”, que se expressa em suas declarações sobre dificuldades lidar com o seu corpo velho. E, no âmbito social, o conceito de envelhecimento deveria ser revisto pelas pessoas que os chamam de velhos, já que têm características comportamentais e emocionais que os tornam inadequados à “classe dos velhos”. Ainda, se consideram superiores ao que se espera para os velhos, comportamental e fisicamente falando. Por fim, uma última aproximação que proponho está relacionada ao conceito de “envelhecimento bem-sucedido” e, considerando a ênfase do trabalho sobre o envelhecimento, serei menos breve nessa construção.

O conceito de envelhecimento bem-sucedido tem sido há décadas um elemento central nas discussões do envelhecimento. Esse conceito é considerado por estudiosos do envelhecimento como um dos mais populares na literatura gerontológica dos últimos anos. Entretanto, não há consenso sobre o que significa “bem-sucedido” em relação ao “envelhecimento” e, além disso, autores utilizam quadros teóricos diferentes para interpretar essa relação (BOWLING, 2007; VILLAR, 2012).

No trabalho de Bowling & Dieppe (2005), os autores discutem os modelos de “envelhecimento bem-sucedido” das ciências sociais, psicológicas e médicas, identificando abordagens psicossociais, biomédicas e a combinação dessas duas (BOWLING & DIEPPE, 2005, p.1548). Bowling (2007) identifica em sua análise da literatura científica de três disciplinas (medicina, psicologia e sociologia) as definições do “envelhecimento bem-sucedido”. Suas análises sugerem que, enquanto as próprias pessoas que envelhecem consideram experimentar um “envelhecimento bem-sucedido”, os modelos biomédicos tradicionais não fazem isso. É difícil encontrar produções científicas que explorem as visões leigas de pessoas velhas sobre o “envelhecimento bem-sucedido” (BOWLING, 2007).

No mesmo estudo, Bowling (2007) afirma que o modelo de “envelhecimento bem-sucedido” precisa ser multidimensional, contemplar as perspectivas dos velhos sobre ele para obter uma significância social, considerar um “continuum” no lugar de dicotomias entre sucesso e não-sucesso, e distinguir claramente entre variáveis constituintes e preditoras de um “envelhecimento bem-sucedido” (BOWLING, 2007, p.263).

Ainda, um trabalho de Villar (2012), analisa as contribuições do envelhecimento bem-sucedido. Em sua revisão inicial sobre os diferentes estudos que buscam definir o “envelhecimento bem-sucedido”, propõe que eles sejam divididos em dois grupos principais:

(a) modelos que definem o “envelhecimento bem-sucedido” como obtenção (ou manutenção) de uma condição específica nas décadas finais da vida; desse ponto de vista, o “bem-sucedido” é um resultado e, de forma coerente, é o elemento-chave para identificar que critérios são seus indicadores na velhice e como são justificados; e, (b) modelos que concebem o “envelhecimento bem-sucedido” não como um resultado, mas em termos do envolvimento em processos que capacitam o indivíduo a se adaptar às mudanças e (mais ameaçadoras) condições que surgem com a idade, minimizando assim as perdas e maximizando os ganhos (VILLAR, 2012, p.1088-1089, tradução minha).

Esse ponto de vista oferecido por Villar (2012) auxilia na contextualização do estudo sobre a carreira dos corredores entre as produções sobre o envelhecimento. De foram coerente com o que foi dito anteriormente a respeito da aprendizagem ao longo da vida, o presente estudo poderia ser posicionado entre os que consideram o envelhecimento como um processo que envolve adaptações às mudanças e condições relacionadas à idade. Esse modelo é proposto a partir das chamadas “teorias de life-span”. Essas teorias se originam das ciências sociais e do comportamento, contextualizando o envelhecimento dentro de um amplo processo de desenvolvimento ao longo da vida, no qual coexistem perdas e ganhos. Nesse sentido, perdas e ganhos estão presentes ao longo de toda a vida e o que se altera é a relação de equilíbrio entre eles, particularmente nos últimos anos de vida (VILLAR, 2012, p.1091).

Para entender o processo de desenvolvimento ao longo da vida em que se insere o envelhecimento, é necessário redefinir essa noção. Distante da visão tradicional e desenvolvimento, restrita a considera-lo apenas como ganhos e crescimento, uma visão mais ampla inclui dois objetivos mais amplos: manutenção da condição atual em situações de risco, e controle de perdas e prejuízos quando o declínio é irreversível. Esses dois aspectos, manutenção e controle, tornam-se particularmente importantes a partir da segunda metade da vida, quando a experiência de ganhos diminui e as perdas tornam-se mais proeminentes (VILLAR, 2012, p.1091).

No contexto das “teorias de life-span”, experimentar o “envelhecimento bem-sucedido” significa “iniciar processos adaptativos a fim de maximizar a probabilidade de obter novos ganhos e minimizar a experiência de perdas, mantendo assim as condições que o indivíduo considera como satisfatórias e evitando efeitos prejudiciais da perda quando essa é inevitável” (VILLAR, 2012, p.1091). Além do olhar mais amplo, as “teorias de life-span” se diferenciam de outras ao especificar que processos adaptativos são relevantes e como eles funcionam (BOERNER & JOOP, 2007).

Talvez, um dos modelos mais influentes dentro das “teorias de life-span” seja o modelo conhecido como de “seleção, otimização e compensação”, ou modelo “SOC”. Esse modelo, proposto por Baltes & Baltes (1990) concebe o “envelhecimento bem-sucedido” como a combinação e aplicação coordenada de três processos que capacitam o indivíduo a utilizar total e efetivamente de seus recursos de desenvolvimento. Esses três processos são: (1) seleção, referente ao concentra-se em objetivos e percursos de desenvolvimento, deixando outros de lado; (2) otimização, ou empenho em adquirir ou incrementar os recursos requeridos para alcançar altos níveis funcionais; e (3) compensação, ou esforços em manter um nível funcional quando recursos disponíveis anteriormente se perdem.

Na proposta de Baltes & Baltes (1990), o indivíduo é posicionado como aquele que influencia ativamente sobre seu próprio curso de desenvolvimento, estabelecendo suas metas, planejando e executando ações ao seu alcance. Assim, os três processos, “seleção, otimização e compensação”, funcionam como geradores de desenvolvimento ao longo do envelhecimento da pessoa, direcionando seus esforços, sustentando seu nível funcional e regulando suas perdas (VILLAR, 2012, p.1092).

O “modelo SOC” (BALTES & BALTES, 1990) trata do funcionamento do self, considerando-o como agente central das decisões e gerenciador dos recursos disponíveis. Seu funcionamento visa manter o equilíbrio entre ganhos e perdas com a máxima eficiência, de acordo com os objetivos que as pessoas estabeleceram para si próprias em cada momento de suas vidas. Essa máxima eficiência alcançada através da aplicação dos processos de “seleção, otimização e compensação” (BALTES & BALTES, 1990) tem sido associada a “níveis ótimos de bem-estar e satisfação de vida” (VILLAR, 2012, p. 1092).

Ao contrário do famoso modelo de “envelhecimento bem-sucedido” por Rowe & Kahn (1987; 1998)²⁹, o modelo SOC não identifica critérios universais, antes, dá ênfase na capacidade individual de adaptação. Assim como outras “teorias de life-span”, esse modelo é capaz de contemplar diferentes trajetórias de vida que poderiam ser consideradas “bem-sucedidas”, levando em conta os objetivos pessoais e desenvolvimento, as mudanças de sentidos que as pessoas dão para alcançá-las e as restrições que as pessoas enfrentam diante de seu envelhecimento (VILLAR, 2012, p.1092-1093). Uma das mais importantes contribuições do “modelo SOC” é a ligação que faz entre envelhecimento e desenvolvimento. Embora o desenvolvimento seja visto de forma bastante ampla, compreendendo não apenas os ganhos, mas também a manutenção e regulação de perdas, o vínculo entre envelhecimento e desenvolvimento permite considerar o crescimento como parte do envelhecimento. Dessa forma, o modelo oferece uma visão integrada do curso de vida e nele o “envelhecimento bem-sucedido” passa a ser somente uma instância de um amplo processo global de desenvolvimento bem-sucedido (VILLAR, 2012, p.1093).

Entretanto, esse modelo ignora a natureza de atuação do indivíduo, com capacidade de tirar lições a partir das perdas e ganhos, aprender a viver em situações desagradáveis ou estabelecer objetivos pessoais de desenvolvimento e agir a fim de atingi-los (VILLAR, 2012). De forma oposta, o caso estudo da carreira dos corredores pode ser visto como um estudo que considera a capacidade de os indivíduos aprenderem por sua interação com o grupo, tendo seu “envelhecimento bem-sucedido” não posicionado como uma condição ideal ao final da vida, mas sim dentro das condições culturais em que os corredores envelhecem que por sua vez influenciam em sua percepção subjetiva de envelhecimento.

Embora o modelo SOC apresente essas limitações apresentadas, ele serve aqui como uma forma de inserir a discussão da carreira de lazer e envelhecimento a partir de um conceito já bastante familiar na gerontologia. Dentre os raros estudos relacionados ao envelhecimento e o SOC no meio esportivo brasileiro, os estudos que Almeida produziu juntamente com seus colegas se destacam (ALMEIDA, 2008; 2011; ALMEIDA *et al.*, 2013).

²⁹ No modelo de Rowe & Kahn (1999, p.38), o envelhecimento bem-sucedido é definido pela habilidade do indivíduo de manter três comportamentos ou características chave: (1) baixo risco de doenças ou incapacidades relacionadas à doença, (2) alta funcionalidade mental e física, (3) engajamento ativo com a vida.

Almeida (2008) traz uma importante contribuição ao se focar nas tensões existentes entre as expectativas de sujeitos que praticavam a corrida de rua e suas capacidades reais diante das perdas ocorridas ao longo dos últimos anos. Sua abordagem se baseou em dados coletados através do “Inventário SOC”, aplicado a 83 atletas com idades entre 43 e 78 anos.

O “Inventário SOC”, ou apenas “SOC”, é um instrumento multimetodológico, proposto por Baltes e seus colegas (BALTES, BALTES, FREUND & LANG, 1999), que visa produzir e tornar operacionais dados relacionados aos processos de desenvolvimento adaptativo (seleção, otimização e compensação). Almeida, Stobaus & Resende (2013) foram os responsáveis pela adaptação transcultural do SOC para aplicação a idosos, depois de uma consistente trajetória de estudos sobre os corredores máster. Almeida (2008; 2011) relacionou o conceito de envelhecimento bem-sucedido com os diferentes tipos de aprendizagens que identificou. Em sua análise, essas aprendizagens dos corredores “garantiram desenvolvimento pessoal e no esporte e os auxiliaram em atividades cotidianas” (ALMEIDA, 2011, p.233). Dessa forma, Almeida (2008; 2011; et al., 2013) contribuiu de maneira significativa, aproximando o conceito de envelhecimento bem-sucedido ao de aprendizagens, uma das interfaces possíveis já mencionadas entre a educação e os estudos do envelhecimento.

Ainda sobre a educação, Knowles (1975) propõe o conceito de “self-directed learning”, ou “educação auto-dirigida”, que definiu como um processo

em que os indivíduos, sem a ajuda de outros, tomam a iniciativa de identificar suas necessidades de aprendizagem, formulando objetivos, identificando recursos materiais e humanos, escolhendo e implementando estratégias apropriadas de aprendizagem, e avaliando os retornos da aprendizagem. (KNOWLES, 1975, p.18).

O mesmo autor formula cinco pressupostos que constituem o que chamou de modelo andragógico de Knowles (1975; *et al.* 2005), indicando aspectos importantes para serem levados em conta por educadores e aprendizes: 1) a necessidade de conhecer; 2) o auto-conceito do aprendiz; 3) o papel das experiências dos aprendizes; 4) prontidão para aprender; 5) orientação à aprendizagem; 6) motivação. Com esse pressupostos em mente, é possível articular o modelo SOC de Baltes & Baltes (1990) com o self-directed learning.

O primeiro pressuposto, referente à presença de uma “necessidade de conhecer”, parece fazer bastante sentido no momento em que o “atividade central” dos corredores envolve a necessidade de aprender, especialmente olhando para o desenvolvimento de suas carreiras de lazer. A escolha da atividade e a decisão gradual de manterem-se na atividade de lazer que escolheram (ou seja, de desenvolver uma carreira), passa pela avaliação dos benefícios e conseqüências que as aprendizagens relacionadas ao lazer podem ter sobre a experiência dos corredores, como previsto no Modelo de Knowles (1975; *et al.* 2005). Os pressupostos “motivação” e o “auto-conceito do aprendiz”, ambos relacionados a aspectos que podem ser bem entendidos na PLS, se forem vistos como correspondentes aos benefícios duráveis.

Os conhecimentos envolvidos no lazer sério dos corredores geram a necessidade de cuidados pessoais em relação à continuidade na atividade. Isso pode ser visto, por exemplo, no trabalho de Almeida (2011), em que identifica uma série de aprendizagens que incluem aprendizagens que beneficiam a vida profissional, aprendizagens relacionadas ao convívio social, conviver com situações adversas e superá-las, e aprender sobre o esporte. Paralelamente, a avaliação sobre esses conhecimentos passa por atualizações constantes (ao longo da vida) em seus parâmetros avaliativos, incluindo as condições de vida dos sujeitos, suas possibilidades físicas e restrições, além de suas características emocionais.

Diante do processo de envelhecimento, essas atualizações de parâmetros envolvem configurações diferentes e demandam que, por parte dos sujeitos, sejam incluídos novos elementos avaliativos. No caso dos corredores, a avaliação de suas condições físicas e emocionais, e inclusive financeiras, é refeita de tempos em tempos. Na investigação, um dado interessante, é o de que foi possível notar que havia momentos de “reavaliações da carreira”. Essas “reavaliações” faziam parte das descrições dos corredores sobre suas trajetórias e pontuavam momentos dramáticos em que perceberam suas carreiras ameaçadas por possibilidades de desvio ou mesmo de serem encerradas. Eram momentos em que precisavam decidir por uma ou outra atividade, decidir a intensidade de envolvimento que poderiam ter, entre outras decisões e, também, momentos em que se sentiram inseguros ou angustiados com as conseqüências que uma lesão poderia ter sobre a continuidade na atividade.

E, por último, mas com bastante significância, a “reavaliação da carreira” aparecia como um momento que precedia um resultado que consideravam discrepante, especialmente em relação ao desenvolvimento da “atividade central” cotidiana. Essa reavaliação passava pela análise da atividade central desenvolvida anteriormente ao “evento provocador” (corrida) da reavaliação. A investigação proporcionou um novo momento de reavaliação que se constituiu quando os corredores entrevistados, ao contar suas histórias de corredores, passavam a re-avaliar suas carreiras (“Tu sabes, que eu nunca tinha pensado nisso. Foi minha melhor fase aquela.”). Esse é um dado que se aproxima muito do que Stebbins (1990) já destacou sobre a carreira.

Olhando para esses aspectos destacados, é possível perceber conteúdos para o SOC de Baltes & Baltes (1990), como a seleção de provas de corrida, considerando suas características, como distância, por exemplo, que irá influenciar na intensidade em que o corredor deverá percorrer a prova; a otimização, que se expressa na ênfase dos corredores em aspectos específicos da atividade central, como o treino de musculação, por exemplo; e, a compensação que vai se evidenciar como um resultado dessas escolhas dos sujeitos diante das configurações de suas condições. Além disso, os possíveis movimentos dentro da carreira apontam para esses conteúdos. Aqui, a “aprendizagem auto-dirigida (self-directed learning)” aparece ao longo de toda a carreira, como um elemento processual contínuo que envolve, nesse primeiro aspecto tratado, a decisão por aprender a lidar com essas atualizações a partir de estratégias explicadas pelo modelo SOC.

O segundo pressuposto de Knowles, “o auto-conceito do aprendiz”, também faz bastante sentido aqui e pode ser aproximado dos conceitos de “personal agency” e “auto-eficácia”, discutidos em sua relação por Bandura (1990). Bandura (1990) considera que o auto-conceito dos adultos, em geral, é o de que eles são responsáveis por si mesmos, por suas próprias vidas, valorizando o serem vistos e tratados pelos outros como capazes de orientarem a si mesmos. No contexto das corridas, a percepção por parte dos corredores de que eles são os principais atores no desenvolvimento de suas carreiras se destacava. Uma fala bastante marcante e repetida por eles era a de que “quando eu quero alguma coisa, eu vou atrás”, mostrando como se posicionam diante de suas vidas.

Baseado nessas formulações, tanto de Knowles (1975; *et al.* 2005), posso dizer que vejo o modelo SOC, relacionado ao envelhecimento bem-sucedido, como uma forma de explicar a operacionalização de processos, como os da auto-eficácia e outros relacionados ao “personal agency”. Em outras palavras e mais detalhadamente, vejo que o modelo de Knowles (1975; *et al.* 2005) esclarece como é possível conceber a existência de uma experiência significativa e importante para os corredores no lazer sério, enquanto o SOC explica como os corredores manejam com os eventos diretamente relacionados à sua atividade central (selecionando, otimizando e compensando) e a “personal agency” explica porque isso é importante e benéfico para eles. Assim, os três conceitos podem ser relacionados de forma complementar. Porém, não poderia deixar de destacar que, no meu entendimento, é o conceito de lazer sério que acaba gerando a identificação de conteúdos do “envelhecimento bem-sucedido”, uma lacuna apontada por Villar (2012) ao discutir este conceito. Isso ocorre no momento em que o lazer sério esclarece o que é concretamente manejado pelos corredores no SOC e na aprendizagem em geral, como foi possível ver na aproximação entre a carreira e as experiências dos corredores apresentada aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A PLS, especialmente em relação ao “lazer sério”, oferece uma forma de olhar para as atividades, realizadas com compromisso e de forma sistemática, envolvendo suas configurações de forma interdisciplinar. Em outras palavras, o conceito de “lazer sério” coloca mais próximas as características das atividades que têm sido discutidas por diferentes áreas de conhecimento, promovendo uma articulação conceitual entre elas. Essa forma de conceber o lazer, embora coloque essas diferentes dimensões em discussão, apresenta uma característica que, no meu entendimento, é fundamental para sua compreensão: as dimensões de lazer, aqui entendidas como “as qualidades distintivas do lazer sério”, que podem ser vistas como representadas no conceito na “aquisição e expressão de uma série de habilidades, conhecimentos e experiência especiais”, essas dimensões giram em torno do desenvolvimento da carreira.

A forma como a fundamentação teórica é apresentada pode levar os leitores ao entendimento de que a exploração tomou em primeiro lugar a PLS para depois adequá-la ao grupo de corredores. O que houve foi que, na realidade, o elemento disparador para os estudos que iniciaram em 2008 era a observação do compromisso na realização da corrida. Naquele momento, não entendia que as atividades envolvidas poderiam ser entendidas como de lazer, por suas características que tinham o compromisso como fundamentais. Assim, o “lazer sério” foi utilizado como forma de estruturar as primeiras descobertas a respeito do grupo observado. Mais tarde, houve o interesse em aprofundar no entendimento da carreira e, assim, manteve-se a estrutura proposta no modelo da PLS.

Entendendo-o assim, construiu-se o pressuposto de que a carreira seria um aspecto central também na experiência dos corredores e, ao rever os dados que haviam sido produzidos durante a pesquisa do mestrado, percebeu-se sua relevância nesse sentido. Por isso, o conceito de carreira recebeu um espaço amplo na apresentação da tese, não apenas valorizando o que há de produção acadêmica sobre ele, mas também colocando-a à disposição de futuros interessados. Além disso, há pelo menos três razões importantes para

seu destaque. A primeira, é que foram identificadas poucas produções em língua portuguesa que estivessem próximas ao estudo, e considerou-se que, pela pouca evidência da “carreira” nos campos das áreas possivelmente interessadas no assunto da tese (educação física, educação, gerontologia, sociologia, por exemplo), havia necessidade de esclarecer os caminhos por onde sua concepção atravessa. A segunda razão se deve ao fato de que as publicações em torno da carreira nem sempre estão disponíveis, mesmo para pesquisadores e estudantes em universidades de alto desempenho acadêmico. Esse fato une-se à última razão que refere-se ao fato de que as publicações, atuais e clássicas sobre a carreira estão em inglês, restringindo seu acesso.

A carreira de lazer, no estudo aqui apresentado, trata da história dos praticantes das atividades, os caminhos que percorreram, suas marcas, suas realizações, seus momentos bons e ruins, os fatos marcantes que mudaram suas vidas e que fazem com que sintam-se realizados e completos a partir do envolvimento sério com a atividade. O que é particularmente importante aqui é o fato de que o envelhecimento dos corredores, visto como um processo que ocorre ao longo de suas vidas, se relaciona intensamente com suas atividades (atividade central) de lazer sério e, ao influenciar em suas carreiras, gera processos em que precisam aprender a lidar com as configurações sociais em que participam, especialmente diante das mudanças contínuas que acontecem em dimensões físicas, emocionais e culturais. Embora suas carreiras gerem esse senso de realização pessoal, em muitas das vezes não é possível que ela seja percebida por eles em sua atualidade. Um dos corredores, por exemplo, se deu conta de que havia momentos pelos quais passou que ele poderia considerar como seu “melhor momento”, reconhecendo, porém, que na época nem havia passado por sua cabeça que aqueles seriam “o melhor momento” de sua carreira até ali. O termo “sério”, colocado anteriormente representa não só a dedicação e o compromisso que os praticantes do lazer empenham em torno de suas atividades, mas também representa o envolvimento de forma sistemática com as atividades, tida como necessária para o desenvolvimento de seus praticantes.

A investigação com o grupo de corredores leva a entender o envelhecimento como um processo que é beneficiado, mesmo que não intencionalmente, pelo desenvolvimento da carreira de lazer sério. Dentro de uma complexa configuração de elementos, os sujeitos se tornam realizados por assumirem de forma responsável e satisfatória o desempenho de seus

papéis no mundo social específico em que participam. A questão de serem realizados se expressa na satisfação que demonstram não só ao atingirem seus objetivos, mas especialmente ao realizarem as ações que consideram necessárias para isso, utilizando os recursos que reconhecem como acessíveis.

Em uma perspectiva que enfatiza o desenvolvimento ao longo da vida, é possível perceber que os corredores em suas narrativas consideram importante viver a vida com autonomia, decidindo o que é melhor pra si e buscando soluções para situações problemáticas. Eles escolhem, dentro de suas limitações, modificam conceitos e aprendem a viver em um grupo que tem suas peculiaridades. Esse posicionamento que aparece em todas as entrevistas faz pensar sobre o quanto o envelhecimento dos corredores é parte de uma forma de levar a vida e serve como lente para suas interpretações sobre si e sobre o grupo. Enquanto parte do público, por exemplo, interpreta como algo surpreendente o fato de um corredor em idades avançadas terminar uma maratona, para ele mesmo essa realização é mero resultado de mais um enfrentamento com que se deparou ao longo de sua vida.

Os motivos apontados pelos corredores para explicar o que os levou a abandonar a prática do futebol, por exemplo, e manterem-se apenas na corrida vai nesse sentido. Os corredores deixam de jogar futebol, sua atividade anterior, porque em certo ponto de suas vidas o balanço entre seus benefícios (sociais, reconhecimento; emocionais, auto-estima, auto-eficácia; e, físicos, aptidão, boa forma) e prejuízos percebidos (sociais, aborrecimentos; emocionais, baixa auto-estima, baixa auto-eficácia; físicos, lesões) não são mais vistos como dignos em comparação ao mesmo balanço na corrida. A corrida surge como uma alternativa excelente de uma forma inesperada.

O desenvolvimento de uma carreira na corrida, embora não fosse prevista, passa a ser um objetivo a partir dos primeiros contatos com sua prática. Os corredores ainda inexperientes passam a buscar desenvolver-se, tendo nesse momento inicial a busca pelo aumento de sua capacidade de resistência. Assim, realizam-se a partir das distâncias cada vez mais longas que conseguem percorrer. Com a primeira participação em provas de corrida, a história dos corredores recebe uma primeira marca, que por eles é lembrada com muito orgulho. Essa marca representa seus primeiros contatos com o mundo da corrida e sua inserção nesse novo contexto no qual passaram a participar ativamente.

Mesmo sendo um mundo muito desejado pelos corredores, seus desafios não terminaram por ali e, assim, precisaram desenvolver formas para lidar com isso. Entre os desafios, seu próprio envelhecimento que, em suas próprias interpretações, segue contrário ao sentido em que deveria ir para dar conta de suas necessidades como corredores. Assim, diferentes elementos de sentido passam a operar no grupo em que os corredores participam. O humor e a ironia, por exemplo, são dois componentes importantes na experiência de lazer dos corredores do grupo de corridas de rua analisado. Para os corredores, as maneiras como expressam esses dois componentes nas realizações do lazer são reconhecidas como “brincadeiras”. Essas “brincadeiras” são recorrentes tanto em sua expressão prática, durante as corridas e treinamentos observados, quando nas respostas e comportamentos dos corredores quando entrevistados formalmente.

Embora o humor e a ironia apareçam de forma geral no espaço de lazer dos corredores, nossas observações indicam que eles realizam funções importantes na experiência de lazer. De forma geral, o humor é parte da cultura do grupo e, especificamente é assumido como um comportamento cultivado diariamente para afastar os corredores de imagens estereotipadas da velhice. Além disso, servem para ajudar a lidar com tensões e assuntos delicados como o próprio envelhecimento. Diretamente relacionados com o lazer, o humor e a ironia servem como instrumentos para remodelar o envelhecimento conformando-o ao aceitável ou, pelo menos tolerável, quando já não é possível negá-lo totalmente. Por fim, as “brincadeiras” podem ser uma forma que os corredores usam para criticar o que se pensa e fala sobre o envelhecimento.

Esses elementos fazem parte da construção do modelo em que a carreira dos corredores foi delineada e, visando uma aproximação inicial às discussões da educação, aproximado a aspectos da aprendizagem. O primeiro aspecto foi relacionado à premissa de que a carreira é, por si só, um processo constituído pela aprendizagem, enfocando, inicialmente as habilidades, capacidades, conhecimento e experiência específicos das atividades envolvidas no lazer sério. O segundo, foi a questão de aprender ao longo da vida em um espaço não-formal, reconhecendo que o espaço de lazer é um espaço de educação por excelência. Esse segundo aspecto é complementado pela questão da ocorrência de uma potente educação intergeracional.

O grupo é constituído por diferentes gerações e suas relações educativas foram evidentes, especialmente quando se voltavam conjuntamente para o desenvolvimento das atividades do lazer sério. Por fim, o último aspecto destacado foi o de haver uma relação entre o que foi explorado e o conceito de “envelhecimento bem-sucedido”. Aqui, o modelo SOC ajudou a aproximar os dados apresentados a um dos conceitos mais familiares dos estudos envolvendo o envelhecimento, a educação e mais uma série de disciplinas.

Existe uma carência de estudos que relacionem o lazer com essas características de ser levado de forma comprometida e o percurso da pessoa nele, mesmo que em níveis diversos, e o envelhecimento das pessoas. Acredito que o presente estudo gera diferentes provocações ao leitor. Aos estudiosos do lazer, da educação e do envelhecimento, questões relacionadas aos limites e outras possibilidades conceituais podem surgir. De qualquer forma, fica destacada a idéia de que o lazer é uma dimensão importante da vida e que, aqui, ele se mostra em uma de suas variadas formas de manifestação, sendo um meio de realização pessoal e de orientação da vida – e do envelhecimento.

REFERÊNCIAS

ADLER, Patricia A.; ADLER, Peter. Observational techniques. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Eds.). **Handbook of qualitative research** (pp. 377–392). London: Sage, 1994.

AGGERHOLM, Kenneth; RONGLAN, Lars Tore. Having The Last Laugh: the value of humour in invasion games. **Sport, Ethics and Philosophy**, v. 6, n. 3, p. 336-352, 2012.

ALMEIDA, Sionara Tamanini de. Envelhecimento bem-sucedido e as aprendizagens no esporte competitivo: uma forma de adaptação de atletas que praticam corrida. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 14, n. 2, p. 233-239, Rio de Janeiro, 2011.

ALMEIDA, Sionara Tamanini de. **Envelhecimento do atleta**: a dinâmica entre perdas e ganhos e suas aprendizagens na prática do esporte. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

ALMEIDA, Sionara Tamanini de; STOBÄUS, Claus Dieter; RESENDE, Thais de Lima. Cross-cultural adaptation of the Selection, Optimization and Compensation questionnaire (SOC) for application to the elderly. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 16, n. 2, p. 221-237, 2013.

ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. Procurando superar a modelização de um modo de envelhecer. **Movimento**. v. 10, n. 2, 2004.

ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BANDEIRA, Denise Ruschel. O conceito de *coping*: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia** 2000, 5(1), 287-312 1998, 3(2), pp. 273-294.

ARAI, Susan; PEDLAR, Alison. Moving beyond individualism in leisure theory: a critical analysis of concepts of community and social engagement. **Leisure Studies**. v.22 p.185–202, 2003.

ARAÚJO, Nelton. O Primeiro Boom de Corridas no Brasil: parte 1 - 1979-1991. **Contra-relógio**: leia e corra. Edição 264. Setembro, 2015a. Disponível em: <http://revistacontrarelogio.com.br/materia/o-primeiro-boom-de-corridas-no-brasil-%C2%96-parte-1-1979-1991/>. Acesso em 10 de junho de 2016.

ARAÚJO, Nelton. O Primeiro Boom de Corridas no Brasil: parte 1 - 1979-1991. **Contra-relógio**: leia e corra. Edição 265. Outubro, 2015b. Disponível em: <http://revistacontrarelogio.com.br/materia/o-primeiro-boom-de-corridas-no-brasil-parte-2-%C2%96-1993-2003/>. Acesso em 10 de junho de 2016.

ARSLAN, Luciana Mourão. Praticantes de arte: amadores da arte em cursos livres de pintura. **OuvirOUver**, v. 6, n. 1, 2010.

- BALTES, P.B.; BALTES, M. M.; FREUND, A. M.; LANG, F. **The measurement of selection, optimization, and compensation (SOC) by self report**: Technical report, 1999. Max-Planck-Institute für Bildungsforschung, 1999.
- BALTES, Paul B.; BALTES, Margret M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. **Successful aging: Perspectives from the behavioral sciences**, v. 1, p. 1-34. New York: Cambridge University, 1990.
- BANDURA, Albert. Perceived self-efficacy in the exercise of personal agency. **Revista Española de Pedagogía**, v. 48, n. 187, p. 397-427, 1990.
- BARKER-RUCHTI, N.; RYNNE, S. R.; LEE, J.; BARKER, D. M. Athlete learning in Olympic sport. **Sports Coaching Review**, v.3, n.2, 162-178, 2014.
- BARNEY, David; CHRISTENSON, Robert. Using Humor in Physical Education. **Strategies**, v. 26, n. 2, pp. 19 – 22, 2013.
- BARTRAM, Sherry A. Serious Leisure Careers Among Whitewater Kayakers: A Feminist Perspective. **World Leisure Journal**, v. 43, Iss. 2, 2001.
- BECKER, Howard Saul. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BECKER, Howard Saul. The Career of the Chicago Public Schoolteacher. **American Journal of Sociology**, Vol. 57, No. 5, The Sociological Study of Work, pp. 470-477, 1952.
- BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BLANKENSHIP, R. L. **Organizational Careers: an interactionist perspective**. **The Sociological Quarterly**. 14, pp. 88–98, 1973.
- BOERNER, K.; JOOP, D. Improvement/maintenance and reorientation as central features of coping with major life change and loss: contributions of three life-span theories. **Human Development**, v.50, n.4, 2007.
- BOWLING, Ann. Aspirations for older age in the 21st century: what is successful aging?. **The International Journal of Aging and Human Development**, v. 64, n. 3, p. 263-297, 2007.
- BOWLING, Ann; DIEPPE, Paul. What is successful ageing and who should define it? **BMJ: British Medical Journal**, v. 331, n. 7531, p. 1548, 2005.
- BRABHAM, Daren C. The myth of amateur crowds: a critical discourse analysis of crowdsourcing coverage. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 3, p. 394-410, 2012.
- BRAMANTE, Carlos A. O lazer levado a sério. **Agitação**. São Paulo. CIEE Nacional, 1999.
- BREEZE, Maddie. Analysing 'Seriousness' in Roller Derby: Speaking Critically with the Serious Leisure Perspective. **Sociological Research Online**, v. 18, n. 4, 2013.
- CACHIONI, Meire. Gerontologia Educacional/ Educação Gerontológica. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Palavras-chave em Gerontologia**. 3 ed. São Paulo: Alínea, 2008.

- CAISSIE, Linda T.; HALPENNY, Elizabeth A. Volunteering for Nature: motivations for participating in a biodiversity conservation volunteer program. **World Leisure Journal**, v. 45, Iss. 2, 2003.
- CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?** Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- CAMPBELL, Donald T. Social attitudes and other acquired behavioral dispositions. In: KOCH, Sigmund (ed.). **Psychology: a study of science**, v.6, New York, McGraw-Hill Book Co., 1963.
- CARTA DE OTTAWA. **Primeira Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde**. 1986. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf. Acesso em 18 de junho de 2016.
- CASTELLANI FILHO, Lino. As práticas corporais e seu processo de re-significação. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. (orgs.). **Práticas Corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física**. Florianópolis: Nauemflu Ciência & Arte, 2005.
- CASTILHO, César Teixeira. **Event Power: como gerenciar e manipular eventos globais. Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 347-352, jan./mar. de 2016.
- CHAGAS, Raíssa Ramos; RECHIA, Simone; DA SILVA, Emília Amélia Pinto Costa. Parkouritiba: Conexão entre Corpo, Cidade e Espaço. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 18, n. 4, p. 322-340, 2015.
- CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Bookman, 2009.
- COLLIN, Audrey; YOUNG, Richard A. New directions for theories of career. **Human Relations**, 39(9), pp. 837-853, 1986.
- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (CCE). **Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida**. Bruxelas: Comunidade Européia, 2000.
- CORPORE BRASIL. **Estatísticas: evolução de participantes das corridas organizadas pela Corpore (1994 a 2014)**. Disponível em http://www.corpore.org.br/cor_corpore_estatisticas.asp. Acesso em 17 de maio de 2016.
- COSTA, Vera Lúcia de Menezes. Jogos com Limites e Incertezas: a aventura e o risco de esportistas na montanha. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro. v. 1, n. 2, p.17-29, 2005.
- CRESWELL, John W.; PLANO CLARK, Vicki L. **Designing and Conducting Mixed Methods Research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2011.
- CROCKET, Hamish. 'I'm just going to be silly with this person': exploring the ethics of humour and irony in Ultimate Frisbee. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v.7, n.4, p. 557-572, 2015.
- DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, p. 39-56, 1997.

DEDERICH, Márcio. Espírito Corredor. Relargada. **Contra-Relógio**. Ano 17, n. 184, p.82, jan. 2009.

DILLEY, Rachel Elizabeth; SCRATON, Sheila Janet. Women, Climbing and Serious Leisure. **Leisure Studies**, v. 29, Iss. 2, 2010.

DOLL, Johannes. Educação, Cultura e Lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Pesrseu Abramo/SESC-SP, 2009.

DOLL, Johannes. O Campo Interdisciplinar da Gerontologia. In: PY, Ligia; PACHECO, Jaime Lisandro; SÁ, Jeanete Liasch Martins; GOLDMAN, Sara Nigri (Orgs.). **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. 2 ed. São Paulo: Setembro, 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERRIGNO, José Carlos. **Co-educação entre Gerações**. São Paulo: Vozes/SESC São Paulo, 2003.

FESTINGER, Leon. A Theory of Social Comparison Processes. **Human Relations**, v.7. 1954.

FLECK, Steven J.; KRAEMER, William J. **Fundamentos do Treinamento de Força Muscular**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FORQUIN, Jean-Claude. Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações. **Congresso Internacional Co-Educação de Gerações**. SESC São Paulo, outubro, 2003.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. London: Transaction, 2006.

GOFFMAN, Ervin. **A representação do eu na vida cotidiana**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOFFMAN, Ervin. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GRUNER, C.R. **The game of humor: a comprehensive theory of why we laugh**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1997.

HALL, O. The stages of a medical career, **American Journal of Sociology**, 53(5), pp. 327–336, 1948.

HALL, Stuart. El Trabajo de la Representación. In: **Sin Garantías: trayectorias y problemáticas em estudios culturales**. Popayán: Universidad Javeriana-Instituto de Estudios Peruanos - Universidad Andina Simón Bolívar – Envián, 2010. [pp.447-482].

HAMILTON-SMITH, Elery. In the Australian Bush: Some Reflections on Serious Leisure. **World Leisure & Recreation**, v. 35, n. 1, 1993.

HASTINGS, D. W.; KURTH, S. B.; SCHLODER, M.; CYR, D. **Reasons for participating in a serious leisure career**: comparison of Canadian and US Masters swimmers. *International Review for the Sociology of Sport*, 30(1), pp. 101–122, 1995.

HASTINGS, Donald W. The ethos of Masters swimming. *International Review of Sport Sociology*, 18(3), pp. 31–50, 1983.

HASTINGS, Donald W.; KURTH, Suzanne B.; MEYER, Judy. Competitive swimming careers through the life course. *Sociology of Sport Journal*, v. 6, n. 3, 1989.

HEO, Jinmoo; STEBBINS, Robert A.; KIM, Junhyoung; LEE, Inheok. Serious Leisure, Life Satisfaction, and Health of Older Adults. *Leisure Sciences*, v. 35, Iss. 1, 2013.

HEUSER, Linda. We're not too old to play sports: The career of women lawn bowlers. *Leisure studies*, v. 24, n. 1, p. 45-60, 2005.

HEWITT, J. P. **Self and Society**: a symbolic interactionist social Psychology. Boston: Allyn and Bacon, 2003.

HODKINSON, Phil; BIESTA, Gert; JAMES, David. Understanding Learning Culturally: overcoming the dualism between social and individual views of learning. *Vocations and Learning*, v.1, Iss. 1, pp 27–47, 2008.

HUGHES, Everett C. Institutional office and the person. *American journal of sociology*, p. 404-413, 1937.

HUGHES, Everett C. **Men and Their Work**. New York: The Free Press, 1958.

HUTCHEON, Linda. **Irony's Edge**: the theory and politics of irony. Routledge, 1995.

HUTCHINSON, Susan L.; KLEIBER, Douglas A. Gifts of the Ordinary: Casual Leisure's Contributions to Health and Well-Being. *World Leisure Journal*, v. 47, Iss. 3, 2005.

ILLERIS, Knud. Uma Compreensão Abrangente Sobre a Aprendizagem Humana. In: ILLERIS, Knud (org.). **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013.

KENDRA, Cherry. 2016. What Is Social Comparison Theory. **Very Well**. Disponível em: <https://www.verywell.com/what-is-the-social-comparison-process-2795872> . Acesso em maio de 2016.

KLEIBER, Douglas A. Taking leisure seriously: new and older considerations about leisure education. *World Leisure Journal*, v. 54, Iss. 1, 2012.

KNOWLES, Malcolm S. **Self-Directed Learning**: a guide for learners and teachers. Englewood Cliffs: Prentice Hall/Cambridge, 1975.

KNOWLES, Malcolm S.; HOLTON III, Elwood F.; SWANSON, Richard A. **The Adult Learner**: the definitive classic in adult education and human development. Elsevier, 2005.

LACERDA, Leonardo Lincoln Leite; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Marketing de Serviços de Lazer: estudo de caso do Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte. v. 8, n.4. **Pasos**, 2010.

LACERDA, Leonardo Lincoln Leite; VEIGA, Ricardo Teixeira. Museu e Marketing: elementos para a formação/atuação dos profissionais do lazer? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas. v. 29, n. 3, p.57-74, 2008.

LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana Marcia; ANTUNES, Priscilla de Cesaro; SILVA, Ana Paula Salles; LEITE, Jaciara Oliveira. O Termo Práticas Corporais na Literatura Científica Brasileira e sua Repercussão no Campo da Educação Física. **Movimento**, v. 16, n. 1, 2010.

LEWIS, Jan; PATTERSON, Ian; PEGG, Shane. The serious leisure career hierarchy of Australian motorcycle road racers. **World Leisure Journal**, v. 55, n. 2, p. 179-192, 2013.

LOURENÇO, Tomaz. Meia da Mizuno é grande sucesso, apesar dos “pipocas. **Contra-relógio: leia e corra**. Edição 262. Julho, 2015. Disponível em: <http://revistacontrarelogio.com.br/materia/meia-da-mizuno-e-grande-sucesso-apesar-dos-%C2%93pipocas%C2%94/> . Acesso em 10 de julho de 2016.”

MACHADO, Geraldo Ribas; PACHECO, Ariane Corrêa; DOLL, Johannes; TAGARRA, Leonel; SOUZA, Luciana Karine; STIGGER, Marco Paulo; OLIVEIRA, Saulo Neves. Serious Leisure Inventory and Measure (SLIM): a construção de um questionário e a lapidação de um olhar para o lazer. **Coletânea I Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (CBEL)**, Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MAJOR, Wayne F. The Benefits and Costs of Serious Running. **World Leisure Journal**, v. 43, Iss. 2, 2001.

MANOEL, Francisco de Assis. KRAVCHYCHYN, Ana Claudia Pelissari. ALVES, Júlio César Camargo. MACHADO, Fabiana Andrade. Influência do Nível de Performance na Estratégia de Ritmo de Corrida em Prova de 10 km de Corredores Recreacionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 2015 Jul-Set; v.29, n.3 pp.355-60.

MCGHEE, P. E. **Humor: Its origin and development**. San Francisco: Freeman, 1979.

MCQUARRIE, F.; JACKSON, E. L. Connections between negotiation of leisure constraints and serious leisure: an explanatory study of adult amateur ice skaters. **Society and Leisure**, 19(2), pp. 459–483, 1996.

MCQUARRIE, Fiona AE; JACKSON, Edgar L. Transitions in leisure careers and their parallels in work careers: The effect of constraints on choice and action. **Journal of Career Development**, v. 29, n. 1, p. 37-53, 2002.

MEAD, George H. **The Philosophy of the Act**. Chicago: The University of Chicago Press, 1938.

MORAN, Larry; ROTH, Gene. Humor in context: Fire service and joking culture. **New Horizons in Adult Education & Human Resource Development**, v. 25, n.3, pp. 14, 2013.

MURRAY, K. D. Justificatory accounts and the meaning of the marathon as a social event. **Australian Psychologist**, 20(1), pp. 61–74, 1985.

MYSKIW, Mauro; MARIANTE NETO, Flávio Py; STIGGER, Marco Paulo. Trabalhadores da Várzea: notas etnográficas sobre apropriação dos espaços de lazer para o trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2010, Itajaí. **Anais**. Itajaí, 2010. p.1.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. Lazer e Identidades: retratos etnográficos num circuito de futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.68-84, jan./abr. 2014.

NADAIS, Catarina; SANTOS, Norberto. O lazer, o erotismo e a sociedade contemporânea. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, v. 1, n. 1, p. 143 a 163, 2012.

NERI, Anita Liberalesso. Gerontologia/ Gerontologia Social/ Geriatria. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Palavras-chave em Gerontologia**. 3 ed. São Paulo: Alínea, 2008.

NOGUEIRA, Elisa; MOTTA, Paulo Cesar. A Corrida de Rua Como Experiência de Lazer Para Pessoas de Mais Idade: um estudo qualitativo no Rio de Janeiro. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, v. 13, n. 3, p. 02-11, 2014.

NOSOW, Sigmund; FORM, William H.(eds.). **Man, Work and Society**. New York: Basic Books, Inc. Polsky, Ned, 1962.

OKUMA, Silene Sumire. **O Idoso e a Atividade Física**: fundamentos e pesquisa. 5ed. Campinas: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, Saulo Neves. **Didática em um jogo online**: uma análise de League of Legends na Perspectiva do Lazer Sério. Monografia (Especialização em Mídias na Educação). UAB, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

OLIVEIRA, Saulo Neves. **Lazer Sério e Envelhecimento**: loucos por corrida. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Saulo Neves; DOLL, Johannes. Lazer Sério e Envelhecimento: dinâmicas em um grupo de corridas de rua. In: RIBEIRO, Jorge Alberto Rosa; RIBEIRO, Marlene. (Org.). **Trabalho, Movimentos Sociais e Educação**: redes de pesquisa. Porto Alegre: Itapuy, 2011.

OLIVEIRA, Saulo Neves; DOLL, Johannes. O Lazer Sério de Robert A. Stebbins. **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.1, mar. 2014.

OLIVEIRA, Saulo Neves; DOLL, Johannes. Serious Leisure. **Movimento** (ESEF/UFRGS), v. 18, n. 1, p.325-338, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde / World Health Organization. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PACHECO, Ariane Corrêa; STIGGER, Marco Paulo. “É Lazer, tudo bem, mas é sério”: notas sobre lazer a partir do cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. **Movimento**, v. 22, n. 1, p. 129-142, 2016.

PARADIZO, Fernanda. Pipocas, uma praga das corridas brasileiras. **Contra-relógio**: leia e corra. Edição 271. Abril, 2016. Disponível em:

<http://revistacontrarelogio.com.br/materia/%C2%93pipocas%C2%94-uma-praga-das-corridas-brasileiras/>. Acesso em 10 de junho de 2016.

PARKER, S. Serious Leisure - A Middle-Class Phenomenon? **Leisure Studies Association (LSA)**; 49; 327-332; Vol 2, International conference; 3rd, Vol 2, 1996.

PATTERSON, Ian; PEGG, Shane. Serious leisure and people with intellectual disabilities: benefits and opportunities. **Leisure Studies**, v. 28, Iss. 4, 2009.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative evaluation & research methods**. 3ed. Thousand Oaks: Sage, 2002.

PAZIN, Joris; DUARTE, Maria de Fátima da Silva; POETA, Lisiane Schilling; GOMES, Marcius de Almeida. Corredores de Rua: características demográficas, treinamento e prevenção de lesões. In: **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**. Florianópolis: UFSC, v.10, n.3. 2008. Disponível em www.periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/4210/3516. Acesso em 30 de dezembro de 2008.

PEIXOTO, Elza. Levantamento do estado da arte nos estudos do lazer:(Brasil) séculos XX e XXI: alguns apontamentos. **Educação e Sociedade**, v. 29, n. 99, p. 561-586, 2007.

PINTO DOS SANTOS, Norberto. A Gestão das Bacias Hidrográficas e a Valorização Turística dos Ambientes Fluviais: o rio Mondego. **Revista Geonorte**, v. 4, n. 4, p. 210-219, 2012.

PRUS, R. Career contingencies: examining patterns of involvement. In: THEBERGE, N.; DONNELLY, P. (Eds). **Sport and the Sociological Imagination**. pp. 297–317. Fort Worth, TX: Texas Christian University Press, 1984.

ROBINSON, Vera M. **Humor and the health professions: the therapeutic use of humor in health care**. Slack: New Jersey, 1991.

ROJEK, Chris. **Event power: how global events manage and manipulate**. London: Sage, 2013.

ROJEK, Chris. **Leisure and Culture**, New York: Palgrave, 2000.

RONGLAN, Lars Tore; AGGERHOLM, Kenneth. 'Humour helps': Elite sports coaching as a balancing act. **Sports Coaching Review**, v.3, n.1, p.33-45, 2014.

ROWE, John W.; KAHN, Robert L. Human aging: usual and successful. **Science**, v. 237, n. 4811, p. 143-149, 1987.

ROWE, John W.; KAHN, Robert L. **Successful Ageing**. Pantheon, New York, 1998.

SALGADO, José Vítor Vieira; CHACON-MIKAHIL, Mara Patrícia Traina. Corrida de Rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Conexões**. v.4, n.1. 2006.

SERAFIM, Lucas Almeida; DE ARAÚJO FREIRE, Gustavo Henrique. Competências em informação e lazer levado a sério: um novo espaço de interlocução. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 10, n. 1, 2015.

SHEEHAN, George A. **Correr é Preciso**. Brasília: Die Presse, 1996.

SIEGENTHALER, Kim L.; O'DELL, Irma. Older Golfers: serious leisure and successful aging. **World Leisure Journal**, v. 45, n. 1, p. 45-52, 2003.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. (orgs.). **Práticas Corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física**. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.

SILVERMAN, David. **Interpretação de Dados Qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVERMAN, David. **Um livro bom, pequeno e acessível sobre pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SIVAN, Atara. Rede Inclusiva Multifacetada: Organização Mundial de Lazer – Grupo de Pesquisa Hong Kong. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 2, n. 2, p. 15-25, 2016.

SNYDER, E. F. The social world of shuffleboard: participation by senior citizens. **Urban Life**. 15(2), pp. 237–253, 1986.

SPIRDUSO, Waneen Wyrick. **Dimensões físicas do Envelhecimento**. Baureri: Manole, 2005.

STEBBINS, Robert A. **Amateurs: professionals and serious leisure**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1992.

STEBBINS, Robert A. **Between Work and Leisure: the common ground of two separated worlds**. New Jersey: Transaction, 2014a.

STEBBINS, Robert A. Career: The Subjective Approach. **The Sociological Quarterly**, v. 11, n. 1, p. 32-49, 1970.

STEBBINS, Robert A. **Careers in Serious Leisure: from dabbler to devotee in search of fulfillment**. London: Palgrave MacMillan, 2014b.

STEBBINS, Robert A. Casual Leisure: a conceptual statement. **Leisure Studies**, v. 16, Iss. 1, 1997.

STEBBINS, Robert A. Comic Relief In Everyday Life: Dramaturgic Observations On A Function Of Humor. **Symbolic Interaction**, v. 2, n. 1, pp. 95-104, 1979.

STEBBINS, Robert A. Educação para a Autorrealização: processo e contexto. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 3, 2015.

STEBBINS, Robert A. **Exploratory Research in the Social Sciences**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001.

STEBBINS, Robert A. Fitting in: the researcher as learner and participant. **Quality and Quantity**, 21, pp. 103–108, 1987.

- STEBBINS, Robert A. Lazer e felicidade. **ComCiência**, n. 161, 2014c.
- STEBBINS, Robert A. Quando o Trabalho é Essencialmente Lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, p. 42-56, 2014d.
- STEBBINS, Robert A. Serious Leisure. In: ROJEK, Chris; SHAW, Susan M.; VEAL, A.J. A. (Eds.). **Handbook of Leisure Studies**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.
- STEBBINS, Robert A. **Serious leisure**: A conceptual statement. *Pacific Sociological Review*, 25, pp. 251-272. 1982.
- STEBBINS, Robert A. **Serious Leisure: a perspective for our time**. New Jersey: Transaction, 2008.
- STEBBINS, Robert A. **The Idea of Leisure**: first principles. New Jersey: Transaction, 2012.
- STEPHENSON, Peter H. Age and Time: contesting the paradigm of loss in the age of novelty. In: GRAHAM, Janice E.; STEPHENSON, Peter H. (eds.). **Contesting Aging and Loss**. Toronto: University of Toronto, 2010.
- STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.
- STIGGER, Marco Paulo. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**. Porto Alegre, v. 4, n.7, p. 52-66, 1997.
- STIGGER, Marco Paulo. **Lazer, Cultura e Educação**: possíveis articulações. 2009.
- TAVORY, Iddo. The situations of culture: humor and the limits of measurability. **Theory and Society**, v. 43, n. 3, pp. 275 - 289, 2014.
- TURRA, Cássio M. Prefácio. In: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Novo regime demográfico**: uma nova relação entre população e desenvolvimento? Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- UNRUH, David R. Characteristics and types of participation in social worlds. **Symbolic Interaction**, v. 2, n. 2, p. 115-130, 1979.
- UNRUH, David R. The nature of social worlds. **Pacific Sociological Review**. v.23, n.03, p.271-296, 1980.
- VIANNA, Luciano von der Goltz; ECKERT, Cornelia. Projetos para envelhecer: etnografia das formas de sociabilidades e das trajetórias de vida de veteranos do remo. **Iluminuras**, v. 12, n. 28, 2011.
- VILLAR, Feliciano. Successful Ageing and Development: the contribution of generativity in older age. **Ageing and Society**, v. 32, n. 7, pp. 1087-1105, 2012.
- VOGT, Paul W. **Dictionary of statistics & methodology**: a nontechnical guide for the social sciences. 3 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1999.

WANZER, M; BOOTH-BUTTERFIELD, M; BOOTH-BUTTERFIELD, S. "If We Didn't Use Humor, We'd Cry": Humorous Coping Communication in Health Care Settings. **Journal of Health Communication**, v. 10, n. 2, pp.105-125, 2005.

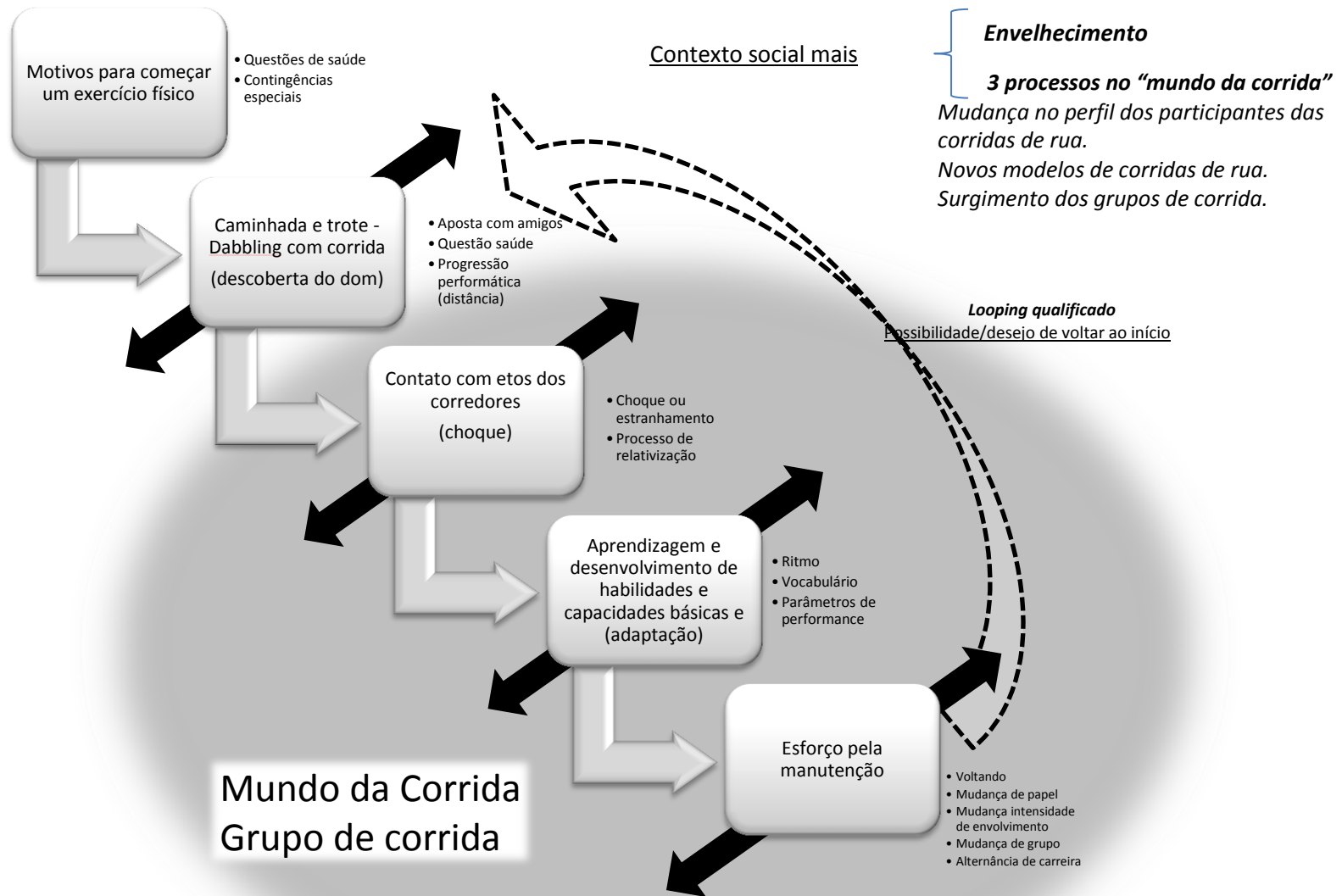
WEAVER, Richard L.; COTRELL, Howard W. Ten specific techniques for developing humor in the classroom. **Education**. v.108, n.2, p. 167, 1987.

ZAMBELLI, Túlio Mateus; NETO, Flávio Py Mariante. A natação máster no debate acadêmico. **Revista Didática Sistemica**, v. 15, n. 2, p. 35-44, 2014.

ZANDBERG, Eyal. Critical laughter: humor, popular culture and Israeli Holocaust commemoration. **Media, Culture & Society**, v. 28, n. 4, pp. 561 - 579, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE I – MODELO DE CARREIRA DOS CORREDORES



ANEXOS

ANEXO A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: ***Lazer Sério e Envelhecimento Bem-sucedido: a carreira de lazer em um grupo de corrida de rua.***

Nome do Pesquisador: Saulo Neves de Oliveira

Nome do Orientador: Dr. Johannes Doll

- 1. Natureza da pesquisa:** o senhor está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade compreender o lazer sério de corredores praticantes de corrida de rua.
- 2. Participantes da pesquisa:** ao longo da pesquisa, serão entrevistadas pessoas reconhecidas como praticantes de corrida de rua.
- 3. Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo, o senhor permitirá que o pesquisador utilize, sem lhe identificar, os dados coletados nas entrevistas em sua tese de Doutorado. O senhor tem liberdade de se recusar a participar e, ainda, recusar-se a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o senhor. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador do projeto.
- 4. Sobre as entrevistas:** as entrevistas sempre serão realizadas em data e horário sugeridos pelo entrevistado, estando o entrevistado livre para interromper a qualquer momento a entrevista.
- 5. Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
- 6. Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e o orientador terão conhecimento dos dados brutos.
- 7. Benefícios:** ao participar desta pesquisa o senhor não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a temática

do lazer e envelhecimento, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para uma reflexão mais aprofundada sobre as possibilidades de um processo de envelhecimento bem-sucedido a partir de práticas de lazer. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

- 8. Pagamento:** o senhor não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa e declaro ter recebido uma cópia do presente termo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador Responsável

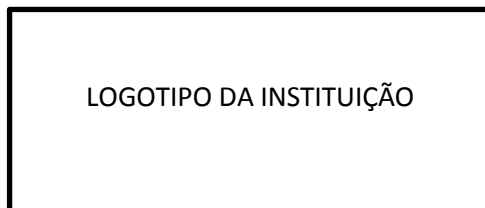
TELEFONES

Pesquisador: (51) 3308.3428

Pesquisador Responsável: (51) 3308.4144

Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS: (51) 3308.3738

**ANEXO B – MODELO TERMO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO
ENVOLVIDA NA PESQUISA**



DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA

Com o objetivo de atender às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o representante legal do grupo de corrida “Nome do grupo”, que está envolvido no projeto de pesquisa intitulado “**NOME DA PESQUISA**” declara estar ciente e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos envolvidos que no desenvolvimento do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da Resolução 466/2012 e outras afins emanadas do Conselho Nacional de Saúde, realizando observações diretas e entrevistas como forma de obter dados qualitativos, com cerca de 10 pessoas identificadas como praticantes de corrida de rua.

Porto Alegre, dd/mm/aaaa.

Saulo Neves de Oliveira / Pesquisador

Dr. Johannes Doll / Professor orientador

Assinatura do responsável pela instituição participante

Nome: _____

Cargo: _____

Instituição: _____

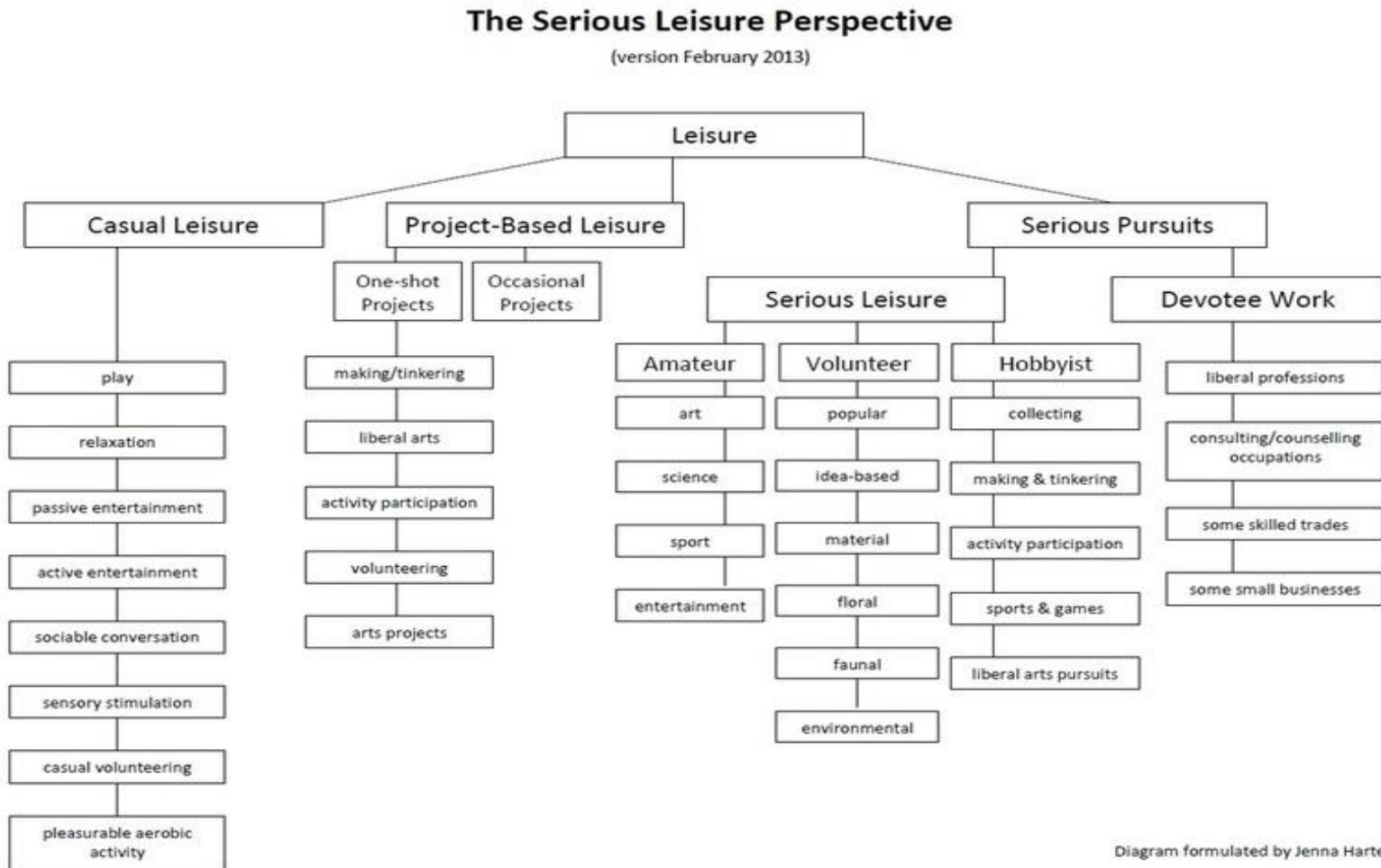
Número de Telefone: _____

ANEXO C – CATEGORIAS E FAIXAS ETÁRIAS NAS CORRIDAS DE RUA

Categoria	Masculina <i>Faixa Etária</i>	Feminina <i>Faixa Etária</i>
A	<i>16 a 19 anos</i>	<i>16 a 19 anos</i>
B	<i>20 a 24 anos</i>	<i>20 a 24 anos</i>
C	<i>25 a 29 anos</i>	<i>25 a 29 anos</i>
D	<i>30 a 34 anos</i>	<i>30 a 34 anos</i>
E	<i>35 a 39 anos</i>	<i>35 a 39 anos</i>
F	<i>40 a 44 anos</i>	<i>40 a 44 anos</i>
G	<i>45 a 49 anos</i>	<i>45 a 49 anos</i>
H	<i>50 a 54 anos</i>	<i>50 a 54 anos</i>
I	<i>55 a 59 anos</i>	<i>55 a 59 anos</i>
J	<i>60 a 64 anos</i>	<i>60 anos em diante</i>
K	<i>65 a 69 anos</i>	-
L	<i>70 anos em diante</i>	-

Fonte: Clube dos Corredores de Porto Alegre (CORPA). Site <http://www.corpa.esp.br/>.

ANEXO D – DIAGRAMA DA PERSPECTIVA DO LAZER SÉRIO (PLS)



Fonte: *The Serious Leisure Perspective Website*, www.seriousleisure.net.